

DI RECÇÃO - GERAL DO ENSINO BÁSICO

MÓDULO

O ESTUDO DO MEIO

Georg-Eckert-Institut
für internationale
Schulbuchforschung
Braunschweig
Schulbuchbibliothek

8615716

Z-5

" O ESTUDO DO MEIO, O ESTUDO CULTURAL DO MEIO, QUERO EU DIZER, AQUELE EM QUE A FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO ESTÃO INSEPARAVELMENTE LIGADAS, É O COMEÇO E O FIM DE TODA A EDUCAÇÃO QUE PRETENDE ESTAR À ALTURA DAS EXIGÊNCIAS DE UMA ÉPOCA E DE UMA CIVILIZAÇÃO. "

A. Clause, Philosophie de l'étude du milieu, ed. du Scarabée.

[Erziehungsministerium]
Generaldirektion für Basis-
unterricht

Muster

[Lissabon], 1983/84

P
Z-5(1,8314)

ÍNDICE

- 1 - NOTA INTRODUTÓRIA
- 2 - OBJECTIVOS
- 3 - BIBLIOGRAFIA
- 4 - DOCUMENTAÇÃO
 - 4.1 - Objectivos gerais do Ensino Preparatório
 - Objectivos da disciplina de Estudos Sociais/História
 - 4.2 - Textos teóricos de âmbito geral:
 - 4.2.1 - "A verdadeira educação começa..."
 - 4.2.2 - Ambiente e meio.
 - 4.2.3 - O interesse cultural ,pedagógico e social do estudo do meio.
 - 4.2.4 - Estudo do meio e programação.
 - 4.2.5 - Estudo do meio.
 - 4.2.6 - A iniciação experimental nas turmas de 6^{ème} e 5^{ème}.
 - 4.2.7 - O documento e as actividades do despertar.
 - 4.2.8 - Como conceber os estudos de dominante científica nos meios naturais.
 - 4.2.9 - Para uma abordagem histórica dos patrimónios culturais locais
 - 4.3 - Monografia:
 - 4.3.1 -
 - 4.3.2 -
 - 4.3.3 -
 - 4.3.4 -
 - 4.3.5 -
 - 4.3.6 -
 - 4.3.7 -
 - 4.4 - Didáctica do estudo do meio:
 - 4.4.1 - A escola e o museu ou a indiferença recíproca.
 - 4.4.2 - Métodos e técnicas de investigação.
 - 4.4.3 - Entrevistas.
 - 4.4.4 - Acerca da importância da experiência dos professores.
 - 4.4.5 - As actividades do despertar no ensino preparatório.
 - 4.4.6 - Preparação de uma visita de estudo.

4.5 - Proposta de actividades de exploração do meio(tendo em conta o programa de Estudos Sociais/História):

- 4.5.1 - Uma visita multidisciplinar.
- 4.5.2 - Os espaços verdes.
- 4.5.3 - Visita de estudo.
- 4.5.4 - Uma exploração de tipo familiar.
- 4.5.5 - O porto de pesca.
- 4.5.6 - Visita de estudos à fábrica de massas alimentícias.
- 4.5.7 - "Nasci em...".
- 4.5.8 - A evolução da vida quotidiana desde o começo do século.
- 4.5.9 - Da aldeia à cidade.
- 4.5.10 - As antigas feiras de uma aldeia.

5 - PROPOSTAS DE ESTRATÉGIA

- 5.1 - O estudo do meio: finalidades - fins - objectivos.

6 - AVALIAÇÃO DO MÓDULO

NOTA INTRODUTÓRIA

O Gabinete de Estudos Sociais/História propõe-se, na continuação do apoio à distância que tem vindo a dispensar aos professores desta disciplina, enviar um módulo sobre o estudo do meio.

Os objectivos da disciplina de Estudos Sociais/História são explícitos no que se refere à necessidade de uma tomada de consciência dos factos da vida quotidiana e à descoberta pelo aluno das soluções dadas pelo Homem aos seus problemas económicos, sociais, políticos, culturais, tornando-o consciente e participante na comunidade. Assim o estudo do meio impõe-se, ao professor como um recurso didáctico para a consecução dos objectivos da disciplina e, implicitamente, dos objectivos gerais do Ensino Preparatório (vide documentos 1 e 2). Compete portanto aos professores reflectir sobre os objectivos, métodos e instrumentos de trabalho num esforço conjunto, disciplinar e interdisciplinar, no conhecimento e aproveitamento do meio. Este estudo não deve limitar-se exclusivamente ao meio local, mas deverá ser um ponto de partida para o conhecimento e compreensão de outros meios.

Para além do mais, se a atitude pedagógica que mais convém aos educadores é a de conhecer e compreender a identidade cultural dos seus educandos, nenhum professor a poderá assumir se não tiver um conhecimento da realidade de que os seus alunos são parte integrante, respeitando e preservando os seus valores culturais.

Conscientes de que o professor deve ser cada vez mais um pesquisador e um animador que, debruçado sobre o passado e o presente da região onde exerce a sua actividade, aí procura novas motivações para o seu ensino, propomos que, para um correcto e eficaz aproveitamento do tema, se vá construindo uma MONOGRAFIA DA LOCALIDADE, que será enriquecida com novas "descobertas". Este instrumento de trabalho poderá servir ainda de "carta de apresentação" aos novos professores e ser uma sugestão de actividade a desenvolver na ocupação dos tempos livres.

Este módulo, para além de uma parte teórica, é constituído por exemplos práticos que procuram abordar a exploração de vários tipos de meio, embora não de uma forma exaustiva, a fim de não limitar a criatividade e poder de iniciativa, que pretendemos estimular.

Dado o âmbito e a problemática do tema em estudo este módulo será enviado por partes, que se interarrarão na sua estrutura de acordo com o código indicado.

Tal como nos módulos anteriores, solicitamos aos colegas o envio de novos textos, relatos de experiências, monografia, indicação bibliográfica, sugestões de trabalho, que contribuirão para o seu enriquecimento.

Deverá o delegado dar a conhecer o conteúdo do módulo, arquivando-o depois em local acessível para consulta dos professores. À medida que for surgindo novo material terá o cuidado de o ir integrando.

OBJECTIVOS

- 1 -Consciencializar-se da importância do conhecimento do meio tendo em vista uma correcta acção educativa.
- 2 -Possibilitar ao professor meios para a concretização desse conhecimento.
- 3 -Sugerir perspectivas de aproveitamento pedagógico-didáctico do meio.

BIBLIOGRAFIA

- ADELL, José Sánchez - Didáctica de la Historia. Ambar Ediciones, Valencia, 1977
- BASSIS, Henri - Decouverte du milieu et travaux scientifiques, les Cahiers de l'école e la vie nº6. Armand Colin, Bourreliner, Paris, 1970
- BEST, Francine - Por uma pedagogia do despertar. Livros Horizonte, 1980
- BETHLEM, Nilda - Estudos Sociais. Livraria José Olímpio, Editora S.A. Brasil, 1975
- BLOT, Bernard; FERRAN, Pierre et PORCHER, Louis - Pedagogia do meio ambiente. Ed. Socicultur, Lisboa 1977
- CAHIERS PEDAGÓGIQUES - Nº145 , Junho 1976
Nº167 , Outubro 1978
Nº135 , Junho 1975
- CIARI, Bruno - As novas técnicas didáticas. Ed. Estampa, Lisboa, 1978
- CLARION- La localidad y su entorno: programación para su estudio en la escuela. Instituto de Ciencias de la Educacion, Univ. de Zaragoza.
- CLAUSSE, A. - Philosophie de l'étude du milieu. Ed. du Scarabée, 1960
- CONSEIL de L'EUROPE - Comment visiter un musée, 1970
- DEBESSE-ARVISET, M.L. - A Geografia na escola. Livraria Almedina, Coimbra, 1978
- DOTTRENS, Robert - Educar e instruir III. Ed. Estampa, 1974
- FREMONT, Armand - A região, espaço vivido. Liv. Almedina, Coimbra, 1980
- GEORGE, Pierre - L'environnement. P.U.F., 1976
- JUÁREZ, Elena M.E. de - Estudio Dirigido 2. Cuadernos Pedagógicos nº19, Kapelusz, Buenos Aires, 1972
- LEAL, Pinho - Portugal antigo e moderno. Lisboa 1875
- L'ECOLE et LA VIE - nº3 , Nov. 1972
nº5 , Fev. 1981
nº7 , Mar. 1973
nº7 , Abr. 1978
nº9 , Jun. 1978
- LEGRAND, L. - Pour une pedagogie de l'étonnement. Ed. Delachaux, Niestlé, 1960

- LEROY, Gilbert - La conquête de l'environnement, l'étude des faits.
Maison d'édition A. de Boeck, Bruxelles. 1975.
- Les Amis de Sèvres - nº2 Junho 1972.
nº4 Dezembro 1980.
- LIMA, Marinus Pires de - O inquérito sociológico. Ed. Presença. Lisboa 1981.
- LUC, Jean-Noel - L'Histoire par l'étude du Milieu. Collection Science de l'Education. Les éditions ESF, Paris, 1978.
- Manual da Unesco para o ensino da Geografia, Ed. Estampa, Unesco, 1965.
- MARÉCHAL, Paul - Comment enseigner l'histoire locale et regionale, Bibliothèque Pédagogique, nº3 Fernand Nathan Ed.
- MARIET, François, et PORCHER, Louis - Apprendre à devenir citoyen à l'école. Les Éditions ESF., Paris, 1978.
- MICHAELIS, John - Estudos Sociais para Crianças numa democracia. Ed. Globo, Porto Alegre.
- PINTO, José Madureira, ALMEIDA, João Ferreira - A investigação nas Ciências Sociais, Ed. Presença. Lisboa, 1976.
- PRESTON, Ralph C. - Ensinando Estudos Sociais na Escola Primária. Ed. Fundo da Cultura.
- Revista O PROFESSOR nº36, Janeiro 1982
nº38, Março 1982.
- RODRIGUES, G. e PEREIRA, E. - Portugal. Dicionário, Histórico, Chorográfico, Biográfico, Heraldico, Numismático e artístico. Lisboa, 1911.
- RODRIGUEZ, Juan Jose - Como organizar e planificar un club científico Cuadernos Pedagógicos, nº 17. Ed. Kapeluz, Buenos Aires
- SIMODIN, Michel; MOUSSET, Roland; FERRAN, Pierre; PORCHER, Louis - Pour comprendre et pratiquer les activités d'éveil, Cahiers de Pédagogie Moderne, Collection Bourrelier, Librairie Armand Colin, Paris, 1971.
- Tesouros Artísticos de Portugal - Selecções do Reader's Digest.
- TROUX, Albert - La géographie et l'histoire locales. J.B. Brillière et Fils Editeurs, 1972.
- VERCHER, Manuel Rico - Diálogo con la Comunidad. Miñon, S.A., Valla-

dolid. 1971.

VILLIN, Marc - Découverte de l' environnement géographique, Les Cahiers de l'École et la Vie, n° 10, Armand Colin - Bourrelier, Paris, 1971.

JOURNAL DES INSTITUTEURS ET DES INSTITUTRICES - n°3, 1979

ΟΔΥΣΣΕΥΣ

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

1 – OBJECTIVOS DO PROGRAMA PROPOSTO

- a) Aquisição de conceitos fundamentais respeitantes à vida humana em sociedade.
- b) Identificação dos problemas que constituem os principais vectores da vida humana.
- c) Aquisição e desenvolvimento das capacidades de análise e de crítica de situações e problemas da vida actual, através dos meios de informação.
- d) Compreensão dos principais factores do complexo português actual.
- e) Aquisição de conceitos e conhecimentos fundamentais que virão proporcionar aos alunos uma participação activa na vida comunitária como cidadãos portugueses.
- f) Aquisição de conhecimentos sobre modos de solução de problemas vitais para a sociedade portuguesa em épocas passadas tendo em vista a compreensão de padrões da cultura portuguesa.
- g) Aquisição de técnicas de estudo que proporcionem uma aprendizagem significativamente realizada pelos alunos.
- h) Experiências de clarificação dos próprios valores dos alunos, através de contactos com os padrões da cultura portuguesa.
- i) Experiências de tomadas de decisão que eduquem o sentido da responsabilidade e preparem as crianças para uma futura participação consciente na vida social e política do país.

1 - INTRODUÇÃO

Os princípios básicos em que assentou esta reformulação de programas foram os seguintes:

- concepção da escola mais como agente de transformação do que como meio de transmissão de conhecimentos;
 - realização duma aprendizagem de base conseguida por uma gama de actividades que permita a satisfação de necessidades e interesses diferenciados;
 - exigência de programas flexíveis que se coadunem com a realidade: características locais e pontos de partida e ritmos de aprendizagem diversificados;
 - importância dominante dos aspectos relativos ao desenvolvimento das capacidades de análise e de síntese e ao estímulo de criatividade, da livre crítica, do sentido de responsabilidade e da capacidade de integração em grupo.
- 1.1 - Daqui decorre a necessidade de promover a consciencialização da criança relativamente ao que a rodeia, no sentido de lhe inculcar a noção de responsabilidade perante o meio ambiente, a sociedade e a cultura em que se insere.
 - 1.2 - Dessa responsabilização se infere toda a necessidade de educar civicamente a criança, mostrando-lhe como é agente dinâmico das transformações desse meio, dessa sociedade e dessa cultura.
 - 1.3 - Como agente transformador do meio em que vive, é preciso levá-la à descoberta dos valores humanos que devem orientar e dirigir essa transformação, cujo motor terá de ser a energia e a criatividade do homem.
 - 1.4 - A criança sentirá, assim, que o seu próprio trabalho é fundamental para as transformações de que o país carece. Implicitamente surge a dignificação do conceito de trabalho não hierarquizado.
 - 1.5 - Interessa mais proporcionar à criança os instrumentos de subsistência intelectual do que transmitir-lhe uma série de conhecimentos que ficam em compartimento estanco, não utilizáveis - mero luxo que não constitui saber nem cultura - na medida em que não chegam a integrar-se.
 - 1.6 - A criança deve ficar apta a compreender quais as motivações profundas da sua vida, qual o sentido em que deve agir, em que espécie de mundo quer viver, dependendo de si própria as modificações a operar. É essa abertura, esse construir-se como ser humano responsável que importa e não um armazenamento passivo de saber.
 - 1.7 - Nesta fase o ensino deve apontar para um abrir de caminhos, um perspectivar de problemas actuais, que permitam à criança, mais tarde, compreender as suas próprias motivações e delinear rumos segundo os seus próprios interesses.
 - 1.8 - Assim, cada criança poderá construir o seu mundo de valores de modo a fazer uma opção consciente e não uma adesão passiva. Para isso precisa de saber ver, saber escolher, saber inventar.
 - 1.9 - É fundamental que os professores procurem delinear, em conjunto, os domínios que constituem os objectivos das aprendizagens a realizar, para que todos os esforços se conjuguem e não se desviem da finalidade comum.
Sugere-se para tal a utilização das reuniões previstas no art.º 14.º do Estatuto do Ensino Preparatório.
Para além de uma integração interdisciplinar a nível de matérias que constituam as aprendizagens, importa uma orientação educativa conjunta a nível de atitudes.
 - 1.10 - Um ensino acessível para esta fase pressupõe um aumento da sua qualidade, sem de forma alguma ignorar que há degraus que a criança tem necessariamente de percorrer e que a maioria das nossas crianças está diminuída a nível físico e intelectual.
 - 1.11 - Num futuro mais ou menos próximo, alteradas estas condições, há que repensar os princípios básicos que presidiram à presente reformulação.

" A verdadeira educação começa quando se abordam inteligentemente autênticos problemas, se pensa neles e se faz alguma coisa para os resolver... e é na vida real que esses problemas abundam".

Olsen - La escuela y la comunidad.

Se acreditamos nas palavras de Olsen, compreendemos quanto importa que a escola se acerque do meio e com ele estabeleça uma estreita e contínua relação.

A aula tradicional serviu, e serve, um programa educacional do "senta-te e aprende" (Somm).

Ao processo meramente informativo e propedêutico da " escola antiga ", a escola de hoje terá cada vez mais que contrapor um processo formativo e integrador do professor e do aluno no meio, na sociedade.

Portanto, na acção educativa dos nossos dias será necessário o contacto constante da criança com a realidade. Só desta maneira procederemos à formação de homens capazes de compreender o mundo que os rodeia, condição indispensável para que o amem, defendam e participem eficazmente na construção das comunidades a que pertencem. Cada aldeia, cada vila, cada cidade é um espaço peculiar consagrado nas suas tradições e nos seus costumes ancestrais e projectando-se no futuro dos seus anseios próprios. É esta peculiaridade que nos obriga ao estudo do meio concreto, vivido, um estudo dinâmico que se vai construindo passo a passo com recolha de elementos arrancados à vivência quotidiana, num desenhar contínuo dos fios que os ligam ao passado.

Só conhecendo o passado do meio concreto em que vivemos, percebemos o presente e poderemos ser elementos actuantes na construção do futuro.

Só conseguida esta dinâmica, os professores estarão aptos a envolver nela os seus alunos de forma a dar sentido às palavras de Paulo Freire: "A educação é a aprendizagem que se faz para assumir uma atitude crítica perante o que nos rodeia".

E o meio nas suas múltiplas variantes oferece um sem número de enigmas, de questões, que na rua, no campo, no centro de trabalho, em casa, fazem pensar, procurar, seleccionar, interpretar, resumir, na procura de respostas mais adequadas.

Há portanto que traçar os caninhos que possibilitem uma verdadeira integração Aluno-Escola-Comunidade e criar situações motivadoras que despertem na criança o interesse para conhecer e compreender a realidade que a envolve.

É óbvio que cada Escola em diálogo com a Comunidade encontrará os seus próprios caminhos, tendo sempre presente que o meio é fonte inesgotável de recursos pedagógicos, possibilitando o atingir de metas como o amor pela comunidade, e estimular da curiosidade, o exercício da responsabilidade, a socialização, a originalidade o desenvolvimento de modos de expressão, a formação do espírito científico, assim como tantas outras.

AMBIENTE E MEIO

A primeira tentativa de definição por oposição, respeita às diferenças a fazer entre ambiente e meio. Precisamos primeiro sublinhar que esta anfibologia resulta, a nível geral:

- da pragmância do primeiro destes termos que, em matéria de ecologia, toma uma significação bem precisa;
- da polissemia do segundo. O "meio" é uma destas palavras cujo uso se diversifica, cuja acção se dilata: a noção de "meio" tem actualmente mais extensão, logo menor compreensão que a de "ambiente".

O ambiente, neste caso, é formado por uma sucessão de "escamas" biotópicas. Dá ideia de uma certa compenetração entre o ser e o contexto material, físico e vivo, no qual o primeiro evolui, ao mesmo tempo que sugere a interdependência dos diferentes níveis de vida, a existência de cadeias biológicas cujas múltiplas espécies constituem anéis indestrutíveis.

Os teóricos actuais da pedagogia - e isto manifesta-se ao nível das actividades de iniciação - empregam, a maioria das vezes indiferentemente, (e sem darem definições precisas) ambiente e meio. Parecem estar ainda cegos pelo estudo do meio, que se encontrava já em lugar de honra em Dewey e de que Freinet fez o centro dos seus métodos activos, sem distinguir bem aliás, o primeiro contacto com o meio (que é o aspecto indutor e prereflexivo) do estado do meio (que só pode vir em seguida porque constitui, após esta confrontação um pouco às cegas seguida de uma tomada reflexiva, o ataque metódico e ordenado dum certo número de problemas).

No nosso entender, se o significado destes dois termos se aproxima (e o seu acordo é recente), convém apesar de tudo distinguir quando os empregamos, o facto de que ao ambiente se liga - como disse-mos acima - a ideia de uma compenetração entre o ser e o meio, e que é possível considerar o primeiro como a projecção consciente e mediado-

ra de si sobre o meio: "Para o professor, o meio deve ... primeiro ser tomado na sua incarnação psicológica. É a criança quem exprimirá o que vê e sente e estes dados serão cuidadosamente recolhidos pelo professor". (1)

Esta distinção entre o meio, contexto material e físico mais vivido que actuante, e o ambiente, espécie de réplica enriquecida, contexto biológico e social, "rico de todas as virtualidades, hoje eco sonoro de toda a sociedade"(1), por ínfima que pareça, permite mesmo assim, pedagogicamente, conceber que é através desta incarnação psicológica que o professor se poderá pôr maior número de perguntas pertinentes, a saber entre outras: que o meio percebido pela criança é muitíssimo diferente da imagem ordenada que lhe oferecem as ciências tradicionais e que em consequência disso:

1. é ilusório impôr um esquema explicativo anterior a todo um exercício individual e autónomo da reflexão e da sensibilidade;
2. convém partir do que é expresso pela criança, isto é, da realidade que ela vê e sente; permitir-lhe assim ser e tornar-se uma pessoa. E não o inverso: procurar mostrar-lhe unicamente o que nós vemos, sentir o que sentimos, para o levar a exprimir o que desejamos.

(1) Rôbert Lemair, Le juste milieu, in Education et développement, Abril 1973

adaptado de PORCHER, Louis/FERRANT, Pierre/
/BEOT, Bernard, Pedagogia do meio ambiente. Ed.
Sociocultur, Lisboa, 1977.

O INTERESSE CULTURAL, PEDAGÓGICO E SOCIAL DO ESTUDO

DO MEIO LOCAL

1. CULTURA PESSOAL E ESTUDO DO MEIO

Não é desejável nem mesmo admissível que o educador viva alheado num local, no meio dos homens cujos filhos pretende instruir e educar. Quer seja colocado por um ano, quer se fixe vários anos, quer se enraíze no local definitivamente, deve interessar-se por tudo o que o rodeia: as coisas, as pessoas, os trabalhos e os dias, os utensílios e os géneros de vida, o antigo e o actual. É pela curiosidade atenta e empática para com o meio onde está inserido que encontrará uma cultura mais profunda, a vida e eficácia do seu ensino, as bases da sua influência.

O saber do professor recém-formado, demasiado livresco, demasiado dogmático, demasiado geral apesar das inovações recentes da pedagogia, tem necessidade de se enriquecer concretamente, em contacto com as realidades do mundo físico e humano: a realidade da natureza que o rodeia, a realidade das crianças a quem a deve revelar, a realidade dos homens entre os quais ocupa um lugar de destaque. Visto que, não estudou praticamente nada directamente relacionado com as coisas, visto que está quase sempre desarmado perante os terrenos, as plantas, as culturas do local onde se instala, o tempo que faz, o modo de trabalhar e de viver dos seus habitantes, deve, para realmente se cultivar, aprender nesta escola do real, aprofundar sistematicamente, progressivamente, o conhecimento do seu meio, admitir que o saber está ali ao alcance dos olhos e da mão, encontrar neste saber a compreensão, sob a multiplicidade e diversidade dos fenómenos, a sua interdependência e unidade profunda.

É necessário dizê-lo: a inteligência dos dados do vasto mundo não resultará senão das relações prolongadas e estudiosas, com a parcela do mundo onde estamos inseridos. É esta a chave de todo o verdadeiro conhecimento através do espaço e do tempo; é por este meio que se adquirem e se mantêm, a atenção desperta, o interesse pela vida para além da profissão, o hábito de ter em toda a parte e sempre olhos que vêem, ouvidos que ouvem, um espírito que ajuíza de modo sã, o sentimento de melhor cumprir o seu destino de homem.

2. ACÇÃO PEDAGÓGICA E ESTUDO DO MEIO

Já na Escola Primária a criança pode ter fácilmente a sensação directa e total das coisas da Natureza tais como uma floresta, uma planície agrícola, uma ribeira, uma montanha ..., das coisas humanas tais como uma cidade, uma aldeia, uma rede de caminhos de ferro e de estradas, um monumento antigo, uma paisagem histórica, um mapa ..., assim como a introdução real experimental às noções de distância, espaço, altitude, quantidade, ao jogo educativo das analogias e diferenças, à ligação dos fenómenos, à liberdade e submissão do homem, à terra que o alimenta, à adaptação inconsciente ou inteligente às condições e às realidades do meio.

E, o que é válido para os alunos da escola primária não o será para alunos de nível mais elevado?

Sob, os olhos, ou entre as mãos de uns e outros, com as adaptações indispensáveis, será possível equacionar estas representações do real que são as imagens, os mapas, as plantas, os gráficos, as maquetes nos quais o aluno, conduzido e ajudado pelo professor, poderá inventariar, analisar, medir o seu próprio terreno. Melhor ainda, se ele próprio desenhou estas figuras ou estes esboços, modelou estes relevos, chegará — se bem que com possíveis erros — a decifrar os elementos de um real não presente, a imaginá-lo sob as linhas, as sombras, as cores e os sinais.

A maior vantagem desta técnica é convidar professores e alunos para uma actividade verdadeira e organizada, num trabalho de equipa, uma pedagogia activa da descoberta, observação e reflexão, elaboração progressiva e sólida do seu próprio saber.

Durante as saídas escolares, nas sessões ao ar livre, (até durante as férias) estes alunos — constituídos em grupos formados segundo os seus gostos e as suas disposições naturais — tornar-se-ão rápidamente os melhores prospectores de rochas e fósseis, de plantas e animais, medidores infatigáveis, meteorologistas exactos, desenhadores, coleccionadores, modeladores, artistas da madeira e do papel, entrevistadores ousados, "caçadores" de escaninhos e sôtãos e de velhos papéis, recolectores de canções e lendas ... E, ó espanto, o interesse e mais tarde o entusiasmo, o sentido da responsabilidade, o rigor, a exactidão, o gosto pelos achados, a certeza de vir a ampliar a sua bagagem de conhecimentos, graças à iniciativa e aos trabalhos pessoais, à vontade de tentar novas experiências — tudo o que deve, em suma, resultar destas criadoras "actividades do

despertar" — suceder-se-ão à docilidade mais ou menos resignada, mais ou menos benévola e passiva, de outrora. Além disso, sem cair num paternalismo perigoso e mesquinho, o resto daquilo que se lhe ensina poderá impregnar-se com as realidades que tanto trabalho e prazer lhes deu a pesquisar.

3. ACÇÃO SOCIAL E O ESTUDO DO MEIO

Necessária à cultura pessoal do professor, indispensável à condução inteligente de uma turma, o estudo do meio local é ainda um meio privilegiado para, o irradiar da Escola no meio e, para o sucesso da acção social dos professores. O verdadeiro educador, com efeito, não se resigna nem a ver a sua influência limitada à sala de aula, nem a perdê-la logo que os seus alunos a abandonarem. Ora, os estudos locais são um meio seguro de aproximar o professor não só dos pais dos alunos, mas também dos homens que, mais ou menos voluntariamente centraram a sua vida na sua terra natal.

Professores e alunos não podem passar sem a experiência dos trabalhadores da ciência que se ignora: a ciência do camponês, do pastor, do guarda florestal, do cabouqueiro, do cantoneiro, do caçador, do artesão, do operário, ..., nem das tradições que permanecem na memória dos avós.

A experiência dos habitantes contribui para preender os espaços vazios da formação do professor, e este, contribui para reanimar, esclarecer e justificar os elos de ligação do homem à sua terra, ajudando-o a pesar e às vezes a desenvolver os recursos; a descobrir e a apreciar as tradições, a saborear os encantos da sua terra, mesmo os mais modestos.

4. CONDIÇÕES E EXIGÊNCIAS DESTE ESTUDO

As exigências são duas: de tempo e de conhecimento.

Antes de mais, é necessário ter tempo para pensar e se dedicar ao trabalho. A concepção actual das disciplinas que se dedicam ao estudo do meio torna esta tarefa perfeitamente conciliável com estas exigências: os estudos locais não impõem algo de acabado. Nem sequer podem chegar a resultados sólidos e coerentes, a um conjunto rico de observações precisas e novas, senão através de um esforço paciente, perseverante, tenaz, de numerosas "campanhas" de pesquisa que seria desejável agregassem vários

.../...

animadores.

São precisos igualmente conhecimentos, um saber variado que integre elementos de geografia, estatística, arqueologia, economia política, sociologia ... Um verdadeiro saber que, não seja só livresco, mas tenha adquirido este carácter de rigor e de realidade que só a experiência das coisas, dos factos e dos homens confere. Um saber que se baseia em livros, necessitará sobretudo de contactos humanos.

Que livros serão precisos?

1. Obras de base — de iniciação ou aprofundamento.
2. Estudos históricos ou geográficos regionais, até mesmo locais, que ao mesmo tempo restrinjam o campo da investigação e sirvam de modelos.

Quanto aos contactos humanos, são possíveis em qualquer lado, visto que, em toda a parte há quem profissionalmente ou por gosto, tenha um conhecimento profundo e nítido das coisas e gentes da sua região. A maior parte deles ficará satisfeita por transmitir os seus conhecimentos, mesmo que de amadores.

Será necessário lembrar que não se trata de fazer tudo ao mesmo tempo mas, de principiar pelo mais acessível e que melhor se adapte às capacidades e inclinações pessoais? Não se trata de rivalizar em ciência com os especialistas, mas de ir tão longe quanto possível na pesquisa metódica e na explicação aprofundada dos factos. E se cometer um erro, se se formular alguma hipótese mais ou menos aventureira, se não se puder preencher uma lacuna, ter-se-á pelo menos experimentado limites e graus de certeza.

Aos que argumentem falta de tempo e aptidão, não será demais aconselhar a constituição, no local ou no estabelecimento escolar, de uma equipa de trabalho: graças ao confronto dos resultados obtidos por cada elemento, o trabalho final será mais rápido e mais perfeito. Mesmo que, o esforço de uns e outros não leve senão a reunir em cada estabelecimento escolar dados não sistematizados, documentos sobre a localidade, o trabalho não será em vão.

TROUX - La Geographie e l'Histoire locales -
"Guide pratique pour l'etude du milieu"

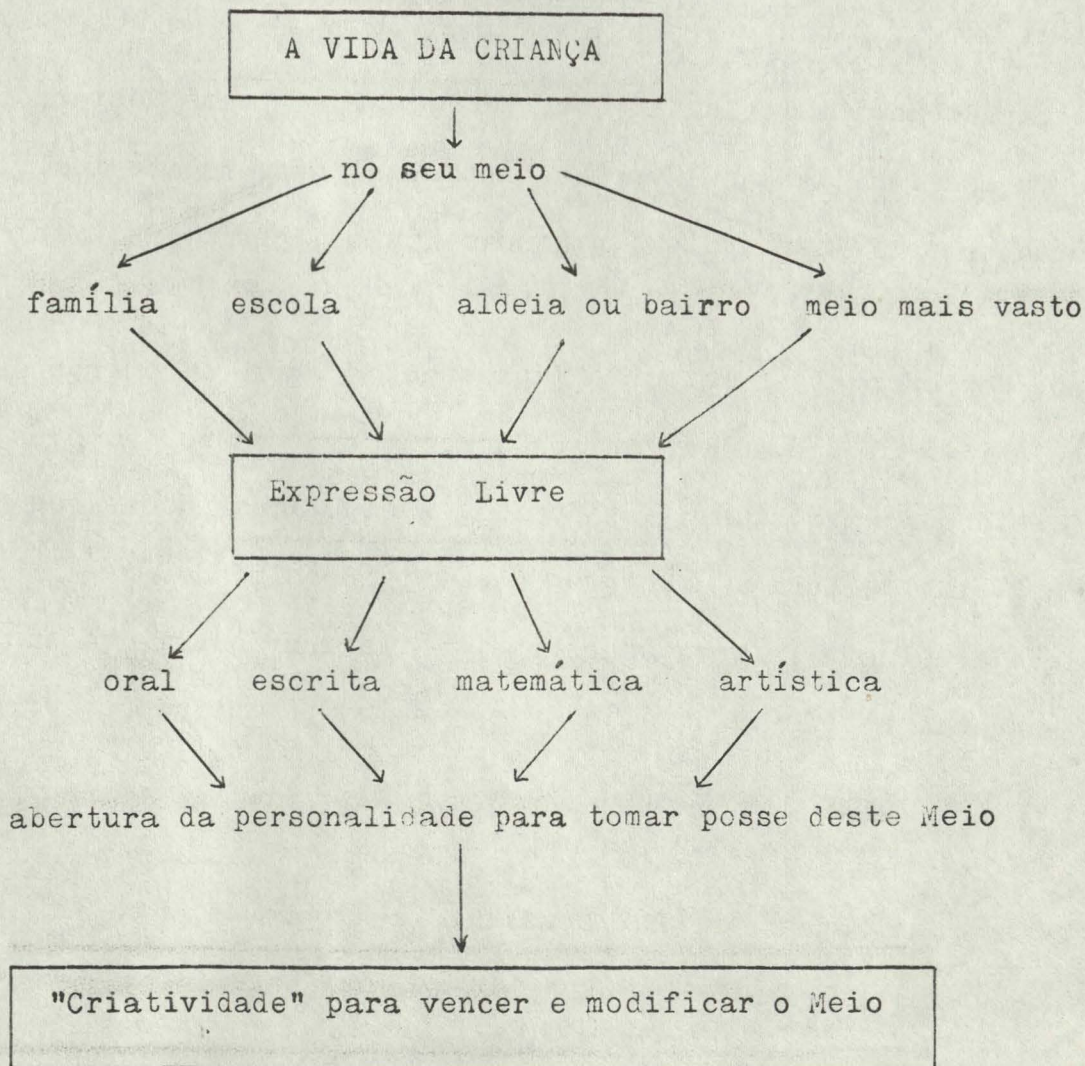
6^a ed. Paris 1972

ESTUDO DO MEIO E PROGRAMAÇÃO

(por um grupo de trabalho da Comissão Estudo do Meio)

Todos os movimentos pedagógicos da Educação nova clamam bem alto que é preciso fazer estudo do Meio. Nós também. Daí a dizer-se que não fazemos nada de novo não há senão um passo (...)

Freinet insistiu sempre para que fizéssemos o estudo do Meio, mas partindo da criança e no sentido de uma pedagogia que se crier "total". Um pequeno esquema nos fará compreender melhor isso:



A criança vive no seu meio; mas ela tem cada vez menos consciência dele. Sente-se cada vez mais solicitada por uma nova ambiência criada pela imagem (a televisão em primeiro lugar).

Pensareis muito bem, isto alarga os seus horizontes. Infelizmente ela não conhece mais o que a rodeia, o que exerce maior influência sobre ela. Não vê as riquezas que pode aproveitar, nem os obstáculos que deverá evitar. Compete a nós fazer-lhe tomar consciência de tudo o que a rodeia e que condiciona a sua vida. É esta a parte do professor.

O que resultará disso?

Se está motivada, a criança experimentará a necessidade de comunicar aos outros o que observou, o que sentiu:

- dum forma oral (textos livres orais, exposições de investigações, conferências);
- dum forma matemática (cálculo vivo, medições, gráficos, estatísticas...);
- dum forma escrita (textos livres escritos, álbuns, relatórios...);
- dum forma artística (maquetes, pinturas livres, cerâmicas, música, dança).

Através de todos estes meios de expressão, a criança compreenderá melhor o seu meio ambiente e alargará cada vez mais o campo das suas pesquisas. O estudo do meio terá já atingido, assim, fins educativos muito variados e "totais", para a abertura da sua personalidade.

Será levada então a fazer comparações, a imaginar outras coisas. Chegamos agora ao estudo da criatividade que lhe permitirá vencer o seu meio e produzir obras de valor.

F. Deleam, in l'Educateur (Les Dossiers Pédagogiques, nº. 52)

O ESTUDO DO MEIO

A psicologia genética (Piaget) mostrou como a compreensão do espaço é difícil para a criança. São precisos anos para que ela se torne capaz de passar da concepção limitada que dele tem por aquilo que vê com os seus próprios olhos, para uma concepção intelectual abstracta, separada do suporte real que se torna invisível.

O estudo do meio, e depois o da geografia, trarão, com o ensino da linguagem, das matemáticas, da geometria, os meios dessa construção".

O meio circundante é a casa, o bairro, os campos, os prados, os bosques, as lojas e as oficinas, os monumentos e os edifícios públicos, tudo quanto o pequeno cidadão ou o pequeno aldeão vêem na vida de todos os dias.

O meio é constituído pelo conjunto dos factores naturais físicos e dos factores sociais que condicionam os modos de vida dos indivíduos. Se ele interessa o homem de ciência, o sociólogo, na escola o seu estudo oferece ao ensino da história e da geografia os seus pontos de partida. Estudar o meio é estabelecer entre a escola e a vida um contacto incessante e enriquecedor porque o ensino tira um partido eficaz dos interesses das experiências dos alunos. É também graças a ele que se fará, no princípio do ensino, o estudo da realidade tal como ela é na sua totalidade: história, geografia são palavras que não têm significação para a criança; é pelo exame atento do visível que, pouco a pouco, se formarão os quadros intelectuais que a inteligência humana criou para aprofundar os diferentes domínios do conhecimento: uma velha casa, uma igreja antiga que se observam, fazem surgir perguntas que pertencem tanto à geografia como à história.

De facto, o meio é tudo aquilo que contribui para a formação da criança; tudo o que a influencia, tudo quanto suscita reacções da sua parte; o quadro material da vida: a natureza e todas as modificações que os homens a fizeram sofrer, os seres humanos, a família, os camaradas, as diversas comunidades locais nas suas actividades e comportamentos. O estudo do meio não é mais que a iniciação à história, à geografia e às ciências naturais; é também um precioso auxiliar para as outras disciplinas: línguas matemáticas e mesmo desenho e música, por que esse contacto de ordem intelectual e afectiva condiciona todo o desenvolvimento mental; tanto mais que, para muitas crianças, o meio alarga consideravelmente as suas fronteiras, pela sua intrusão na sua experiência da rádio e do cinema.

O estudo do meio constitui uma matéria de ensino que se integra nas diversas disciplinas.

É o motivo porque ele figura em lugar de relevo nos programas modernos de ensino e, sem dúvida, é ao Dr. Decroly que devemos rementer-nos para organizar, com proveito, o seu estudo.

Recordemos a sua trilogia: OBSERVAR , ASSOCIAR , EXPRESSAR.

a) OBSERVAR

observar: não apenas olhar, mas ver, observar; por vezes prescrutar.

observar: não apenas ouvir aquilo que o ouvido apercebe mas escutar com atenção para determinar a origem e a natureza dos ruídos e dos sons.

observar: apalpar, manipular, para melhor apreender as características de um objecto, daquilo que se pode segurar nas mãos, para melhor analisar as impressões que proporciona o contacto com aquilo que se examina: forma, peso, dimensões, aspecto.

observar: saborear ou cheirar: recolher as impressões gustativas ou olfactivas.

observar: será por vezes recolher ao auxílio de um instrumento de medição ou de exame que forneça dados mais precisos e mais completos do que as percepções sensoriais.

observar: é também comparar: quer se veja ou ouça, imediatamente se formulam interrogações no espírito, que procura estabelecer relação entre o facto e o objecto novos e aqueles que já são conhecidos, que se lhes assemelham ou deles se diferenciam.

observar: será também experimentar "para ver", para melhor saber. Seguir o crescimento de uma planta, de um animal, por exemplo, é para uma criança, uma fonte de enriquecimento intelectual incomparável.

b) ASSOCIAR

"Noutros lugares" e "antigamente", são palavras que aparecem muitas vezes nas perguntas das crianças quando se estuda os seres e as coisas que lhe são familiares. Nas classes onde se pratica o método dos centros de interesse, o professor será juiz da importância que quer dar a essa parte do trabalho.

Em contrapartida, onde o estudo do meio figura num plano de estudos ordenado por matérias separadas, e mesmo onde ele não figura expressamente no programa, será, de facto, uma sequência de lições

de coisas tendo por objectivo atingir noções precisas, mais do que conhecimentos a memorizar, onde a associação encontrará também o seu lugar.

c) EXPRESSAR

A linguagem oral e escrita, o desenho, os esboços, as colecções, os trabalhos manuais, são utilizados para que os alunos e a classe conservem uma documentação daquilo que foi estudado.

Duas formas de actividade são de recomendar nessa exploração do meio circundante:

- o trabalho por grupos;
- as fichas de observação.

Repartir uma classe em vários grupos, organizar um passeio-preferimos dizer uma actividade de ar livre-, preparar para cada grupo uma série de observações a efectuar durante o trajecto e, regressados à aula, pôr em comum o material recolhido, verificar a sua exactidão (em certos casos voltar ao local para verificar) mostrar o seu interesse, razão ou utilidade e retirar uma lição a aprender, aí temos um excelente método e um trabalho que apaixona os alunos. O mesmo sistema é válido para confiar tarefas individuais às crianças: preparar numa ficha ou numa folha de papel, algumas perguntas às quais o aluno só poderá responder indo observar no local. Após o regresso à aula, cada qual expõe os resultados a que chegou: discussão, verificação, algumas linhas num caderno para conservar o essencial das aquisições. (...)

Assim, o estudo do meio é abordado quer por observações às quais toda a classe se entrega, quer de preferência por inqueritos confiados aos grupos constituídos. Este segundo modo de proceder parece proveitoso, com a condição de que o professor tenha preparado cuidadosamente a tarefa confiada a cada equipa, com um questionário preciso e, se disso fôr caso, com um itinerário a seguir.

As crianças serem progressivamente treinadas a tomar notas, a efectuar esboços, desenhos, por vezes em anotar medições, trazer amostras..., e em todos os casos, a respeitar os regulamentos em vigor!

A exploração dos resultados obtidos fornecerá matéria para lições de língua: linguagem, vocabulário, composição; de aritmética; montar-se-ão painéis nos quais tomarão lugar desenhos gráficos, planos, ilustrações, textos, etc., cada um deles constituindo uma monografia original dando aos alunos, ao mesmo tempo, um enriquecimento dos seus conhecimentos e uma excelente introdução aos métodos do trabalho intelectual.

A iniciação experimental nas turmas de 6.^{ème} e 5.^{ème}

Os trabalhos científicos e experimentais não têm unicamente por objectivo revelar e desenvolver o sentido da observação, a subtileza sensorial ou a reflexão concreta, mas sobretudo as aptidões para a abstracção e expressão em todas as suas formas. Seguindo-se ao ensino concreto da escola primária, procederão como elo da constatação qualitativa, da experiência vivida e da anotação dos resultados obtidos mas com a preocupação contínua de introduzir a dimensão das grandezas e das relações matemáticas e incitar os alunos à descoberta e aplicação dos diversos meios de expressão científica: quadros numéricos, gráficos, esquemas etc.

Indicamos alguns princípios pedagógicos que presidirão aos trabalhos científicos e experimentais dos alunos deste nível etário:

- Partir do concreto, do real, da experiência acessível às crianças e não de uma exposição "ex-cathedra", livresca, ou verbal, de forma a fazer-lhes sentir claramente que as ciências e as várias disciplinas que estudam, não representam senão diversas tentativas para explicar o real e agir sobre ele ...

- Dar, no início, um carácter global ao estudo do facto ou dos fenómenos naturais, da máquina ou do mecanismo a estudar, para só depois passar à análise e chegar em seguida a uma ordenação dedutiva e sintética dos resultados, tanto mais cuidada quanto mais o método de pesquisa fôr indutivo e aberto à descoberta.

- Segundo os princípios dos métodos activos, dar toda a sua importância ao longo dos exercícios e na elaboração do plano de trabalho e dos meios e métodos de pesquisa, às sugestões, observações e experimentações feitas pelos próprios alunos, aceitando o erro e o tateio, mas exigindo sempre rigor e precisão na verificação das hipóteses ou das explicações que foram propostas.

- Começar pela observação e análise qualitativa dos fenómenos antes de passar à medida e à experimentação de modo que a sua necessidade tenha sido sentida pelos próprios alunos e que a sua experiência se imponha progressivamente.

É sobretudo durante as sessões de trabalho experimentais que os alunos farão à sua medida a aprendizagem do percurso das ciências exactas, com base em assuntos da natureza (plantas, animais) ou a partir de criações da técnica humana (objectos utilitários, pequenos mecanismos). De preferência os exercícios revestirão uma forma individual, podendo-se assim adaptar o ritmo de progresso às possibilidades de cada criança.

Criar-se-à progressivamente na criança uma atitude científica, mais ainda, determinar-se-à no aluno uma inquietação científica evitando que ele fique com uma falsa impressão de facilidade e fazendo-o tomar consciência das dificuldades que apresenta a procura da verdade.

O percurso pedagógico comporta várias fases:

- uma fase de análise dos factos e do meio em que se inserem;
- um raciocínio que integre os diversos parâmetros, faça surgir o problema e permita delimitá-lo com precisão;
- um esforço de imaginação, na pesquisa e para a descoberta da ou das hipóteses, ou seja das soluções possíveis do problema;
- accionar os meios e particularmente meios experimentais que permitam ajuizar do valor destas hipóteses e aproximar-se, deste modo, da verdade;
- enfim a manifestação de um espírito de síntese na formulação e elaboração da conclusão, por vezes de uma lei.

É evidente que um tal percurso não se concebe senão no âmbito dos métodos activos. Os alunos devem ser os actores essenciais dos exercícios, desde o início do estudo até à sua conclusão.

O professor deve apagar-se o mais possível, contentar-se em guiá-los, coordenar as suas actividades, animá-los sempre que necessário, contribuir para o desenvolvimento de todos os seus meios de expressão.

Verifica-se assim, pelo que se disse anteriormente, que a pedagogia preconizada é a do "tratamento da documentação, tendo em vista a elaboração de uma informação"; encontram-se aqui palavras e expressões significativas: objectivos, experiência vivida, meios de formação do espírito, pesquisa feita livremente pelos alunos com o auxílio do professor, carácter inicialmente global do estudo, análise, síntese, observações e experimentações feitas pelos próprios alunos, aceitando erros e tacteios, aprendizagem do percurso das ciências exactas, individualização dos exercícios, inquietação científica, pôr em realce e formular o problema, alunos actores desde a escolha inicial do estudo à sua conclusão, professor guia, coordenação, animação ...

A partir de uma frase de Pasteur: "no campo da observação, a oportunidade favorece somente os espíritos preparados para ela", tiramos uma conclusão geral relativamente à atitude do investigador; a que, todo o aluno revela de um modo tão evidente por ocasião das sessões de iniciação experimental a atitude de investigador em todos os campos de actividade que favorece as oportunidades do indivíduo e permite-lhe chegar mais facilmente aos seus fins; ora, o problema fundamental da educação não é o de preparar os indivíduos para dar a si próprio o máximo de oportunidade nos diversos campos de actividades?

O investigador ganha porque trabalhou, porque suscitou em si numerosas combinações; quanto mais trabalha, tanto mais multiplica estas combinações, tanto mais aumenta as probabilidades de vencer.

Mas todo o investigador, aluno ou adulto, literário ou científico, artesão ou industrial, que pelo trabalho é objecto de uma tensão interior, sabe aproveitar os estímulos que põem em movimento o que está dentro dele. "O estímulo, pode ser qualquer coisa: um livro, uma flor, um quadro, um encontro fortuito, uma canção na rua, uma pluma que flutua, um frasco que se quebra, o ritmo de uma carruagem, uma maçã que cai..." (Fernand Lot).

O investigador sabe aproveitar estes estímulos porque a sua curiosidade fica inalterada; permanece curioso tanto perante o banal como perante o inesperado; surpreende-se com tudo... e não se poderá falar de uma pedagogia do assombro (étonnement)?

Marcel Sire

in Le document et l'information

Librairie Armand Colin - Paris 1975

(adaptado)

O documento e as actividades do despertar

O objectivo deste trabalho é transmitir algo, testemunhar da utilização de documentos numa turma de 5^ªme; estas experiências pedagógicas foram portanto feitas com alunos muito jovens que nunca utilizaram documentos numa perspectiva de pesquisa pessoal.

Antes de proceder ao relato destas experiências pedagógicas parece, no entanto, indispensável para bem as compreender, precisar o espírito que leva à sua execução, relembrar brevemente o principal objectivo e os objectivos secundários que os professores, que desenvolveram estas actividades se esforçaram por atingir.

Queremos igualmente fazer algumas observações pedagógicas que nos parecem dever ser respeitadas a fim de que o aluno faça de um modo satisfatório a aprendizagem da utilização do documento e tome gosto por esse trabalho, susceptível de ser usado na vida adulta seja qual for a actividade quer venha a exercer.

No que diz respeito ao principal objectivo dos professores que desenvolveram estas experiências pedagógicas queríamos já assinalar que as actividades intelectuais estão subjacentes às actividades do despertar, na actividade de expressão: expressão por meio de esquemas, desenhos, esboços, maquetes; expressões mais pessoais através do recurso às técnicas criativas ou pela interpretação da atitude do gesto; expressão escrita mas sobretudo expressão oral, porque é nesse momento que o espírito mais intensamente pode experimentar um sentimento de domínio em relação ao problema em questão. E podemos sonhar com uma escola na qual o objecto das actividades do despertar seria essencialmente o despertar da criança para o "Verbo", para a expressão oral mas preparada por um livro de trabalho, por documentação comparada, por reflexão sempre pessoal, algumas vezes de experimentação metódica; expressão condicionada por um domínio correcto, profundo, das noções que são objecto da mensagem. Uma outra componente do problema para o professor que utiliza os documentos nas actividades de despertar reside na importância que será levado a dar aos "conhecimentos".

Poder-se-à eliminá-los? Que conhecimentos será necessário dominar? Qual será a sua solidez, a sua validade?

Notemos primeiro que tudo que os conhecimentos não podem ser eli-

minados, estão ligados demasiado íntimamente ao documento para que tal aconteça, e todas as faculdades intelectuais a que as actividades do despertar dão primazia, têm necessidade, para se exercer e desenvolver, de um "certo conteúdo" e este não pode ser constituído senão pelas noções, os mecanismos, os saberes que muitas vezes somos tentados a apresentar sob a forma de programas.

O problema está sobretudo em ajuizar qual vai ser o nível de exigência que se há-de manifestar quanto a estes conhecimentos. O problema é bastante complexo e a nossa intenção não é examiná-lo. Notemos, simplesmente, que os conhecimentos, as noções adquiridas pelo trabalho pessoal sobre os documentos apresentarão uma grande solidez, porque serão significativos para o sujeito pois que integrados na sua personalidade. Precisamos ainda, isto para mehlhor esclarecer os exemplos que vamos dar, que o trabalho sobre o documento deverá acarretar para o aluno mais que conhecimentos fragmentários, conceitos fundamentais, indispensáveis a uma verdadeira cultura.

Solicitar a actividade das faculdades intelectuais e talvez despertá-las, facilitar a comunicação sob qualquer forma, permitir o domínio de um certo número de conceitos fundamentais: o contacto com o mundo dos documentos parece-nos o meio privilegiado para atingir estes objectivos. É necessário que esta abordagem seja progressiva que seja guiada por um professor consciente de todas as dificuldades que a criança vai encontrar, por um professor que tenha uma visão precisa do objectivo a atingir. Co efeito trata-se de preparar a criança para viver num mundo no qual os progressos da ciência se aceleram cada vez mais, no qual os meios de comunicação (imprensa, livros, brochuras, ...) se tornam de uso cada vez mais generalizado; será indispensável possuir um método de trabalho que permita, a partir de documentos muito diversificados, estabelecer rapidamente o ponto de situação sobre um dado assunto, preparar a criança para viver num mundo no qual a rapidez de transmissão de informações, o carácter muitas vezes dramático e pontual da sua apresentação tornam o espírito mais preocupado com uma informação mais completa. Enfim, em conclusão, reencontramos aqui um tema muitas vezes evocado na literatura pedagógica do nosso tempo: "Aprender a aprender" para "aprender a ser".

No final da sua iniciação progressiva a criança pré-adolescente ou adolescente deverá ser capaz, a propósito de um problema dado que ele se proporá estudar, de elaborar a bibliografia ao assunto estudado, reunir as obras, artigos, fotografias, planos que se lhe referem de fazer tria-

.../...

gem a fim de não ficar senão com os que se relacionam directamente com o assunto estudado, que são capazes de conter elementos de informação exploráveis (é evidente que os documentos seleccionados deverão situar-se a tal nível que possam ser utilizados pelo aluno que os vai estudar). É depois necessário que o aluno compreenda o conteúdo dos documentos seleccionados, que possa assinalar esse conteúdo ou seja integrá-lo numa estrutura pré-existente, que seja capaz de manter face a estes documentos suficiente distância, para saber distinguir o acessório do essencial. A esta informação compilação (indispensável, notemo-lo de passagem, para evitar percas de tempo) poderão agrupar-se pesquisas originais pela observação pessoal, o método de inquérito, a análise de estatísticas ...

Toda a experiência que acabámos de descrever foi sobretudo de natureza anlítica e tinha como ponto de partida os documentos já existentes. Se nós entendermos por actividades do despertar essencialmente aquelas que têm por objecto a aparição e desenvolvimento de faculdades intelectuais, a actividade de síntese não pode ser posta de lado. A partir de todos os elementos de informação que foram resignados aqui e além nos diversos documentos e através da observação parece-nos muito interessante que o aluno seja levado a produzir um novo documento (monografia, exposição sobre o assunto ...) documento esse que será uma síntese coerente, adaptada a um público de um dado nível cultural. É, portanto, necessário que o aluno aprenda a classificar as suas ideias, a distinguir as noções essenciais das secundárias, que aprenda a elaborar um plano de exposição do assunto. De passagem notemos que este trabalho de elaboração trará como consequência uma demistificação real do documento escrito ou visual ou sonoro, pela reflexão crítica que presidiu à sua realização. É perfeitamente evidente que este objectivo não poderá ser atingido senão no final de uma aprendizagem que será mais ou menos longa conforme os indivíduos; é também perfeitamente evidente que a aquisição deste método de trabalho não pode ser conseguida pela criança abandonada à sua iniciativa, que é necessário uma atenção consciente e vigilante do professor e uma iniciação progressiva.

F. Dehay -in LE DOCUMENT ET L'INFORMATION

Librairie Armand Colin- Paris 1975

(adaptado)

Como conceber os estudos de dominante científica nos meios naturais

OBJECTIVOS:

O educador pode determinar um certo número de objectivos a longo prazo, que não serão atingidos senão progressivamente e graças a uma continuidade ao longo da escolaridade, continuando o trabalho esboçado na escola primária.

OBJECTIVOS EDUCATIVOS:

Preservar e desenvolver a curiosidade e interesse da criança e mais tarde do adolescente pela natureza; fazê-lo desejar prosseguir sôzinho as pesquisas iniciadas na escola, nomeadamente fazendo-o conhecer o prazer da descoberta, a alegria de compreender e de saber, o que as crianças sentem tão intensamente; e assim fazer com que durante os momentos de lazer, o passeio na floresta, a excursão pela montanha, sejam ocasião de um enriquecimento cada vez maior.

Auxiliar os alunos a dominar a pouco e pouco os meios de de investigação que os levarão a um melhor conhecimento da natureza

- Desenvolver qualidades e fazer adquirir atitudes:
 - Desenvolver a atenção e o espírito de observação;
 - Paciência e perseverança no esforço: saber ficar de atalaia, esperar, não concluir precipitadamente ...;
 - Transmitir a preocupação da prova experimental: não fazer afirmações que não se possam experimentar.

● Fazer adquirir um "savoir-faire":

- Utilizar com correção e precisão utensílios e instrumentos;
- Saber apurar um documento (saber preparar uma amostra, fazer um esboço, um plano, saber tirar notas, fotografias ...);
- Saber analisar um documento, equacionar um problema a partir de um dado global, saber levantar hipóteses inventar processos experimentais.

● Tentar dominar técnicas de aquisição do saber, o que não é próprio destes estudos, mas que estes estudos desenvolvem necessariamente:

Por exemplo:

- saber utilizar uma chave dicotômica;
- saber tirar partido de uma documentação livresca, saber descodificar um esboço, um esquema, um diagrama, saber explorar os elementos de informação extraídos das entrevistas, trazidos pelos "media", respigados de uma exposição temporária, um museu ...

Em conclusão, os estudos regulares dos meios naturais pretendem levar à aquisição progressiva de um método rigoroso de trabalho adaptado ao seu objecto

● Objectivos conceptuais:

No decurso dos estudos empreendidos, as diversas actividades centradas na abordagem dos meios naturais devem permitir caminhar primeiro lentamente e progressivamente com maior profundidade do con-

creto para o abstracto.

O meio, primeiramente apercebido como uma "parcela da natureza" num enquadramento imutável, tomará a pouco e pouco o seu verdadeiro significado: durante os estudos, descobrir-se-ão alguns dos inúmeros elementos que o compõem e algumas das relações que o constituem.

Ao prosseguir os estudos, a complexidade e instabilidade do equilíbrio surgirão em simultâneo com algumas das grandes leis da biologia: poderão então compreender-se as precauções a tomar para preservar a qualidade de vida. Porque, tanto pelos hábitos adquiridos durante a saída (não destruir, não deixar lixo, não trazer senão por absoluta necessidade e em número mínimo - e nunca espécies raras - animais e plantas), como pelos conhecimentos obtidos através da pesquisa, destes estudos sensibilizam os jovens aos problemas do ambiente e preparam-nos para uma boa compreensão e gestão esclarecida do meio de vida.

Como levar os alunos a praticar os estudos nos meios naturais

Não se trata de fazer um exame exaustivo dos problemas destes estudos, só focaremos alguns aspectos:

● Que atitude pedagógica adoptar?

— Deve deixar-se todo o esforço de pesquisa ao aluno:

fazer as perguntas, compilar, manipular, tatear, inventar vias de pesquisa ..., trata-se de não lhe dar a ciência feita, mas de o auxiliar a compreender como a ciência se faz, levando-o a praticá-la, mesmo de forma desastrada e imperfeita, mas à medida das suas possibilidades.

"A invenção deve estar em toda a parte mesmo na pesquisa mais humilde, na experiência mais simples. Onde não há um esforço pessoal e até original, nem sequer há um começo da ciência". (BERGSON)

Ora os meios naturais oferecem às crianças inumeráveis ocasiões de se exercitarem a praticar pesquisas destas. Mas durante estas tentativas as crianças não devem ser totalmente abandonados a si próprios porque a atitude

científica não é uma atitude espontânea, o espírito experimental não se obtém senão progressivamente e com esforço.

— O papel do professor é exactamente, por meio de intervenções discretas, ajudar as crianças a aproximarem-se pouco a pouco de um trabalho científico:

● Deve ser o observador atento e disponível à turma: atento às observações feitas, às iniciativas tomadas, às formas de agir, tentando seguir o trabalho e adivinhar o encaminhamento do raciocínio.

● Deve também ser o animador, improvisando as suas intervenções de acordo com as reacções dos alunos, mas um animador eficaz: suscitando perguntas, vislumbrando o partido que poderia ser tirado de uma descoberta ocasional, de um interesse imprevisto, de um assunto no qual não tinha pensado, propondo o aprofundar de uma observação, a procura de aperfeiçoamento de uma técnica, sugerindo um método, um percurso, encorajando uma pesquisa difícil, incitando os alunos a interrogar-se sobre os fundamentos de uma hipótese, pedindo uma justificação ...

É ele quem estabelece a ligação entre os grupos, se esforça por fazer com que toda a classe beneficie das descobertas individuais, dos resultados de uma equipa, velando também pela preparação dos momentos de debate e de síntese a fim de que o estudo colectivo permaneça unido e estruturado.

● O professor pode auxiliar muito os alunos tornando-os exigentes, ou seja, fazendo com que sintam a importância de um trabalho bem feito: fazer consciencializar de que são prejudiciais - muitas vezes para o trabalho de toda a turma - a imprecisão das observações, uma anotação mal feita, a etiquetagem incorrecta de amostras, a negligência no tratamento de animais e plantas,

numa manipulação, numa medição ...

É portanto uma pedagogia difícil, maleável e matizada que a prática dos estudos dos meios naturais requer, porque se trata de respeitar um duplo imperativo: permitir à criança que tome iniciativas, que faça experiências, que "invente", mas também fazer com que adquira um método de trabalho, que em cada novo estudo haja progresso.

É evidente que, para poder ser eficaz, ao mesmo tempo que reage em função da turma e das circunstâncias do momento, o professor deve poder apoiar-se numa preparação sólida: um bom conhecimento do meio e reflexão aprofundada — antes de principiar o estudo dum tema deve ter uma consciência clara dos objectivos que poderão ser atingidos.

O desenvolvimento das actividades:

- Torna-se claro que as actividades tomam aspectos diferentes conforme:
 - os fins mais particulares definidos para o trabalho em causa;
 - o tipo de meio a partir do qual se faz o estudo;
 - o peso de uma saída no conjunto das actividades centradas no mesmo meio;
 - as crianças, tendo em conta a sua idade e as suas capacidades mentais e ainda o seu grande desenvolvimento no domínio deste tipo de actividades que compreende, como em muitos estudos, "caloiros", "amadores", "praticantes-medios", "peritos" ..., acontece que uma classe mais atrasada leva o seu estudo muito mais longe que uma classe de alunos mais adiantada não habituada a este tipo de estudos.

- Os primeiros estudos têm por fim, antes de mais, sensibilizar as crianças e obter uma "mudança de atitude", condição "sine qua non" de todo o trabalho científico: as crianças mais novas não são insensíveis ao "enquadramento natural", tecem relações de ordem afectiva sobretudo durante os momentos de lazer: "Vamos ao campo para nos distrairmos e divertirmos". É necessário pois levar as crianças a uma nova forma de olhar as coisas vivas do meio, que se treinem nas primeiras tentativas de uma atitude objectiva. A partir do momento em que o espirito da criança pode deter-se num objecto, em que a percepção se prolonga por uma pergunta ou uma tentativa de reflexão, "o estudo" pode começar.
- É uma atitude de "busca", de "escuta" que convem abordar neste estudo: as explorações dos "meios naturais" são por excelência actividades de despertar.
- Num primeiro tempo convém deixar as crianças impregnar-se da atmosfera, familiarizar-se com o meio, explorar e exprimir-se livremente, construir-se uma primeira visão global. O balanço da primeira prospecção deve chegar não só a uma percepção global do meio, enriquecida em relação a cada criança pelas observações dos colegas, mas também a perguntas.
- A prospecção mais delicada e a tentativa de análise que se seguem são em parte induzidas pelas perguntas feitas: não esquecer que não pode haver estudo científico sem problema. Além disso, guiada pelo conjunto das perguntas feitas a criança saberá o que deve fazer, o que convém procurar, não se encontrando na situação desagradável daquele que pergunta a si próprio o que esperam dele e o que deve fazer. Se as actividades começam no terreno, prosseguem na aula sobre o terreno. Descobre como se tiram notas, procuram documentos e põem problemas. Mas é especialmente na aula que se pode proceder à análise pela exploração de documentos obtidos no meio: na aula pode manipular-se, experimentar, observar melhor, reflec-

tir, discutir; precisam-se e diversificam-se os problemas, aprofunda-se a análise, chega-se progressivamente às respostas, elaboram-se os conceitos. Em suma, tornam-se intelegíveis os aspectos do meio, apercebidos no decurso da investigação. A saída seguinte permitirá verificar certas hipóteses, pesquisar elementos complementares da investigação, prosseguir o estudo, aprofundando-o.

SOLANGE FROITIER, in
Le document et l'information

Librairie Armand Colin - Paris 1975

(adaptado)

PARA UMA ABORDAGEM HISTÓRICA
DOS PATRIMÓNIOS CULTURAIS LOCAIS

O problema regional não se coloca apenas em termos políticos e económicos. Possui também — alguns seriam tentados a dizer sobretudo — uma dimensão cultural. Do séc. XVIII aos nossos dias, numerosos militantes regionalistas compreenderam-no, visto que reclamam o respeito e a salvaguarda dos patrimónios culturais e linguísticos locais. Embora a escola já não seja a única fonte de difusão de saber, ela pode hoje facilitar a responsabilização dos mais jovens por este património.

...

Resta ainda muito para fazer, que mais não seja dar às operações em curso e aos projectos eventuais toda a amplitude desejável. Mas, sem protelar mais, é necessário que nos interroguemos sobre o conteúdo e os métodos apropriados a esta integração dos patrimónios culturais no ensino.

Pelo seu objecto, o estudo das culturas regionais está na dependência de uma aproximação interdisciplinar. A literatura, a música, a dança, a etnologia, a geografia, para citar apenas estas, são simultâneamente modos de investigação específicas e complementares. O nosso objectivo não é analisar as múltiplas facetas do percurso pedagógico adequado, mas perguntamos qual o papel que pode representar uma das disciplinas que lhe respeitam, a História, da qual se pode pensar ser um dos elementos constitutivos e explicativos privilegiados dos patrimónios culturais locais. Ao fazê-lo, reencontramos o problema da história local, e o seu lugar na mentalidade colectiva e na instituição escolar.

Os patrimónios culturais locais: produtos da história

...

A abordagem histórica dos patrimónios culturais locais deve ser tanto menos negligenciada quanto os historiadores de hoje aceitam cada vez mais o cultural, o mental e o ritual como índices particularmente significativos das maneiras de ser e de agir dos homens em sociedade. Estas novas preocupações fornecem o estudo da

longa duração, portadora de estrutura , tempo privilegiado da antropologia e da etnologia. É necessário não esquecer ainda que, aos olhos do historiador, as redes constitutivas dos patrimônios culturais locais não existem fora do tempo. Uma cultura regional não se explica, uma vez por todas, apenas pela disposição das suas componentes, tal como não se compreende pela simples referência a uma qualquer natureza humana. Uma abordagem realmente histórica de fenômenos referirá não somente as continuidades próprias do tempo longo mas também as conjunturas, as mutações bruscas e os acontecimentos reveladores das contradições internas e motivos de mudanças. Por isso, a história duma cultura regional não poderá limitar-se apenas aos universos culturais ou mentais: o económico, o social e mesmo o político são igualmente factores explicativos que convém integrar.

Uma renovação de interesse pela história local

...

Ao lugar restrito da história local no discurso escolar, parece opor-se a renovação de interesse de que é objecto pela parte do grande público e dos pesquisadores. Jovens ou adultos, trabalhadores manuais ou intelectuais, numerosos são os que, desejosos de melhor conhecer o meio onde vivem e trabalham, acolhem com simpatia e curiosidade a história da sua província ou da sua cidade. A história local não é certamente a panaceia da crise actual do ensino da história, mas no seio de uma escola preocupada em se abrir sobre o ambiente dos alunos, pode ser um trunfo para reagir contra o desenraizamento cultural. O reforço da consciência regional, ou mesmo regionalista, contribui aliás para esta renovação de interesse pela história local. Para apoiar as suas reivindicações, afirmar as identidades regionais e denunciar "a opressão" dum estado central sobre as "nações" provinciais, os movimentos regionalistas procuram um ponto de apoio no passado. "Queremos redescobrir a história dos povos que compõem a França", explicava um militante do sul num artigo do "Monde" em 1976. Assim se esboça numa parte do grande público uma revalorização da história local a partir dos problemas actuais. Outro índice desta atracção pela história das regiões francesas: o lugar perdido que volta a ganhar na pesquisa universitária. Estabelecendo um quadro da pesquisa histórica francesa desde a fundação dos "Annales", professor Glenisson sublinha o vigor da história local como "um dos traços significativos da Pristoriografia francesa

actual". A mudança de estatuto, perceptível pela multiplicação das teses de história regional, traduziria para este autor "o surpreendente regresso aos regionalismos de um povo que parecia oferecer o exemplo acabado do Estado-Nação".

A escola vai remar contra a corrente e condenar a história local a não ser mais que uma Gata Borralheira de Clio? Desde 1938 que M. Bloch propunha "tornar vivo o ensino da história local ou regional".

A história local na escola elementar: uma tentação prematura

...

Por ocasião das suas pesquisas, os alunos redescobrem alguns aspectos do passado de uma cidade, da sua aldeia, ou da sua região. Mas estas redescobertas são pontuais, lacunares. A reconstituição dum discurso histórico local ou regional coerente, só a partir de vestígios numinais a crianças de 8 a 10 anos é igualmente impossível. Neste nível de ensino, a exploração das solicitações históricas do meio não deve servir de pretexto para a realização das tradicionais monografias de história local, nem para "ensinar" esta história aos alunos. Tais tentativas estariam aliás votadas ao fracasso porque a verdadeira abordagem local ou regional da história supõe, para ser realmente significativas, uma cultura histórica de referência que falta às crianças do curso elementar ou do curso médio. Se a exploração do meio não pode ser compreendida na escola elementar com o estudo da história local, constitui todavia numa sensibilização para o património cultural da região. A aproximação histórica do meio já não reduz o passado dum povo ou duma comunidade às grandes acções reais ou fictícias de algumas personagens ilustres. Organizar a cultura histórica balbuciente da criança em torno da vida quotidiana dos homens e das suas relações com o ambiente. Confronta-a com pontos históricos variados, com todos os traços deixados pelas épocas anteriores na paisagem, o habitat os objectos, os gestos, os escritos e as memórias. Através destes vestígios, o aluno toma consciência do passado e da sua profundidade, recordando sempre progressivamente o património cultural próprio da sua região. A leitura de arquivos (entre outros, arquivos municipais o inventário e o estudo dos edifícios antigos (que é preciso sobretudo não reduzir apenas aos movimentos considerados históricos")) a recolha de objectos e a entrevista

oral trazem preciosas informações sobre a evolução do quadro de vida, das condições de existência e das mentalidades, e portanto sobre a elaboração e o funcionamento duma cultura específica num dado território. Segundo as pesquisas empreendidas, o aluno do curso médio constata a permanência ou o declínio de certas práticas agrícolas e artesanais (rarefacção dos cavalos de tiro e das debulhas colectivas, desaparecimento dos ferreiros, dos tamoeiros, dos tanqueiros ...) ou a multiplicação dos tractores, o aparecimento das fábricas e dos supermercados.

Observa o êxodo da população activa da sua aldeia ou o crescimento demográfico da sua cidade, a supressão dos velhos bairros ou o aparecimento de subúrbios modernos descobre um género de vida caído em desuso, com os seus costumes, o seu foclore, os seus serões e nota, pelo contrário, a proliferação dos televisores, dos jornais de informação, e do equipamento familiar.

Tantos fenómenos que reflectem a realidade e por vezes os limites do que se chama um pouco à pressa as mutações do mundo rural, a urbanização, a industrialização, a revolução doméstica, a modernização da difusão da informação e, de certa maneira, a uniformização da vida cultural. Por isso, a aproximação histórica do meio e a descoberta dum património cultural local sensibilizam os alunos para uma evolução que diz respeito a toda a colectividade nacional. A especificidade regional volta a encontrar-se integrada numa problemática comparativa de conjunto, que evita reduzir a consciência histórica ou cultural nascente da criança aos limites da cidade.

A história local no ensino secundário: um complemento emancipado da história nacional

...

O recurso ao meio, recomendado na 6^{ème} fica próximo, pelos seus métodos e pelo seu espírito, dos trabalhos efectuados na escolaridade anterior. Em 6^{ème}, a exploração do meio não constitui uma aproximação verdadeira da história local ou regional porque este estudo pressupõe, a título de referência, uma cultura histórica geral que falta a estes alunos como falta aos do curso médio. Fiquemos conscientes deste limite.

Entretanto, desde o primeiro ciclo do ensino secundário, o passado regional, apreendido através de um momento, dum acontecimento ou um objecto, torna-se por vezes uma introdução motivadora do estudo de um problema relativo ao conjunto da nação. Inversamente, a história local é também um meio de controle do acontecimento nacio-

nal. Quer retrate do estudo da feudalidade, das resoluções de 1789 ou 1848, da industrialização, das repercussões das duas guerras, a referência à situação local permite encarnar, matizar e mesmo invalidar as conclusões tiradas ou apenas do exemplo parisiense ou do conjunto nacional.

...

Tributária de uma aprovação oficial, a redefinição de lugar da história local é-a também de vários obstáculos institucionais.

A história local não será sacrificada, como tudo o que poderia abrandar o ritmo da aprendizagem: saídas, inquéritos e mesmo instrução cívica, a necessidade de dar todas as alíneas oficialmente previstos num programa de que está excluída? São numerosos os docentes que, sob pressão conjugada de vários factores institucionais e materiais, hesitam em empreender concretamente uma renovação dos seus métodos ou dos seus conteúdos ou falham nesta tentativa.

Alguns verão ocasião para uma mudança de atitude. E ainda é necessário saber se a história local e o estudo dos patrimónios culturais locais devem adquirir o direito de permanência no discurso escolar ou servir apenas episodicamente para mobilar uma das suas aulas das tardes febris que precedem, no fim de cada trimestre, a partida para férias.

Bibliografia e pesquisa oral

Na prática, a abordagem da história local pela Escola supõe que os docentes possam utilizar uma documentação adequada. À primeira vista, nada mais fácil pois, nos nossos dias, a literatura regional é abundante, os acontecimentos regionais são conhecidos e divulgados. No entanto não nos devemos iludir pois trata-se muitas vezes de pequenos factos, de anedotas e de explicações puramente psicológicos do passado das colectividades, muitas vezes pondo em evidência slogans e clichés mobilizadores em que se opõe a região à nação, a provincia colonizada ao estado colonizador.

É preciso ter em conta a indiferença aos factores económicos e a profunda ignorância aos fenómenos demográficos. É tempo dos historiadores amadores e/ou profissionais que leccionam, com preenderem que o melhor auxílio a prestar à tomada de consciência regional, não é só propor aos alunos e ao grande público uma história local aproximada, legendária ou tendenciosa mas, mostrarem-

-se vigilantes perante a abordagem bibliográfica disponível no mercado e selecionar as obras que se empenham em dar à História das localidades as bases científicas que muitas vezes lhes faltam.

(...) Aos estudos estritamente históricos convém juntar crônicas autobiográficas e testemunhas recolhidas por entrevistas. Estas narrativas apresentam geralmente, através da existência de uma pessoa ou mesmo de uma família, a evolução do quadro e do modo de vida essencialmente rural desde o fim do sec. XIX. De tais obras surgem numerosos informações sobre os patrimônios culturais locais e a sua história recente, principalmente a sua fossilização gressiva sobre a influência das transformações das condições de trabalho e de existência. Estes testemunhos deveriam incitar os docentes a recorrer ao inquérito oral de cada vez que tal seja possível e qualquer que seja a documentação escrita disponível. Do curso elementar ao segundo ciclo do ensino secundário o processo permanece válido, com uma complexidade cada vez maior. Esta prática conduz os alunos a coligir por si próprios, uma parte dos materiais propostos à sua reflexão. Permite-lhes, por outro lado, recolher da própria boca daqueles que as viveram, informações preciosas sobre o esboroamento progressivo dos patrimônios culturais próprios de cada região.

O inquérito oral não é ignorado pelos historiadores. Existe na memória popular colectiva, essencialmente conservada pelas famílias. Pela análise destas memórias poderá conhecer-se melhor a marca histórica e das referências ao passado na mentalidade das sociedades. Será então possível interpretar o inventário das mitologias históricas colectivas, regionais ou nacionais, empreendimento delicado mas fundamental para esclarecer as atitudes de certas comunidades quando como sublinha Ph. Soutard "mesmo que local ou nacional, a lembrança passa a anedota, ser carga afectiva, não sendo jamais indiferente... ela é muitas vezes vestígio de uma velha paixão, duma velha escolha ideológica ou política". Ora tal produto é motor de história aparece como universo mental e cultural da comunidade que as expimiu.

Sem dúvida a tomada de consciência das culturas regionais pelo ensino deverá ter em conta futuramente, pelo menos ao nível do 2º ciclo do 2º grau, os métodos e os resultados desta nova estância de procura histórica.

CONCLUSÃO

Numa escola preocupada com o habitat dos alunos, a história local pode servir, de introdução ao estudo da cultura regional mas mais de instrumento de renovação dentre outros, do ensino da História. Ainda é necessário situar exactamente no campo epistemológico conveniente, portanto não procurar recuperá-la para se comprar — ou para ôpor sistematicamente e abusivamente a diversidade regional ao conjunto nacional.

Na escola elementar a aproximação histórica do meio participa, integrada nos exercícius do despertar, no desenvolvimento de atitudes de aptidões e de "savoir-faire" das crianças. Através desse meio o aluno descobre também aspectos do passado e do património cultural da região. Mas a este nível de ensino, a história local não é mais que uma fonte esporádica de referência e não um objectivo cognitivo. No ensino secundário, em compensação, a história local propriamente dita merecia ocupar um lugar muito mais importante não se limitando à simples alusão, podemos propor aos alunos sessões específicas de história regional, autorizados pelos progressos da pesquisa universitária.

Qualquer que seja o nível de ensino, a pesquisa impõe-se, cada vez que tal é possível, como meio privilegiado de acesso ao passado e à cultura de uma região. Além dos documentos impressos, iconográficos ou audio-visuais prontos a serem consumidos, é previsto dar aos alunos a ocasião e os meios de pesquisa na paisagem, no habitat, nos gestos, os arquivos e as memórias, os traços significativos dos patrimónios culturais locais e da sua história. Mesmo pouco frutuosa, esta procura do adolescente no seu meio local, nunca será inútil. Fazendo apelo à sua curiosidade e à sua sensibilidade, revela-lhe o património cultural da sua região e facilita-lhe uma tomada de consciência para uma salvaguarda e para uma mudança de atitudes para com os legados do passado ameaçados.

Ora, quanto a nós, esta tomada de consciência é o objectivo essencial da abertura do ensino às culturas regionais, não as deixando ficar reduzidas a simples objectos de estudo, mas sim modificando a atitude com que as encara. É a única solução para que tudo o que morreu possa renascer como tradição viva.

Um tal projecto não pode deixar indiferente o historiador, ele também deveria dar a sua contribuição nesta vasta tarefa, que le

varia a uma nova percepção do passado, e poderia contribuir para uma nova maneira de encarar o presente.

Les Amis de Sévres n°2

Juin 1972

4.3 MONOGRAFIA

4.4 DIDÁCTICA DO ESTUDO DO MEIO

5.2

" O percurso que o aluno deve tomar será idêntico ao do professor,mas adequado."

A ESCOLA E O MUSEU OU A INDIFERENÇA RECÍPROCA

Um museu numa cidade constitui muitas vezes a peça chave do património cultural local; a escola que muitas vezes negligenciou a dimensão cultural do seu papel educativo, não soube geralmente explorar as riquezas reunidas pelos homens no santuário que é o museu.

Ora, um museu é primeiro que tudo uma memória, a da cidade; aí se acumulam as obras de arte que os homens que nos precederam quiseram salvaguardar. Os objectos apresentados são os testemunhos, insubstituíveis, do seu tempo; olhá-los, observá-los, estudá-los, é penetrar num período do passado e recolher elementos para uma melhor compreensão da história que testemunharam.

Alain dizia que levar crianças que nada sabem de feudalismo a visitar uma praça forte, é uma experiência inútil porque tudo o que vêm não tem qualquer significado, já que não têm referências. Os testemunhos do passado permanecem mudos se não os soubermos interrogar. No entanto, apesar desta evidência, quanta "visita guiada" e que avalanche de um público jovem sem preparação nos museus! Faz-se dos museus das nossas cidades uma saída dita educativa e cultural, quando tal saída não merece qualquer dos adjectivos, uma vez que não se vai ao museu como ao supermercado; é necessário, para o visitar com aproveitamento, possuir uma certa cultura. Esta cultura não é inata, adquire-se e não pode adquirir-se senão na escola.

Ora tendo a escola tido até há muito pouco tempo preocupações de instrução, mais que de educação global, a formação artística foi negligenciada e os próprios professores estavam insuficientemente sensibilizados para a expressão estética.

Este facto explica porque algumas das tentativas feitas pelos professores para levar os alunos ao museu resultaram em fracasso. Vendo-se frequentemente "desamparados" perante as obras de arte, confiam os alunos a um conferencista que se não adaptou a um público jovem: a informação cultural carecida de preocupação pedagógica conduz ao desinteresse por parte dos jovens. Poderá acontecer que o professor, ao considerar a obra de arte como significante em si, abandone os seus alunos, sem qualquer preparação, à "descoberta" do museu. O saldo desta

experiência será todavia negativo porque não basta fornecer a "liberdade" de ver é necessário fornecer os meios de a fruir. Na maioria dos casos este tipo de experiência provoca a desaprovação dos responsáveis dos museus, acentua a desconfiança dos respectivos conservadores relativamente a tais iniciativas (que reinvidicam a classificação de pedagógicas).

A VISITA ORIENTADA: é importante porque provoca um choque visual; torna-se essencial o contacto directo com o objecto, com a obra de arte. A criança descobre e regista, familiariza-se, com o que lhe é apresentado. A sua sensibilidade é afectada por esta experiência só que a visita deverá ser precedida por uma informação (exposição) dirigida pelo professor ou pelo próprio responsável pedagógico do museu. Uma sessão audio-visual sobre o assunto da visita poderá ser uma óptima introdução.

A visita poderá estar, contudo, na origem de uma exploração pedagógica: podem-se convidar as crianças a recriar um espaço, uma escultura, através de desenhos, maquettes, modelagens, ou por uma exposição cuja organização lhes caberá com base em documentos recolhidos. As actividades propostas pelo professor são numerosas e variadas, devendo sempre atingir e desenvolver a criatividade, a imaginação e a sensibilidade dos alunos.

Pratica-se, igualmente, um outro tipo de visita no Museu de História Natural de Paris, chamada "aula de campo".

Distribuídos por equipas de dois ou três e munidos de papel e lápis, circulam numa sala na posse de um questionário que se lhes forneceu à entrada. São assim convidados a descobrir os pontos de maior interesse nas colecções, aprendendo a analisar os objectos, a reflectir sobre eles, enquanto redigem um relatório. Ao professor compete vigiar discretamente o desenrolar da visita, ajudando os alunos que lhe solicitem o apoio. Após a recolha dos resultados verifica-se frequentemente que o melhor observador nem sempre é o melhor aluno, desde que sujeitos a solicitações diversas das apresentadas na escola. É então que uma visita guiada se impõe na medida em que ela será tanto melhor recebida quanto irá de encontro às questões formuladas pelos alunos naquela primeira fase desta experiência.

O MUSEU FORA DE PORTAS

Grandes esforços têm sido dispendidos em favor do público que não vai (ou não pode ir) ao museu; com a organização de colecções "ambulantes" que visam sobretudo o público escolar. Sendo constituídas por maletas pedagógicas, por exposições itinerantes ou por "museus ambulantes" (montados em autocarros), tornam-se estas iniciativas muito importantes, porque vêm a atingir os estabelecimentos de ensino dos meios rurais ou das cinturas urbanas menos favorecidas.

A MALETA PEDAGÓGICA: esta simples mala torna-se um verdadeiro acontecimento mal chega à aula. A observação e a manipulação deste material provoca o interesse e o entusiasmo dos alunos em redor do assunto a que é dedicado. A experiência regista que os alunos são impressionados pela autenticidade destes objectos, dado que é frequente a pergunta: "é autêntico"? O professor utilizará este material como melhor lhe convier, quer como introdução ao tema, quer como consolidação de conhecimentos. Enfim, a maleta pedagógica vem abolir a barreira intransponível que é a vitrine do museu. O estudo e observação da maleta pedagógica podem constituir uma excelente introdução à visita ao museu.

JACQUES BOULENE, ARLETTE LANGLES

Les Amis de Sévres, nº 4, Dezembro 1980

A OBSERVAÇÃO DOCUMENTAL

Os Estudos Sociais tendem a favorecer no aluno o desenvolvimento das suas capacidades e facilitar a compreensão da dinâmica das relações humanas.

Em tão vasto e profundo campo da técnica que nos ocupa tem uma vital importância, pois introduz-nos na "análise de documentos em que os factos políticos deixaram rasto: documentos escritos, filmes, fotografias, gravações, objectos etc.

No estudo dirigido o professor deve recordar o valor do documento a todo o instante e ao elaborar os planos de estudo terá presente que o aluno não só se informe em fontes bibliográficas mas também noutras fontes para enriquecer a investigação, tais como as imagens e os objectos.

(Basta reparar. Muitas lições podem apresentar-se em grande parte, sob a forma de uma inteligente informação de gravuras.

Assim, as ideias históricas associam-se com representações visuais: permanecem ligadas a essas imagens e gravam-se muito mais profundamente no espírito).

DIVERSAS CATEGORIAS DE DOCUMENTOS

Para que o professor tenha uma visão mais ampla do imenso campo em que o aluno pode penetrar utilizando a "observação documental" vejamos no quadro que leva este título o conjunto das diversas categorias de documentos mais acessíveis. Para a realização deste quadro baseámo-nos na obra de Maurice Duverger "Método de las ciencias sociales", Barcelona, Aniel, 1962.

Analisando o quadro, podemos ver quanto material com valor de documentos nos rodeia e quão pouco o aproveitamos.

... / ...

OBSERVAÇÃO DOCUMENTAL
(distintas vertentes de documentos)

DOCUMENTOS ESCRITOS

ESTATÍSTICAS

OUTROS DOCUMENTOS

ARQUIVOS

IMPRESA

ARQUIVOS
PRIVADOS

DOCUMENTAÇÃO
INDIRECTA

P
Ú
B
L
I
C
O
S

P
R
I
V
A
D
O
S

Periódicos
e
Revistas

Partidos
Políticos
Sindicatos
Igrejas

Armários
obras literárias.

DOCUMENTAÇÃO
TÉCNICA

DOCUMENTAÇÃO
ICONOGRÁFICA

DOCUMENTAÇÃO
FALADA

Objectos domésticos, de distração, de guerra e de religião.

Quadros
Esculturas, Fotografias, Filmes.

Linguística
Gravações
Fonográficas

Por acaso, sabe o professor ir com seus alunos visitar as velhas mansões solarengas, autênticos documentos mesmo ao pé, que falam da arquitetura, do mobiliário e dos costumes de outras épocas?

Leva os seus alunos a estabelecimentos periodísticos locais? Solicita informações, documentos ou cartas aos antigos habitantes do lugar, devolvendo estes últimos aos seus donos?

Visita a Municipalidade ou outra Repartição semelhante e observa com os seus educandos os mapas, planos, arquivos, o que consta de antigas disposições?

Realiza excursões a museus com um plano prévio para observar documentos relacionados com um facto que se está investigando?

Solicita películas às embaixadas ou a organismos culturais ou comerciais e seguidamente analisa o documento para observar os costumes, os ambientes, a vestimenta, etc., do país que se está estudando?

Muitos mestres o farão, não o duvidamos; mas recordemos àqueles que não utilizam fontes tão importantes, que a história foi escrita graças aos documentos que o homem deixou na sua passagem pela Terra. Observar seguindo um plano lógico, interpretar, tirar conclusões, será a meta do Estudo Dirigido.

" Se estamos empenhados em tornar mais activo e vital o ensino da história, creio que o contacto directo dos alunos com os documentos pode ser um recurso eficaz para consegui-lo.

A ANÁLISE DO DOCUMENTO

A autora de " La História en mis documentos", prof. Graciela Meroni, expõe um plano para uma análise documental que transcrevemos a seguir:

- 1 - Leitura do fragmento, mais de uma vez, se necessário.
- 2 - Situação do documento no tempo e no espaço
- 3 - Exame dos professores que actuaram ou são mencionados no documento
- 4 - Análise do conteúdo
- 5 - Conclusão sobre o seu conteúdo fundamental, tentativa de interpretação do facto ou da época a que pertence, ou apreciação sobre o seu valor real como fonte para conhecer.

... / ...

" Sem pretender iniciá-los no trabalho histórico, mostraremos às crianças com que se faz a história, como conhecemos o passado desaparecido".

A CORRECTA OBSERVAÇÃO

A escola não descuida em nenhum momento o aspecto formativo do ensino, por isso é importante determo-nos neste ponto e recordar o que toda a observação correcta exige para poder cumprir os objectivos previstos:

- a) Um planeamento cuidadoso. O observador deve saber o que é que vai observar.
- b) O observador percebe o todo. Vai aos pormenores sem esquecer o todo.
- c) O observador é objectivo.
- d) O observador comprova e ratifica a sua observação.
- e) O observador regista as suas observações.
- f) O observador usa os instrumentos apropriados para chegar às conclusões mais fidedignas.

Os programas de Estudos Sociais oferecem em todos os graus da escola variadíssimas oportunidades para praticar a observação documental, que tratará de oferecer aos educandos as fontes que eles oferecem dados verídicos.

Nos graus inferiores o aluno deve ser iniciado na prática desta técnica.

A escola, o lugar e o bairro dão ao docente a oportunidade de começar o trabalho de preparar o educando para que observe, estude e aprecie alguns objectos comuns, tais como monumentos, relíquias, quadros, fotografias, instrumentos musicais, etc.

Todo esse material que rodeia a criança deve ser descoberto primeiro pelo professor.

... / ...

A EXCURSÃO GEOGRÁFICA

Um passeio de estudo é um excelente recurso para aplicar instrumentos de investigação tão interessantes e educativos como a observação activa e a observação documental.

Uma excursão será realmente eficaz sempre que se tenham definido concretamente os objectivos que se pretendem ao realizá-la.

A excursão geográfica, por exemplo, terá como finalidade a análise de imagens, factos e paisagens que depois se expressa como descrição geográfica.

Visitar um rio, uma lagoa próxima, a beira mar, com seus, com seus escarpados carcomidos pelo golpear das ondas, uma ponte, um túnel (...), uma ilha (...), uma cidade com suas praças, edifícios, monumentos, com seus habitantes ocupados em mil tarefas distintas, etc; tudo isto dá ao aluno a oportunidade de interpretar a realidade física e humana mediante expressões pessoais e concretas.

O método de Estudo Dirigido inclui as excursões dentro da sua actividade investigadora, e propõe iniciar o passeio trazendo cada aluno ou cada grupo pequeno, um guia de estudo e observação.

O educador, antes de elaborar os guias, já deve ter realizado uma visita à zona, tratando de descobrir todos os aspectos científicos, estéticos e recreativos aproveitáveis.

Um guia bem preparado dará sentido à excursão ao mesmo tempo que evitará que seja estéril e inútil, com a consequente perda de tempo e de dinheiro.

Antes de iniciar a viagem o estudante (que já possui noções elementares de cartografia) estudará em mapas e cartas topográficas, mediante uma minuciosa observação documental, a zona a visitar, itinerário, etc. O conhecimento das cores convencionais, abreviaturas e sinais cartográficos facilitará à criança a interpretação dos mesmos, e a sua leitura ajudá-la-á a colocar-se geográficamente.

Já em marcha os viajantes terão em conta a hora de saída, a velocidade da marcha e a direcção seguida, e levantarão, em cada ponto onde se detenham:

esboços panorâmicos, distinguindo bem os diferentes planos e aplicando-se em representar só o essencial, evitando detalhes inúteis. O esboço panorâmico não é uma obra de arte, mas um documento geográfico.

... / ...

O aluno constantemente consultará o seu guia de estudo; este sugerir-lhe-á a observação activa, a interpretação dos fenómenos naturais de tal maneira que não se limitará a ver a matéria como uma disciplina isolada mas relacioná-la-á com a História, a Biologia, a sociologia etc.

Dulvis disse que devemos pensar na Geografia como numa matéria que possui um magnífico papel moral ao fazermos conhecer o ser humano no seu contexto.

Existe maior valor para uma ciência que a de contribuir para uma compreensão mais ampla do homem e dos seus problemas?

É indispensável chamar a atenção no guia de estudo, para as actividades posteriores ao passeio, para analisar e comentar a informação obtida e avaliar a excursão no seu aspecto científico, recreativo, etc.

No dia seguinte quando ainda estão vivas as experiências passadas e a emoção de ter enfrentado o desconhecido se encontra presente no aluno, aplicando uma técnica grupal far-se-á uma recapitulação da excursão.

Se se utiliza todo o material obtido durante o passeio, estoços, fotografias, fichas, amostras da vida vegetal e animal, etc. pode-se mais tarde realizar uma exposição e inclusivamente dar uma aula a companheiros de outros anos (...) sobre a excursão e a experiência recolhida.

A etapa posterior e toda a excursão é de um valor incalculável. Confrontar as vivências, os interesses, reviver as emoções, as surpresas, as descobertas realizadas, discutir sobre problemas humanos ou históricos, relacionados com a zona visitada, ajudam muito a valorizar o passeio e a fixar a informação obtida.

A excursão geográfica, organizada por um docente que consegue ver o transcendental da matéria, quer dizer, a íntima relação que existe entre o homem e o seu meio e a necessidade de conhecer outros povos, outras regiões, para conseguir um entendimento e compreensão maiores, levará ao êxito, à informação proveitosa, e ao enriquecimento espiritual.

Os guias de estudo e observação, além de contribuir para um novo e ordenado desenvolvimento da viagem, darão liberdade ao docente para disfr daquela como companheira, como um membro mais do grupo, oferecendo-lhe uma oportunidade para ampliar a comunicação e estreitar os vínculos afectivos com os seus alunos.

A ENTREVISTA

A comunidade que rodeia a escola oferece-se como um fecundo campo de informação, que o professor deve aproveitar ao máximo.

Para cumprir com este objectivo deve aplicar métodos e utilizar técnicas. Duverger na sua obra " Métodos de las Ciencias Sociales" fala da observação como um caminho básico para o conhecimento do ambiente, e estabelece que este valioso método abanica, entre outras técnicas, as pesquisas, os testes e as entrevistas.

As entrevistas interessam-nos, na escola primária, e neste período de preparação.

A entrevista é um valioso instrumento de indagação que oferece ao aluno uma visão concreta da vida da comunidade e o ajuda a viver experiências positivas, já que em toda a povoação, cidade ou região vivem seres humanos que podem falar com autoridade sobre o desenvolvimento das suas actividades, interesses e criações.

Olsen na sua obra "La Escuela y la Comunidad" dedica várias páginas a esta técnica indagatória e estabelece categoricamente que todo o encontro deve contribuir para a solução de problemas, ajudar a enriquecer e a ampliar conceitos, ao mesmo tempo que deve despertar e contribuir para difundir interesses mútuos que sejam valiosos.

DEFINIÇÃO DA ENTREVISTA

Diremos que a entrevista é uma técnica para reunir dados, e que se leva a efeito durante uma consulta privada ou uma reunião. Uma pessoa (o entrevistado) facilita verbalmente ao entrevistador a sua versão de certos factos ou responde às perguntas relacionadas com o problema estudado. - A entrevista que o aluno pode utilizar no âmbito escolar revestirá o carácter documental já que se interrogarão pessoas sobre aquilo que sabem.

Dado que a entrevista é uma técnica completa que requer uma planificação prévia, um objectivo determinado uma ordem no seu desenvolvimento, é preciso preparar o estudante para que a aplique conhecendo o seu manejo.

ETAPAS DA ENTREVISTA

Em toda a entrevista podemos distinguir três etapas: uma prévia, uma média e outra final.

Etapa prévia ou de preparação: neste primeiro momento e uma vez de terminado o propósito da entrevista, estabelecem-se contactos com o futuro entrevistado por meio de uma comunicação escrita ou pessoalmente. Outra ta-

refa importante a desenvolver neste tempo é a estruturação do questionário que se utilizará no encontro.

A elaboração de um bom questionário requer tempo e dedicação. Pode preparar-se um questionário rígido, quer dizer que será respeitado tal qual se estruturou, ou em aberto, no qual só se colocam problemas sobre os quais se formularão perguntas fruto da inspiração de momento.

Aconselhando a primeira forma até que o aluno adquira habilidade, maturação socialmente e consolide a sua formação cultural. (Mais adiante falaremos sobre o questionário e sua elaboração).

Etapa média ou de execução: nesta segunda etapa desenvolve-se a entrevista propriamente dita. Deve-se iniciar com uma breve conversação informal, para estabelecer a relação ou seja uma corrente de comunicação despoje simpatia e sinceridade. Esta breve troca de palavras criará no sujeito que informa a ideia da utilidade da conversação a desenvolver, e despertará o interesse no tema que haverá de tratar-se uma vez que o indagador tenha conseguido uma situação cómoda com o seu interlocutor, abordará o assunto apoiando-se no questionário previamente elaborado.

É aconselhável que as perguntas se saibam bastante bem para não as ler e manter naturalidade no diálogo.

Também é importante evitar comentários pessoais e discutir as opiniões recebidas.

Um eficaz entrevistador deve ser natural, ter serenidade, estabelecer o tema correcto, não julgar, não coactar a livre expressão e, sobretudo, ser adaptável para saber estar com o seu interlocutor.

As respostas anotar-se-ão (pode haver um secretário que tome nota das mesmas) tendo especial cuidado em não deformar o seu conteúdo, e em caso de dúvidas, sem sugerir a resposta, formular algumas perguntas esclarecedoras: "Que quer dizer com isso? "Pode dar-me um exemplo?", etc.

Ajuda ao êxito da entrevista de carácter documental na escola o preparar convenientemente o aluno entrevistador e basear o diálogo num bom questionário. Muitas vezes as respostas confusas respondem a perguntas pouco claras ou formuladas em voz baixa, titubeante e insegura.

Na realidade não existe uma fórmula infalível que leve ao êxito total Disse Nahoum, em "LA ENTREVISTA PSICOLÓGICA":

"A situação da entrevista é absolutamente única para cada indivíduo e cada momento". Sem dúvida, a entrevista não será plenamente conseguida se o aluno não se expressa correctamente, se não obtém respostas válidas e com lógica e se estas não são registadas correcta e completamente.

. Etapa final; na aula, no dia seguinte, far-se-ão comentários sobre a entrevista. Avaliar-se-á no aspecto técnico e documental e chegar-se-á a conclusões.

É eficaz a aplicação de técnicas grupais nesta terceira etapa. Os diálogos simultâneos, o "cochichar", os pequenos grupos, e o método Phillips 66, etc; darão oportunidade a todos os componentes da classe para discutir o tema e opinar sobre a entrevista, que também constitui uma técnica grupal. Pretende-se chegar a conclusões, em forma organizada e democrática.

Esta etapa final é muito importante e constitui a meta indispensável de todo o encontro realizado de forma consciente e que aspire a alcançar uma informação válida.

Quando pode o aluno começar a realizar entrevistas

Por exemplo, no programa de desenvolvimento do primeiro grau, corresponde à província de Buenos Aires, no tema "A criança e o seu meio" pede-se o conhecimento das dependências da escola e prática de sociabilidade, visitas, conversações, passeios pela mesma. O docente deve descobrir nesse tema a oportunidade para iniciar à criança o manejo da entrevista, que é uma técnica usada actualmente em todos os âmbitos, pelo seu dinamismo e eficácia. Os pequenos serão convenientemente preparados pelo seu professor, para poder manter uma breve mas significativa conversa com a directora e outras autoridades da escola. Mais adiante visitarão alguns estabelecimentos comerciais e também aproveitarão esta ocasião para entrevistar os donos ou os empregados.

O professor descobrirá no programa magníficas oportunidades para reunir informações aplicando uma técnica tão positiva como o é o da entrevista.

Através de práticas realizadas ao longo do curso primário, o aluno desenvolverá a habilidade que o capacitará para enfrentar problemas nos quais se requiere desenvoltura e destreza no manejo da situação.

A vida do ser humano está povoada de encontros, e é função da escola capacitá-lo para que estes sejam realmente frutíferos.

Uma vez superada a Etapa de Preparação, que incluirá práticas dentro e fora da escola, o aluno utilizará nos seus estudos a entrevista como um instrumento mais de pesquisa. Aplicá-la-á em todas as disciplinas ajustando-se sempre às normas repartidas pelas suas fases.

Dois caminhos para realizar uma entrevista

Frente a um tema que tenha relação com alguma actividade própria da comunidade que rodeia a escola ou com alguma outra comunidade vizinha, o

professor pode optar por dois caminhos.

A eleição de um deles depende das circunstâncias; por essa razão fica ao critério do docente levar os alunos ao estabelecimento onde se encontra a pessoa para entrevistar, ou convidar o futuro informante para que a entrevista seja na escola.

Neste último caso, além de redigir a convite e o questionário que terá de utilizar-se, devem-se tomar certas precauções: a) Preparar o ambiente propício para o encontro (salão, mesa, cadeira, etc.)
b) Designar um comité de recepção e despedida para receber o perito que realisa a visita.

Alguns ensaios na aula farão com que várias crianças tomem parte nos preparativos e que o entusiasmo seja colectivo. É importante que a classe inteira esteja preparada para a tarefa; por isso, só se designará o entrevistador no último momento.

O aluno protagonista da conversação não deve ser sempre o mesmo.

Uma coisa que o professor não deve esquecer é que todos os alunos igualmente devem estar documentados sobre o tema do que se receberá informação especial.

Duverger aconselha que as entrevistas se situem na última fase da investigação, buscando naquele momento aquele dado que não foi fácil encontrar nos documentos escritos.

O Questionário

Mencionámos várias vezes o termo questionário e consideramos que é necessário determo-nos um instante sobre este instrumento que desempenha tão valioso papel na investigação.

Definição : diremos que o questionário é um conjunto de perguntas estruturadas por escrito e que versam sobre um tema de interesse. É o processo mais utilizado para conseguir dados de uma ou de várias pessoas.

Um bom questionário requer uma preparação meditada. O trabalho em grupos presta-se para elaborar uma série de perguntas na forma mais conveniente.

Passos para estruturar um questionário:

- 1) Conhecer bem o tema;
- 2) Subdividir este em vários subtemas ou tópicos;
- 3) Dividir todos os alunos em grupos e encarregar cada um destes da elaboração de um questionário parcial que responda a cada um dos tópicos;

- 4) Hierarquizar os subtemas;
- 5) Ler as perguntas seguindo a ordem dos subtemas;
- 6) Rejeitar ou aceitar as perguntas;
- 7) Escrever no quadro as aceites ;
- 8) Ler todo o questionário;
- 9) Emitir um juízo crítico sobre a sua ordem lógica e psicológica, redacção e conteúdo;
- 10) Aceitar o questionário definitivo.

O aluno deve saber que um bom questionário deve reunir certas condições:

- . Deve ser significativo
- . Deve buscar a informação
- . Deve ser claro
- . Cada pergunta deve incluir uma só ideia
- . As perguntas devem ser objectivas e não conter sugestões.
- . As perguntas devem apresentar uma ordem lógica; ir do geral para o específico.

Flexibilidade na entrevista

Muitas vezes as respostas dos entrevistados incluem antecipadamente a resposta a outra pergunta posterior; dependerá da habilidade do entrevistador o deixar de lado aquele ponto que foi satisfeito e prosseguir com o desenvolvimento normal da entrevista. Quer dizer que mesmo quando o questionário é muito estruturado, o aluno no seu papel de indagador deve possuir certa flexibilidade frente a situações que provenham do ritmo cambiante das perguntas e respostas ao longo da entrevista. O seu fim será uma conversa agradável e rica em experiências espirituais e culturais, e o questionário, apenas é um meio para atingi-lo.

Consequência formativa da entrevista

A técnica da entrevista capacitará, assim, na sua Etapa de Preparação aos alunos, para que enfrentem com autêntica destreza qualquer situação de aprendizagem.

Estudar, tendo sido capacitado para isso, significa ter segurança, confiança em si mesmo, êxito na escola e na vida.

A entrevista e o questionário devem ser dominados já na escola

primária: Só uma prática iniciada nos primeiros anos e progressivamente ampliada nos seguintes traduzir-se-á numa habilidade concreta e positiva.

Finalizando o tema acompanhamos um questionário elaborado por alunos de um sétimo ano com o motivo de uma visita à Biblioteca de "LA CAJA NACIONAL DE AHONO POSTAL". Ela incluiu uma entrevista ao director da Biblioteca e uma observação sistemática das instalações.

Para a preparação do questionário procedeu-se tal como se estimula na primeira etapa da entrevista,

Formaram-se na aula cinco grupos e cada um preparou o questionário correspondente a cada um destes tópicos:

Tema: Biblioteca da Casa Nacional de Ahono Postal

Subtemas : (segundo uma ordem lógica)

- a) História da Biblioteca
- b) Organização
- c) Material existente e movimento
- d) Alcance e projecção da obra para a comunidade
- e) Projecto sobre o futuro.

Questionário Aceite

- 1) Senhor director, poderia informar-nos quando foi criada esta biblioteca?
- 2) Quem ou que pessoas a fundaram?
- 3) Qual foi o motivo inicial que levou os seus fundadores a criar a Biblioteca?
- 4) Qual é a sua organização actual?
- 5) Têm vocês algum organigrama elaborado que graficamente nos mostre como é esta instituição?
- 6) Que sistema de classificação empregam?
- 7) Esta biblioteca é especializada?
- 8) Quantos volumes possui actualmente?
- 9) Com que fundos conta para incrementar o material bibliográfico existente?
- 10) Quantas obras se consultam por dia, em média?
- 11) Quem pode levantar livros?

... / ...

- 12) Quantos sócios tem a biblioteca actualmente?
- 13) Senhor Director, crê que esta biblioteca cumpre os objectivos fixados na fundação?
- 14) Que projectos existem para o futuro?

ASPECTO INDIVIDUAL E SOCIAL
do Método de Estudo Dirigido.

Como já o manifestámos no caderno Pedagógico Nº 12, o método de Estudo Dirigido contempla o aspecto individual e social da aprendizagem. Dirigir-se para a formação integral do educando e sua perfeita adaptação ao meio, empregando actividades pessoais e grupais.

Enfrentamo-nos agora com o compromisso de focar o método desde o ponto de vista socializador, para dar assim uma visão clara dessa dualidade, que tanto o favorece.

Já dissemos que dificilmente dois alunos podem estudar juntos, pois não há duas pessoas com a mesma velocidade nos mecanismos visuais da leitura, semelhante compreensão e idêntico poder de retenção e de elaboração, e se duas pessoas de distinta capacidade para o estudo o fizerem apesar disto, prejudicar-se-á o que possui maior velocidade para aprender.

O estudo corresponde à esfera do individual, mas a confrontação do aprendido, a discussão de pontos de vista, a investigação laboratorial, a estruturação de projectos, os trabalhos de campo, etc, que surgem dentro das etapas do método de Estudo Dirigido, são problemas grupais.

O TRABALHO DE GRUPO

O trabalho comunitário exige organização; de outra maneira, a produção será escassa e pobre em qualidade.

O homem com a sua constante reflexão, criou as técnicas grupais, que como "esquemas prefixados para a interacção humana" favorecem o desenvolvimento dos hábitos solitários e o de uma pessoa inclinada à busca da verdade.

As fichas de estudo elaboradas pelo educador contemplarão, em qualquer das suas etapas, a necessidade de criar a situação grupal para concretizar mediante actividades sociais uma aprendizagem autenticamente eficaz.

O Método de Estudo Dirigido no seu período de Preparação deve encarar, portanto, além da aprendizagem das técnicas de trabalho intelectual (leitura compreensiva, técnica das fichas, etc) e dos instrumentos de investigação (observação activa) observação documental e entrevista) a aprendizagem do trabalho em grupo mediante a aplicação de simples técnicas grupais que introduzam lentamente o aluno no sentimento do "próximo", mola indispensável para actuar no mundo moderno.

O educador para ensinar métodos de investigação em fontes bibliográficas e na realidade circundante, deve possuir uma sólida preparação técnica e pedagógica; não menos preparação necessitará para aplicar o trabalho em grupo. Deve além disso possuir uma grande sensibilidade, uma firme objectividade e ser uma pessoa integrada comunicativa e justa.

Princípios que regem a acção do grupo

Todo o docente que encara com seriedade o trabalho em grupo deve, além de possuir as condições expressas em parágrafos anteriores, documentar-se amplamente sobre a dinâmica do grupo escolar, suas motivações, metas e atitudes. Investigará, noutros grupos e em fontes bibliográficas, o mecanismo da liderança, e já em situação de conduzir os alunos recordará constantemente que para que o grupo produza, actue e se dirija até metas positivas ■ deve reger por certos princípios básicos que servem de guia e orientação.

O professor que aplique no Estudo Dirigido uma técnica grupal deverá reduzir a intimidação aos alunos, pois frente a novas situações estes se retraem, prejudicando a comunicação. Deverá criar uma atmosfera cordial e flexível, tratando de proporcionar um ambiente físico grato, cómodo e adequado. Recordará também que pode fomentar a liderança em todos os alunos, para que se sintam capazes num momento dado de actuar ou de solucionar um conflito dentro do grupo.

O professor jamais esquecerá que a liderança ideal é a distribuída, e que cada momento crítico na vida de um grupo exige um condutor apropriado.

O educador, frente à conduta grupal, fará fixar os objectivos que são elementos indispensáveis.

Os objectivos não serão inamovíveis, já que toda a rigidez entorpece a acção livre e criadora.

Saberá também que o acordo geral sobre a conduta a seguir (consenso) ajuda à boa marcha do grupo, e que o desenvolvimento da acção é fundamental e deve ser amplamente compreendido.

Por último, o educador, frente à aplicação de uma técnica grupal realizará avaliações contínuas sobre as actividades e o conseguido dos objectivos propostos, e também avaliará a sua própria actuação num exame introspectivo. Sobre tudo isto os docentes "deverão observar-se a si próprios e analisar-se para comprehendere e continuar as causas da sua própria conduta.

Insistindo sobre alguns conceitos anteriores afirmamos que o trabalho em grupo requer um tempo de aprendizagem, Ensinar a actuar em grupo a alunos instruídos no individualismo, não é tarefa de um dia. É um labor paciente, que reguer do docente fé, constância e uma própria experiência grupal. O educador compreenderá que não é fácil passar de uma situação "autocrática - dependente", onde tudo está anunciado desde cima, a uma situação "democrática-independente" em que quase tudo deve ser decidido por si mesmo e pelo grupo.

Temos observado como os novos participantes de um grupo exteriorizam a sua transitória adaptação com atitudes tais como; discussão pela discussão, susceptibilidade exagerada, timidez, espírito competitivo, etc.

Muitas vezes a conduta do aluno no grupo é muito diferente da conduta que assume quando está só. Explica-se isto porque o indivíduo que se encontra dentro de uma pluralidade de indivíduos sente ameaçado o seu próprio eu, e perante situações novas pode optar condutas negativas, agressivas ou simplesmente irónicas, que são apenas mecanismos de defesa tudo isto superará o docente criando uma atmosfera cordial e passando lentamente da liderança autocrática à democrática. O grupo necessita desenvolver-se, se se concede um tempo para que se cumpra o processo, conseguirá a maturidade e equilíbrio necessários.

O SEMINÁRIO

Sendo tão vasto o campo das técnicas grupais limitar-nos-emos a comentar somente dois deles.

Preferimos o seminário, que pela sua estrutura e desenvolvimento cabe maravilhosamente dentro do método de Estudo Dirigido, e o Pequeno Grupo de Discussão como técnicas de aprendizagem em tarefas grupais.

O Seminário reúne de sete a quinze pessoas, aproximadamente, e tem por objecto tratar um tema em profundidade.

Pelas suas características, podemos colocá-lo dentro dos grupos de aprendizagem activo e defini-lo como um verdadeiro meio de investigação, dado que os integrantes do grupo procuram uma informação não elaborada.

Podemos aplicar esta técnica depois de um adestramento em tarefas cooperativas e quando os alunos tenham alcançado maturidade de pensamento e podem assumir uma atitude decididamente investigadora.

Se bem que o seminário tenha sido uma técnica exclusiva do nível universitário, graças a certas modificações pode aplicar-se nos ciclos primário e secundário.

Justificarão o seu emprego os temas de verdadeiro interesse que tenham despertado inquietação e um profundo desejo de os analisar.

Tratar todo o programa de estudos mediante seminários não é aconselhável, já que por ser uma técnica minuciosa, que busca o de talhe, a nota distinta, a conclusão bem elaborada, requer para seu correcto emprego demasiado tempo.

Mas se se o utiliza no tratamento de certos temas, especiais pelo seu fundo muito formativo, oferece ao estudante a ocasião de poder aplicar técnicas e métodos de investigação, desenvolver o seu espírito crítico e o seu pensamento original e preparar-se para o encontro com seus companheiros, no que se chegará a um acordo, fruto do debate sereno e organizado.

O MÉTODO DO ESTUDO DIRIGIDO

Orienta o aluno na tarefa de estudar, por essa razão põe à sua disposição, uma técnica grupal que facilita a busca do saber e a torna mais amena e mais profunda.

O docente, que previamente informado sobre a preparação e desenvolvimento desta técnica, se decide a aplicá-la, deve ter presente:

- a) O seminário requer pleno domínio do manejo das técnicas do trabalho intelectual e dos instrumentos de investigação;
- b) O seminário deve ser precedido por um período de aprendizagem de tarefas grupais.

Não é tarefa simples a aplicação do seminário no ambiente escolar, mas cremo-lo possível tanto quanto o docente aplique de forma correcta o método de Estudo Dirigido.

Recordemos que este método na sua Etapa de Preparação dá ao estudante destrezas e habilidades que o põem apto a procurar satisfatoriamente nas fontes bibliográficas e na realidade circundante.

Além disso, tem presente na Etapa de Preparação e na Etapa de Execução a necessidade de preparar o aluno para se integrar nos grupos humanos.

Mesmo nos níveis universitários, a aplicação do seminário deve estar precedida por uma etapa chamada Pré-Seminário, onde o estudante se torna apto para que possa investigar logo nas fontes bibliográficas no campo que a cadeira indique. Deduzimos, então, que nos níveis primário e secundário, onde o aluno recém começa o estudo e a pesquisa, torna-se indis-

... / ...

pensável uma etapa prévia na qual adquirirá habilidade no manejo das ferramentas intelectuais e científicas.

Este momento coincide com a Etapa de Preparação da validade à técnica dentro do método de Estudo Dirigido.

DESENVOLVIMENTO DA TÉCNICA

- 1.- Seleção de temas ou áreas de interesse sobre o que se deseja trabalhar
- 2.- Reunião de todo o grupo para escutar o docente que será o coordenador. Este exporá sobre o tema brevemente, escutará sugestões, entregará bibliografia e as fichas de estudo e investigação
- 3.- Divisão do grupo em sub-grupos, agrupação voluntária (7 a 15 alunos)
- 4.- Reunião dos sub-grupos em local apropriado. Designação de um director e um secretário
- 5.- Investigação individual ou em pequenos grupos (dois ou três alunos). Procura de informação em fontes bibliográficas e documentais, consulta a profissionais, peritos e técnicos. Preparação de fichas documentais e bibliográficas.
- 6.- Reunião do sub-grupo. Colóquio sobre o tema investigado prévia formulação de hipóteses. Análise dos dados, confrontação de pontos de vista diferentes, discussão sobre a aplicação de métodos, etc.
- 7.- Chegar a uma conclusão
- 8.- Reunião de sub-grupos, e, com a direcção de um docente, que actua como coordenador, leitura das conclusões e elaboração de outra que terá carácter de resumo final do Seminário
- 9.- Avaliação, mediante o emprego de esquemas ou de opiniões orais

Em continuação exporemos uma experiência recente, recolhida num curso de Estudo Dirigido, ditado (sugerido) a alunos do primeiro ano, no colégio Guadalupe desta capital.

Aplicou-se a técnica cerca do final do curso; teve uma duração de 20 horas. Considerou-se apropriado o momento, já que o grupo de estudantes tinha experiências em trabalhos e debates em grupo e além disso tinha-se con-

substanciado com as técnicas básicas do trabalho intelectual.

O Seminário, considerado como um meio para completar a tarefa da aula, versou sobre um tema que tinha despertado grande entusiasmo entre os alunos, rapazes de 12 e 13 anos: As Guerras Médicas: Causas do triunfo grego.

Trabalhou-se com dois grupos de 15 alunos e elaborou-se previamente o temário por desenvolver:

Temário

- a) Características dos exércitos
- b) Personalidade dos líderes gregos
- c) Personalidade dos reis persas
- d) Características das frotas (grega e persa)
- e) A batalha de Maratona
- f) A batalha de Salamina
- g) O espírito grego

Desenvolvimento do Seminário - Primeiro momento

Tema: Guerras Médicas: Causas. Desenvolvimento.

Consequências; tratado na aula com o professor de História, foi revisto superficialmente por todos os alunos (30) para dar lugar à formulação de hipóteses. Estas surgirão espontaneamente dando as razões do triunfo grego.

Hipóteses formuladas

- I- O triunfo grego deveu-se ao domínio da estratégia nas guerras marítimas e terrestres.
- II- Graças à inteligência dos atenienses e à fortaleza dos espartanos, triunfou a Grécia.
- III- O amor à terra, à justiça e à liberdade deu aos gregos o valor para vencer o exército persa, que era muito mais numeroso.
- IV- Os gregos obtiveram as suas vitórias graças à preparação dos seus soldados e à superioridade das armas.

... / ...

Segundo Momento

Como base do tema elaboram-se sete fichas de estudo (tarefa a cargo do professor de Estudo Dirigido).

Transcreve-se seguidamente uma das fichas entregues aos alunos. Estes já estavam separados em grupos de quinze.

Tema : A GRÉCIA CLÁSSICA

sub-tema: AS GUERRAS MÉDICAS

Objectivo: Fazer um paralelo entre o exército grego e persa.
Fazer notar as diferenças na preparação, armas e disciplina.

A) Actividades de investigação

- 1) Desenha um mapa da Grécia antiga. Coloca mares e terras. Indica especialmente as planícies de Maratona, a ilha de Salamina e o desfiladeiro das Termópilas.
- 2) Realiza um gráfico nas idades da História: coloca as guerras médicas no tempo.
- 3) Visita à Embaixada da Grécia, Departamento Cultural (Florida 378, cap. Fed.) e solicita material ilustrado.
- 4) Entrevista a algum membro da embaixada e solicita dados sobre a Grécia e seu aspecto físico.
- 5) Com os cartazes, fotografias, etc, entregues pelo pessoal da embaixada grega, prepara um album.
- 6) Nos textos que se indicam investiga as características do exército grego; preparação física e moral, armas que usava, vestimentas, disciplina.
- 7) Medita sobre esta frase escrita nos túmulos dos espartanos mortos nas Termópilas :

" Viajante: vai e diz a Esparta que aqui repousam
300 cidadãos seus que morreram por obdecer às suas
leis ".

Escreve a tua conclusão.

- 9) Explica que estratégia utilizaram os gregos na batalha de Maratona.

9) Informa-te acerca do exército persa, quem fazia parte dele, quais eram as suas armas, como utilizavam a cavalaria, qual era a sua estratégia, a sua disciplina e preparação moral e física.

10) Chega a conclusões

B) Actividades estéticas

- a) Modela em plasticina um soldado grego e um persa com as suas armas
- b) Prepara estampas murais que façam referência ao triunfo grego. Utiliza qualquer das técnicas aprehdidas: desenho, pintura, colagem etc.

(Consulta o teu professor de desenho)

Bibliografia

Terceiro Momento

Consulta bibliográfica. Entrevistas

Aqui o aluno, aplicando as técnicas do trabalho intelectual e os instrumentos de investigação, buscou informação sobre o tema. Preparou fichas, desenhou, fêz gráficos, consultou com o pessoal da embaixada e com o seu professor de história.

As hipóteses postas ao iniciar o Seminário foram escritas no quadro e toda a investigação tendeu a demonstrá-las.

Os alunos nesta etapa desenvolveram uma grande actividade, tomada de notas, esquemas, desenho e ilustrações realizadas na aula demonstraram o interesse despertado pelo tema.

O professor de Estudo Dirigido percorreu constantemente a sala de aula, detendo-se nas diferentes mesas de trabalhos para auxiliar, guiar ou orientar na visão objectiva do assunto, dado que a simpatia tida pelos gregos era maioritária entre os alunos, bem como um sentimento de desprezo ou desdém para com o exército persa e seus chefes.

Quarto Momento

Os alunos, que tinham investigado individualmente, mesmo quando a maioria compartilhou a ficha com outro companheiro, reuniram-se para deliberar sobre o tema.

Eram quinze os estudantes que em torno de uma mesa e com as suas fichas de trabalho à vista se dedicaram a falar sobre as guerras médicas e as razões do triunfo grego.

Um aluno, em certo momento, demonstrou uma hipótese mais ampla:

" A preparação do exército, os seus líderes e o amor à liberdade deram o triunfo às forças gregas".

Os alunos expuseram a forma ordenada, escutando-se mutuamente, pedindo a palavra para aclarar algum conceito.

O professor actuou como coordenador da reunião e tratou de criar um clima permissivo e flexível para que todos participaram. Só falou para aclarar brevemente alguma ideia e para encaminhar o colóquio para a objectividade.

Os mapas, quadros murais e modelação foram expostos e utilizados como material ilustrado no momento da exposição oral.

Quinto Momento

Os estudantes, que já tinham dado a sua informação e que inclusivamente tinham elaborado juízos pessoais, prepararam-se para redigir a conclusão. Esta tarefa que requer um extraordinário poder de síntese, não foi fácil de realizar.

Finalmente um aluno (o secretário), auxiliado pelo professor redigiu a conclusão final, que tratou de demonstrar a hipótese global aceite.

CONCLUSÃO

Em princípios de sec. V A.C. estalou uma guerra entre o Império persa e os estados gregos. Várias foram as razões que concorreram para dar o triunfo aos gregos. Em primeiro lugar, o seu exército estava constituído por soldados bem adestrados em exercícios corporais e no uso das armas. Estas eram superiores às dos soldados persas, que não conheciam nem o escudo nem a lança e só eram destros na luta a distância.

No que respeita aos seus chefes, os líderes gregos distinguiram-se por serem hábeis estrategos, depositários da fé e admiração dos seus soldados.

O exército persa, ainda que numeroso, vinha de terras longínquas e estava constituído por homens de diferentes regiões, línguas e raças.

Os gregos conheciam as características do solo e lutavam com ardor porque defendiam os seus lugares de um poderoso inimigo que punha em perigo a liberdade do seu país.

As batalhas de Maratona e Salamina são dignos expoentes de estratégia em terra e mar, e os nomes de Milcíades, Temístodes e Anistídes ficaram na história como exemplos de valor e patriotismo.

Uma vez elaborada a conclusão, foi lida a todo o grupo para a sua aprovação.

O tempo dedicado ao tratamento do tema, aplicando a técnica de Seminário, foi de quatro horas.

Uma vez finalizado o Seminário, entregou-se a cada aluno um formulário de avaliação.

1. Como julga esta reunião?

Má Medíocre Correcta Boa Excelente - (assinale com uma cruz).

2. Quais foram as suas melhores características

3. Quais foram os pontos fracos.

4. Que melhoras sugeria para futuras reuniões?

(Não necessita escrever o seu nome)

O preceptor que actuou como observador, apresentará ao coordenador o seu próprio juízo avaliativo sobre a participação individual dos alunos.

Esta avaliação, junta com a realizada sobre outros aspectos (criatividade, organização e aproveitamento) foi dada a conhecer na aula seguinte para que o estudante continue a pôr no gráfico o seu próprio rendimento.

Perfil de rendimento de um aluno ao finalizar o seminário

Aulas	aproveitamento				criatividade				participação				organização			
	3	2	1	0	3	2	1	0	3	2	1	0	3	2	1	0
1ª																
2ª																
3ª																
4ª																
5ª																
6ª																
7ª																
8ª																
9ª																
10ª																

Tabela de avaliação

3	Muito bom	1. Regular
2	Bom	0. Menos que regular

Uma vez retirados os alunos do lugar de reunião, o professor e o preceptor começaram a avaliar a sua tarefa como coordenador e observador do grupo.

*

Brevemente expomos uma experiência grupal, positiva sob todos os pontos de vista, pois manteve-se uma actividade constantemente dirigida a formar e a informar o estudante.

O método de Estudos Dirigido inclui o Seminário mas ainda o coloca num lugar de privilégio por ser uma das técnicas grupais mais completas e educativas.

(esta técnica de aprendizagem e de solução de problemas é útil tanto para os grupos de profissionais como de leigos. A maior parte dos grupos humanos podem aprender eficientemente assumindo a responsabilidade da sua própria aprendizagem.

Pequeno Grupo de Discussão

No período preparatório do método, para introduzir o aluno no grupo de trabalho activo sugerimos a técnica do Pequeno Grupo de Discussão.

Esta técnica reúne com vários alunos, entre 5 a 20, para permutar ideias sobre um assunto, que pode ser de estudo ou um problema a resolver. Os membros elegem um coordenador e um secretário.

O primeiro estimula a participação de todos os membros e leva o controle do tempo; o segundo toma nota do que expõe cada aluno e redige a conclusão final, com a aprovação do director e dos restantes participantes do grupo " todos os membros do grupo hão-de ser solidários com as conclusões a que se chegue, posto que estas foram tomadas através de uma elaboração participativa e democrática.

Beal, Bohlen e Raudabaugh fazem certas advertências a respeito desta técnica, as quais cremos oportuno reproduzir aqui, embora de forma sucinta:

- 1- Deve haver um problema por resolver
- 2- Os resultados dependerão do grau de conhecimento sobre o problema a discutir

- 3- Exigir-se-á na discussão, o pensamento objectivo.
- 4- A discussão organizada dará melhor resultado que a improvisada.
- 5- Cada participante trará ao grupo toda a sua informação
- 6- Escutar-se-á actualmente e pensar-se-á sobre o que se ouviu.
- 7- Uma boa discussão exige boas contribuições individuais.
- 8- A discussão necessita um bom coordenador
- 9- Todos os participantes intervirão por igual, o domínio de um ou dois diminuirá a eficácia da discussão.

Acreditamos que trabalhar na aula com pequenos grupos de discussão favorece a comunicação, afastando-se do egocentrismo e a formação de alunos com espírito de colaboração que estão dispostos a escutar, a compartilhar e a dar.

Esta técnica parece ter o seu antecedente numa variação muito útil na escola primária, referimo-nos ao sistema de "cochichar" e pode mais tarde aprefeioar-se noutro sistema para canalizar a acção grupal: O Phillip 66, que se caracteriza pelo seu dinamismo e alto grau de comunicação.

Elena M. Echegaray de Juárez, Métodos y técnicas de investigación, in Estudio Dirigido 2, Cuadernos Pedagógicos 19. Editorial Kapelusz, Buenos Aires, 1972.

ENTREVISTAS

A entrevista é um tipo de aproveitamento dos recursos da comunidade, que apresenta inúmeros valores, como, por exemplo:

- levar a criança a entender que as pessoas são também fontes de informação,
- Levar o aluno a identificar-se com pessoas fora do seu ambiente cotidiano,
- proporcionar experiências de convívio social, desenvolvendo interesses e satisfações mútuas e anulando preconceitos,
- dar oportunidades para o desenvolvimento de várias habilidades, como:
 - . escrever cartas de agradecimento, convites, relatórios,
 - . tomar parte em debates,
 - . resolver problemas,
- dar oportunidade ao entrevistado de sentir, pela sua própria experiência, como trabalha a escola moderna.

B^a ETHLEM, Nilda - Estudos Sociais. Liv. José Olympio Ed. S.A., Brasil, 1975.

1. ACERCA DA IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA DOS PROFESSORES

Não há nenhum professor que se não sinta preocupado com as dificuldades do seu trabalho e os resultados, nem sempre gratificantes, que dele colhe. Tal situação pode conduzir à frustração e ao desânimo, levando muitas vezes o professor a refugiar-se numa concha de isolamento, rotina e autoritarismo, para ocultar e esquecer os problemas que não conseguiu ultrapassar.

Ora acontece que, na minha opinião, grande parte dessas dificuldades se resolveriam ou, pelo menos, se atenuariam, se houvesse melhores condições para trabalhar em equipa, maior oportunidade para pesquisar e experimentar soluções e, simultaneamente, se as soluções encontradas tivessem a divulgação necessária, de modo a fazer delas ponto de partida para novos progressos.

Conheço muitos professores que, na sua prática quotidiana, realizam experiências interessantes, das quais praticamente nenhum outro professor aproveita. As conclusões a que chegam enriquecem a sua prática, mas não são registadas nem divulgadas. Isso acarreta dois males: o primeiro, é que não passam as suas conclusões a outros que delas muito poderiam aproveitar; o segundo é que, por falta de apreço e de incentivo, não são estimulados a avançar mais e a sua criatividade definha, estiola... ou morre.

Há algum tempo atrás, três ou quatro anos, vi na TV um documentário, mostrando a criação de uma aguiazinha orfã encontrada pelos alunos de uma escola, em Ourique, se não estou em erro.

Que coisa maravilhosa! Tenho a certeza que o professor, que dinamizou e orientou aquele trabalho, proporcionou aos seus alunos uma verdadeira situação de aprendizagem. No entanto, dessa experiência, nada mais conheço além das imagens que vi há anos e que perderam na minha memória. Provavelmente, a grande maioria dos professores nem essas imagens têm para recordar.

Poder-se-á dizer que tal experiência terá sido ocasional e por isso sem interesse científico, não tendo aplicação generalizada, pois se não encontram ninhos de águias orfãs a cada canto. E tal experiência, que de certeza foi rica e frutuosa para aqueles alunos, não poderá ser pedagogicamente aproveitada por outros professores.

A minha opinião não é essa. Toda a experiência tem valor, mesmo que a conclusão não seja positiva. A própria realização da experiência cria no professor uma certa inquietação, semente de novas experiências e uma atitude de pesquisa que o leva a reflectir mais profundamente sobre o seu trabalho e será fermento de progresso.

E os nossos alunos bem o merecem!

Por isso me pareceu que a revista «O professor» podia ser um espaço aberto à divulgação de experiências realizadas pelos professores no seu «laboratório» quotidiano, que é a aula.

Nessa linha, decidi-me a abordar nesta revista o tema «Visitas de Estudo» apresentando exemplos práticos já realizados com alunos da Escola Preparatória onde trabalho.

2. ACERCA DAS «VISITAS DE ESTUDO»

A abordagem deste tema permitiria escrever um tratado, de tal modo é vasta e variada a problemática que ele envolve.

Não é minha pretensão tratar o assunto de modo teórico, nem tenho competência para o fazer. O meu campo é o da prática e é no contacto directo com os alunos que os problemas se me põem e a eles tenho que dar respostas concretas.

Não irei sequer espriar-me em comentários sobre as múltiplas interpretações possíveis da expressão «visitas de estudo». Irei tomá-la aqui na acepção de actividade de ensino/aprendizagem, orientada pelo professor e fora do espaço da escola. Apresentarei algumas reflexões sobre aspectos práticos que o professor tem de encarar quando pretende organizar uma visita com fins didácticos. Se estas considerações forem úteis, tanto melhor.

Ao abordar este assunto, debruçar-me-ei sobre três questões: Porquê Para quê? Como?

Comecemos pela primeira.

PORQUÊ?

Todo o trabalho do professor é norteado no sentido de criar condições propícias a que se verifiquem situações de aprendizagem, ou seja situações que:

- estimulem aptidões;
- criem e/ou desenvolvam atitudes;
- favoreçam a aquisição de conhecimentos.

Ora uma visita de estudo é uma oportunidade especialmente privilegiada, já que ela serve todos aqueles objectivos do ensino. E se não vejamos:

A capacidade de observação dos alunos treina-se e desenvolve-se. Durante a visita, a observação é atenta, já que o seu campo é delimitado pelas tarefas que lhe foram atribuídas, lhe exigem uma observação concentrada e metódica e lhe desenvolvem um espírito de pesquisa organizado, ferramenta necessária para os estudos subsequentes e para a sua vida. Assim, poderemos dizer que haverá uma iniciação no espírito científico.

A aprendizagem dos conteúdos programáticos torna-se verdadeiramente significativa, já

que se realiza sem intermediários, mas sim com dados concretos colhidos pelos alunos na realidade circundante.

A aprendizagem integradora da realidade e a tomada de responsabilidades, estimulam a maturação intelectual e favorecem o desenvolvimento da personalidade, objectivos prioritários da educação.

As atitudes de sociabilidade são desenvolvidas, dado que as relações aluno-aluno e aluno-professor se estreitam e aprofundam, durante horas de convívio mais aberto e amplo, fora das paredes espartilhadas da sala de aula, em contacto directo com a comunidade a que pertencem.

Para o professor permite uma diversificação de estratégias, visto que as situações são muito mais motivadoras e ricas de potencialidades de ensino e de aprendizagem.

O trabalho interdisciplinar é facilitado, visto a participação feita pela escola ser inteiramente artificial e deformadora da realidade.

O que acabo de expor sucintamente, permite-nos, pois, encontrar resposta para a primeira questão: PORQUÊ?

Depois destas reflexões sobre a validade das visitas de estudo, debrucemo-nos sobre a 2.ª questão, agora mais concreta e ligada à nossa prática:

PARA QUÊ?

A visita de estudo, ainda que sirva múltiplos objectivos, deve ter, no entanto, um objectivo específico bem delimitado, para que o aluno possa tirar dela o maior proveito e, com alegria, *aprender*. Assim, o primeiro cuidado do professor deverá ser o de definir, com muita clareza, o que pretende com a visita, quer seja no âmbito da aquisição de conhecimentos, de técnicas a iniciar ou a desenvolver, ou do problema de relação que pretende solucionar ou, pelo menos, desbloquear. Poderá o professor utilizar a visita de estudo com um dos seguintes fins:

1 - Para a aquisição de conhecimentos sobre um tema:

Quando o seu objectivo dominante for este,

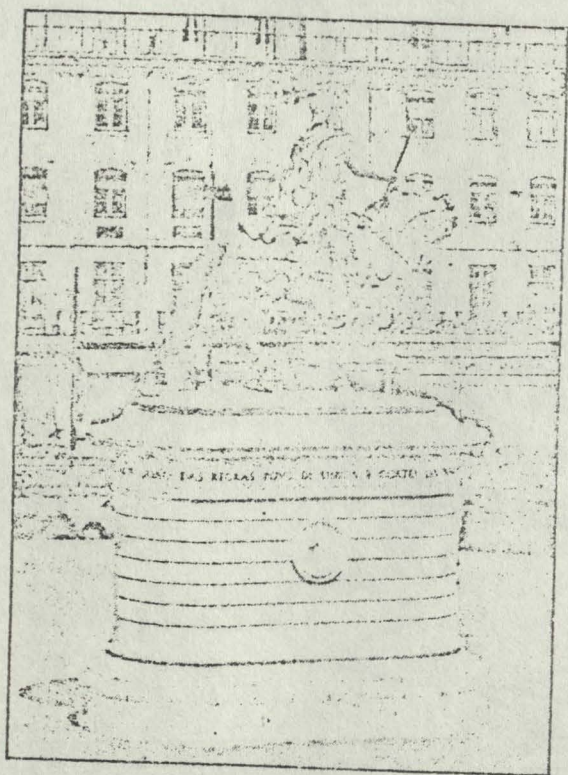
a visita de estudo pode ser: *ponto de partida*. Servirá para motivação, aquisição e/ou compreensão de conhecimentos sobre um tema que vai ser estudado na aula e em que o professor achou útil começar pelo contacto directo com a realidade, ou, pelo menos, com os testemunhos de acontecimentos ligados a esse tema, quer esses testemunhos consistam num local, palco dos acontecimentos, quer se encontrem num Museu. Como exemplo, citarei a visita à Praça da Figueira feita livremente pelos alunos, fora das horas de aula, com o fim de fazerem a observação da estátua de D. João I que aí se encontra, do casario que sobe até ao castelo e do aspecto do castelo que dessa praça se avista.

Exemplo n.º 1

«Vai à Praça da Figueira e dirige-te à estátua que se encontra no meio da praça.

Observa-a com atenção:

1 - Descreve-a pormenorizadamente e, se puderes, ilustra a tua descrição com uma fotografia ou um desenho.



2 - Transcreve a inscrição que está feita nessa estátua.

Olha para um monumento muito antigo que se avista no alto do morro sobranceiro à praça (ao teu lado direito, se estiveres virado para a estátua):

3 - Que monumento é esse e para que servia na época?

4 - Procura informações sobre os acontecimentos relacionados com a estátua e prepara-te para os expores na própria aula».

Tal visita serviu para motivação e início do estudo da Revolução de 1383-85. Só depois da leitura dos relatórios da visita e da observação de diapositivo da Praça, a fim de informar os alunos que não tinham podido deslocar-se lá (apenas três), se começou a estudar o tema para o qual os alunos estavam completamente motivados. O estudo deste tema foi concluído com a observação de um diapositivo do Mosteiro da Batalha.

Situação intermédia - aplicação de conhecimentos já estudados na aula a nível teórico e que irão ser esclarecidos completados ou reforçados durante a visita. Para exemplo, refiro o trabalho feito com uma turma de Estudos Sociais.

O tema em estudo era a Indústria e os modos de fabrico artesanal e industrial. Apresentava algumas dificuldades para os alunos de nível etário 10-11 anos. Assim, decidi levar os alunos a uma fábrica de confecções e a uma oficina de marceneiro; ambas situadas próximo da Escola. A primeira deslocação realizou-se numa aula de dois tempos lectivos e a segunda foi realizada numa aula de um tempo lectivo dado que a oficina se localizava pertíssimo da escola. Preparei um pequeno questionário para os alunos obterem os dados necessários à compreensão das semelhanças e diferenças fundamentais entre os dois tipos de trabalho, no que se refere ao local de trabalho, número de operários e seu grau de intervenção no aparecimento do produto final.

Trazidas para a aula as respostas, foi fácil aos alunos compreenderem que no processo artesanal o trabalhador domina completamente todo o processo enquanto no fabrico industrial só faz parte do produto final e não tem intervenção nem controla o restante.

Exemplo n.º 2

«Questionário para dirigir ao marceneiro

- 1 – De quem é esta oficina?
- 2 – Quantas pessoas trabalham aqui? Fazem todas o mesmo trabalho?
- 3 – Que modelos de armários faz e quem faz os desenhos?
- 4 – Quem escolhe e compra as matérias-primas?
- 5 – De quem são estas ferramentas?
- 6 – Como é que é feito um armário?
- 7 – Quantos armários faz por semana?
- 8 – Quem lida com os clientes, recebe as encomendas e vende os armários?
- 9 – Os armários são vendidos cá em Portugal ou no estrangeiro?» (1)

Conclusões obtidas na aula

«O trabalho e a oficina

- a oficina é pequena, e ele paga a renda
- ele próprio trabalha e tem 2 ajudantes
- escolhe e compra os materiais, faz os desenhos, lida com o cliente
- Faz todo o trabalho do princípio ao fim
- trabalha manualmente com ferramentas e máquinas simples
- fabrica poucas peças e diferentes
- vende aos clientes e contacta com eles.

O trabalho na fábrica

- a fábrica é grande e não é o operário quem paga a renda
- há muitos operários e o patrão não está lá
- o operário não escolhe os modelos nem compra os materiais
- cada operário só faz uma parte ou corta, ou põe botões, ou faz bainhas, etc.
- trabalha com máquinas caras e complicadas
- fabricam milhares de peças todas iguais
- nem sabe quem são os clientes».

Ponte de chegada – após o estudo na aula, a visita permitirá consolidar, sintetizar e/ou avaliar os conhecimentos teóricos obtidos pelos alunos durante o estudo já feito e ampliar o tema estudado, servindo portante neste caso de actividade de enriquecimento.

Uma visita ao Museu de Arte Antiga para observação da pintura portuguesa ou da ourivesaria dos séculos XV e XVI, servirá para compreender os conhecimentos teóricos sobre o tema «Os descobrimentos». Este Museu é um dos que dispõe de monitores para guiar a visita. Se o professor optar por esta modalidade, ficará livre para fazer a observação dos alunos e ali mesmo os respectivos registos na sua folha de informações. Deste modo, a visita deu ao professor oportunidade de avaliar os conhecimen-



tos teóricos adquiridos pelos alunos e a estes a possibilidade de verem no concreto o que já tinham aprendido na aula, ampliando e enriquecendo a sua aprendizagem.

2 - Para aprendizagem e/ou aplicação de técnicas de trabalho

Um velho provérbio chinês ensina: «Se vires um homem com fome, não lhe dês um peixe, ensina-o a pescar». Para o aluno, é tão importante a aquisição de conhecimentos como a aprendizagem de técnicas de trabalho que servirão para aprender pela sua vida fora. É frequente ouvir o professor lamentar-se de que os alunos não sabem observar, não são capazes de tomar notas, compilar informações, redigir um relatório, trabalhar em grupo. Estas deficiências pesam grandemente no número de reprovações. Por outro lado, todo o professor sabe que muitos alunos devem os seus êxitos escolares à organização e método com que trabalham, enquanto outros, intelectualmente mais favorecidos, fracassam porque não sabem estudar nem apresentar as suas ideias de modo claro e organizado.

A visita de estudo proporciona muitas oportunidades para ensinar técnicas de trabalho, tanto ao nível individual como ao nível de pequena equipa ou de grupo:

- *A observação orientada* - em certas disciplinas ou áreas disciplinares, é uma técnica que tem de ser iniciada ou treinada de forma metódica;

- *A pesquisa de dados* - é uma actividade exploratória que será desenvolvida durante a visita realizada pelos alunos com as entrevistas e com os inquéritos;

- *O trabalho em equipa e em grupo* - a que terão de recorrer ao distribuir entre si as tarefas e ao compilar os resultados obtidos durante as actividades realizadas;

- *A organização do trabalho* - fundamental quer para a preparação e realização, quer para a apresentação e discussão do trabalho diante de toda a turma.

- *O treino para colocar questões* - formular hipóteses de solução e verificar a sua validade.

Quanto à observação orientada, ela tem de ser praticada de uma forma metódica e organi-

zada para que o aluno obtenha bons resultados. Deverá iniciar-se por um trabalho individual de observação e registo de notas ou desenho de um esquema ou esboço. Em casa, o aluno, com base nesses apontamentos, redigirá um pequeno texto ou preencherá um quadro. O trabalho seguinte será já feito pela equipa, na escola ou na aula em que os alunos que tinham a mesma tarefa confrontam as notas individuais e elaboram um texto mais completo. Só depois de cada equipa ter completado o seu texto, haverá a leitura das conclusões feita pelo relator do grupo e diante de toda a turma. Concluídas as leituras, seguir-se-á o debate e a redacção de uma síntese.

Estes diversos passos da observação orientada habituam o aluno, não só a observar mas a contribuir com o seu esforço para a construção do seu próprio conhecimento, do da sua equipa e do da sua turma. Ao comparar e completar as suas informações com as dos seus colegas ele vai interiorizando a importância do trabalho colectivo.

3 - Para melhorar a relação professor/aluno

A visita de estudo favorece o estabelecimento de boas relações pessoais propícias ao trabalho. Permite ao professor um melhor conhecimento da maneira de ser do aluno que se revela sem inibições e apresenta, no momento, os seus comentários ou dificuldades que o professor logo resolve. Também este se apresenta aos alunos de modo mais humano, mais natural, facilitando a relação pedagógica. Desvanecem-se tensões, quer entre professor e alunos, quer entre os próprios alunos, já que há um alargamento do espaço, o que lhes permite movimentar-se à vontade e despende a sua energia. Da parte dos alunos para com o professor cria-se um clima de confiança e até, porque não dizê-lo, de um certo reconhecimento para com o professor que lhes dá uma prova de interesse, o que vem favorecer a boa relação pedagógica.

Realizada com esta intenção, a visita deve ser bastante livre, isto é, indicar poucas tarefas ao aluno, a fim de lhe permitir conviver mais com o professor. Para exemplo apresento uma visita ao Museu do Traje, feita com alunos do 2.º ano, meus alunos pela primeira vez. Na 1.ª aula verifiquei que havia na turma uma grande percentagem de repetentes, mais velhos, e que logo me pareceram que iam causar problemas.

Esta visita estabeleceu uma boa relação entre nós e, na aula, serviu para debater o que era a História e de que modo cada um de nós e os alunos também, em cada dia, estavam a fazer a História.

Exemplo n.º 3:

«VAMOS COMEÇAR AS NOSSAS AULAS DE HISTÓRIA DE PORTUGAL NO MUSEU DO TRAJE.

E PORQUÊ?»

Porque, como já sabes, a História é afinal a vida dos homens e tudo o que aqui vais ver já fez parte da vida de pessoas vivas – adultos ou crianças... rapazinhos ou rapariguinhas como tu.

Vais observar tudo com atenção e tomares nota do que mais te interessa. Organiza as tuas notas da seguinte maneira:

1. O local onde se encontra o Museu

2. Aspecto geral do edifício

3. O que se encontra nas salas

4. Outros aspectos

Passemos agora à 3.ª questão:
COMO!?

Antes de iniciar o seu trabalho de preparação da visita, parece-me importante que o professor se detenha sobre os seguintes pontos:

- medir as suas próprias forças;
- detectar as possibilidades materiais;
- encarar o factor *tempo*;
- definir com objectividade os objectivos da visita.

Cada professor tem de medir as suas próprias forças, tanto no que diz respeito aos conhecimentos que tem sobre o assunto, como nas suas próprias possibilidades pessoais, isto é o tempo de que dispõe para o trabalho, visto cada um ter os seus deveres familiares, cívicos e de expansão pessoal que não deve esquecer.

As possibilidades materiais deverão ser igualmente vistas de modo muito realista. Todos sabemos como são escassas e tardiamente recebidas as verbas atribuídas às escolas. Por isso, faça primeiro uma consulta à Comissão Directiva da sua Escola ou ao delegado de disciplina para saber que tipo de visita pode planear.

Terá que encarar também o factor tempo disponível em horas lectivas, não só para os alunos prepararem e realizarem a visita, mas para a explorar e aproveitar dentro da aula.

Deverá não esquecer igualmente a oportunidade. Se a visita é feita para tratar um tema, ela tem de ser programada com antecedência necessária para que se possa realizar na data oportuna, sem o que os seus objectivos terão de ser outros e o trabalho organizado de outro modo.

Depois disto, defina com clareza os objectivos dessa visita, quer ela seja para aquisição de conhecimentos sobre um tema, quer seja para aprendizagem de técnicas de trabalho ou para melhorar a relação pedagógica.

Não seria demasiado ambicioso no que diz respeito aos conhecimentos programáticos que pretende que os alunos adquiram. Escolha os pontos fulcrais e não esqueça que os alunos não têm ainda o substrato cultural que lhes permita integrar tudo o que vêem. Mas as imagens perdurarão nas suas retinas, poderão ser evocadas mais tarde e ajudá-los-ão a compreender outros temas.

Clarificados estes pontos, há que passar à fase seguinte, ou seja, à:

PREPARAÇÃO

- O trabalho do professor

1 - Visita ao local, especialmente se o não conhece bem, e recolha de dados susceptíveis de aproveitamento. Informações sobre as possibilidades de acolhimento dos alunos.

2 - Elaboração de policopiados para os alunos, fichas informativas, mapas, inquéritos, etc., assim como das indicações claras das tarefas dos alunos e dos processos de trabalho.

3 - Apresentação da proposta à classe, informando claramente dos objectivos a atingir indicando-lhe *quando, como e durante quanto tempo* vai ser feita a preparação do trabalho.

4 - Elaboração de um programa, contendo a indicação da hora e local da partida, tempo previsto para a visita, esclarecimentos e observações necessárias; deverá ser policopiado e distribuído aos alunos.

5 - Informação aos encarregados de educação, que poderá ser feita no caderno diário dos alunos, com o pedido de rubrica encarregado de educação ou no policopiado acima referido. A rubrica do encarregado de educação deverá ser verificada pelo professor antes da partida para a visita, especialmente se são alunos dos primeiros anos.

- As tarefas dos alunos

1 - recolha de informações sobre o tema a estudar ou o local a visitar, junto de familiares, na biblioteca da escola, no caderno diário ou noutras fontes de informação.

2 - Elaboração de inquéritos e preparação de entrevistas ou de outros materiais que sejam necessários.

3 - Compilação de material: mapas, gráficos, notícias, textos, que pretendam comprovar ou verificar no local.

REALIZAÇÃO

Não devemos esquecer que uma visita de estudo é fundamentalmente para os alunos. São eles que vão observar, recolher os dados, fazer as entrevistas, estudar e aprender. Com estas palavras, pretendo chamar a atenção para um aspecto que, por vezes, apresentam certas visitas de estudo que o professor aproveita para dar uma aula expositiva, fora da sala de aula, com um auditório muito mais interessado e atento do que habitualmente. O meu ponto de vista é contrário a tal procedimento. Se tudo tiver sido preparado, os alunos já sabem claramente o que têm a fazer e fazem-no livre e activamente. O professor é um consultor pronto a esclarecer qualquer dúvida, a informar se for caso disso, um observador atento da maneira de trabalhar dos alunos, um companheiro mais velho e experiente que os pode apoiar e esclarecer mas que não se lhes sobrepõe. Durante a visita, o professor apaga-se e é o aluno que está em acção.

Quando o trabalho é bem planificado e programado, as tarefas bem claras e concretas, os processos de trabalho indicados sem ambiguidades, é uma satisfação ver os alunos empenhados no trabalho, levando-o a cabo com minúcia e sem atropelos, estimulando-se uns aos outros, pois cada um não quer deixar mal a equipa ou grupo a que pertence.

Fernandes, Olinda - VISITAS DE ESTUDO.

Revista O PROFESSOR nº36, Jan. 1982

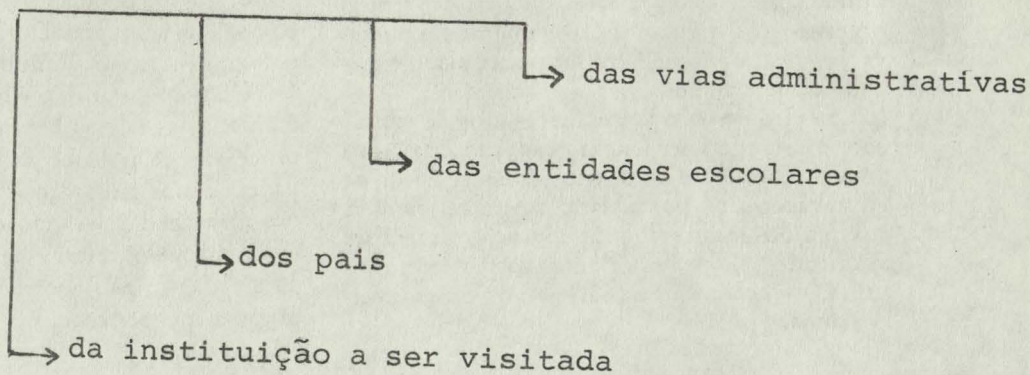
PREPARAÇÃO DE UMA VISITA DE ESTUDO

Finalidades a alcançar:

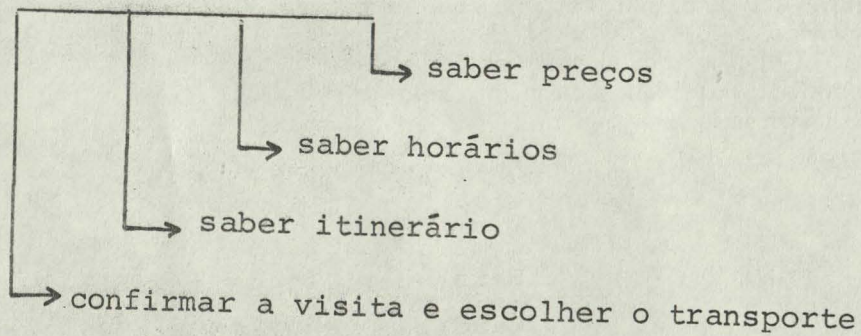
- Aplicar instrumentos de investigação/observação
- Recolher dados significativos susceptíveis de utilização futura
- Proporcionar momentos de camaradagem e convivência
-

Preliminares:

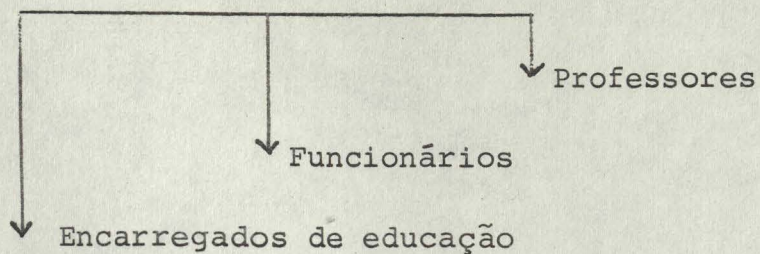
- Conhecer o local previamente
- Solicitar autorização/participação



- Escolher transporte



- Determinar os acompanhantes



- Preparar com os alunos:

O levantamento dos dados essenciais a ter presente para a boa realização da visita.

- Dia
- Local, hora de partida e de regresso
- Material que cada aluno deve levar, fornecido ou não pelo professor

- Realização

- Aproveitamento posterior dos dados recolhidos/por disciplina.

AS ACTIVIDADES DO DESPERTAR NO ENSINO PREPARATÓRIO

As instruções oficiais a respeito dos conteúdos de formação na escola elementar não trazem talvez elementos radicalmente novos. No entanto, a própria existência das instruções modifica doravante, e de modo irreversível, a óptica geral do ensino elementar, e não só para o ciclo preparatório.

Por um lado, os objectivos definidos para as actividades do despertar tomam um valor de conjunto: só um dado nível destes objectivos será atingido mesmo no ensino preparatório, retomado no ciclo elementar e ainda no ensino médio: é aquilo a que se chama uma abordagem em espiral que leva ao alargamento e aprofundamento progressivo de uma noção, de um aspecto do problema; como tal, a diferença estará não no nível da formação do objectivo mas antes do grau de compreensão do sujeito. Por outro lado, o ensino primário vê-se oficialmente liberto da sua tarefa tradicional: a comunicação do saber.

O texto que se segue tem a modesta ambição de comentar as instruções oficiais, de reagrupar indicações especiais, de responder a certos silêncios.

1 - Definir o despertar.

Uma das maiores dificuldades consiste na definição de despertar. Tratando "do interesse à actividade" FRANCINE BEST declara: "Uma actividade de despertar é uma experiência pessoal. Esta afirmação mostra bem uma das especificidades do despertar: já não se trata de disciplinas que se inculcam, mas de uma tomada de consciência que se propõe à criança. Num outro texto, LEIF indica: o despertar é ... "colocar em posição de ver, ouvir, de sentir, de agir, de observar, de compreender, de descobrir, de comunicar, de se exprimir, de criar". O despertar é pois, antes do mais um comportamento responsável, um ser capaz de encarregar-se, uma atitude dinâmica em direcção a um dado objectivo. Sublinharam-se algures, com razão, as dificuldades de delimitar uma noção que na sua própria definição já carrega a sua finalidade e os meios de a atingir. Mas é capital que nos apercebamos que o despertar supõe uma mudança total no mesmo modo de ensinar e ser ensinado.

Trata-se de estabelecer um verdadeiro contrato que ligue os verdadeiros interessados, professor - alunos. Os tipos de relação que daqui resultam podem ser totalmente diferentes: o professor, sabendo exactamente os seus fins, propõe uma dada actividade em direcção ao fim que ele próprio se fixou; ou então, conhecendo embora perfeitamente os seus fins e meios, prefere expôr o seu plano, ou antes construí-lo, de acordo com a classe e propõe-se manter ao longo de toda a actividade um papel de animador, para que os alunos se encarreguem o mais possível da construção do seu próprio saber. Neste segundo caso os termos do contrato tomam todo o seu valor: os alunos sentem-se implicados, responsáveis. O que não impede que o professor auxilie em caso de dificuldade, reavive os entusiasmos, não obstante a relação professor - aluno sofrer uma grande alteração.

A execução deste "contrato" não pode começar sem um diálogo, uma troca de impressões oral a respeito da actividade que se projecta. A análise deste diálogo é rica de ensinamentos. Não só tem a vantagem de mobilizar o interesse da turma para um projecto, mas, mais ainda, esclarece o professor sobre os conhecimentos adquiridos anteriormente, as curiosidades, mostra eventualmente as zonas a trabalhar, se se quiser cobrir o conjunto de objectivos que se fixou.

2 - Tomar consciência do facto que os alunos "sabem" já .

Se os textos são claros no que respeita a objectivos e exemplos de actividades, não particularizam os elementos indispensáveis à organização prática da turma. Tomemos um exemplo muito simples, exequível em qualquer parte: a visita à padaria. Para compreendermos o que para os alunos subentende este termo, reproduzimos dois diálogos, realizados em anos diferentes: um preparatório e um elementar do 1º ano. De cada vez, a professora propôs a visita à padaria e inquiriu: " que perguntas gostariam de fazer? Que gostariam de saber?"

1º caso: preparatório

1. Como se faz o pão, os bolos de chocolate, as tartes, os brioques?
2. O pão é feito à mão ou à máquina?

3. Como se fazem os desenhos no pão?
4. Como se coze o pão? É um forno igual ao da nossa casa?
5. Como se aquece o forno?
6. Como se faz o pão em fatias? E o pão sem sal?
7. Que se utiliza para fazer a massa, a farinha?
8. Quanto tempo fica o pão no forno? E os croissants?
9. Quantos pães se metem num forno?
10. Como se acende o forno?
11. Com que é que se tira o pão do forno?
12. Como se vende o pão?

2º caso: elementar do 1º ano

1. Quantas gramas de farinha se utiliza?
2. Que utensílios usa para fazer pão?
3. Com que idade deixou de estudar?
4. Quem lhe ensinou a fazer pão?
5. Quantos pães se fazem em cada fornada?
6. Como tira o pão do forno?
7. Há uma forma para as baquettes?
8. Há alguém que o ajude?
9. Qual é o preço do pão?
10. A que horas se levanta?
11. O seu forno é comprido?
12. Como faz o pão sem sal?
13. Com que aquece o forno?
14. Põe água no pão?
15. Quantos litros de leite?
16. Que faz ao pão que sobra?
17. Como se faz a massa?
18. Que põe no pão para sair doirado?

19. Utiliza ovos?
20. Como faz os riscos na massa?
21. Como se faz para pôr a massa na masseira?
22. O senhor tem direito a ficar com pão?
23. O senhor tem direito a sentar-se enquanto trabalha?

Não se trata aqui de estudar em pormenor todas estas intervenções, mas de sublinhar que, conforme a idade, os alunos têm preocupações muito claras e interrogações precisas:

- o preparatório mostra uma curiosidade centrada nos processos de fabrico, na utensilhagem (mecânica ou não), nos tipos de produtos utilizados e no produto final, na duração, nas técnicas de comercialização;

- no curso elementar encontramos, levemente mais pormenorizado, os problemas técnicos (matérias primas, processos, utensilhagem) e ainda a formação profissional, as condições de trabalho, as relações sociais de trabalho, os destinos da produção (problema dos preços, excedentes).

No entanto, entre estas intervenções espontâneas e os objectivos definidos, há todo um campo de actividades possíveis. Assim, antes de começar seja o que fôr com a turma, é necessário ter uma vista de conjunto do assunto: é muito importante não "navegar" ao sabor dos interesses dos alunos, mas de os utilizar e enriquecer em função de um plano de trabalho determinado que deva conduzir a uma síntese da qual deverão emergir as ideias-força.

● Organizar uma acção pedagógica

Como traduzir tudo isto em trabalho com a turma? Se é importante que o professor tenha uma visão clara da tarefa a realizar, torna-se necessário precisar de que modo se ordena o seu trabalho.

1. Preparação da visita

- discussão prévia
- eventual questionário

2. Visita

- registo das respostas ao questionário
- fotografias

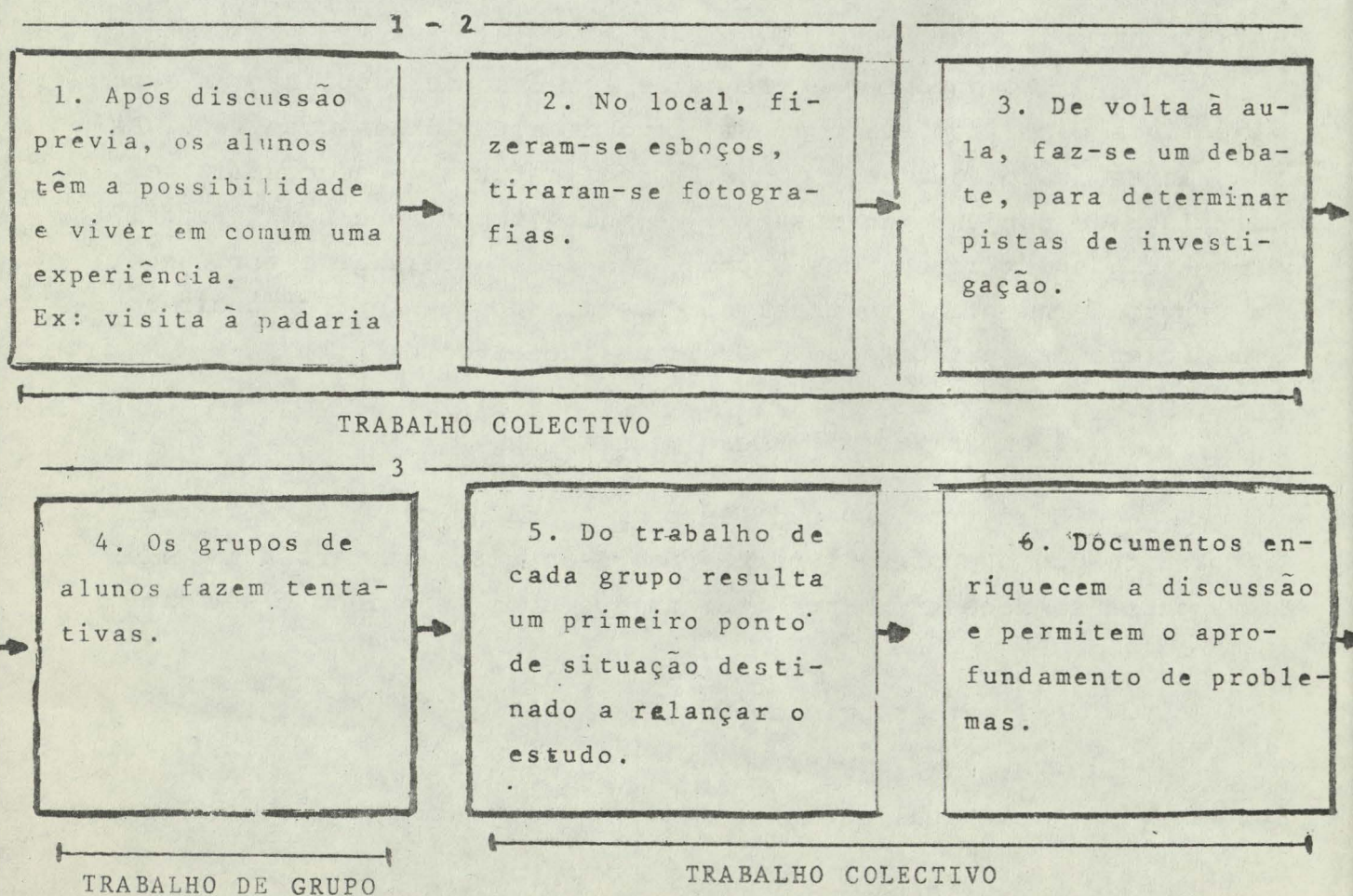
3. Na aula

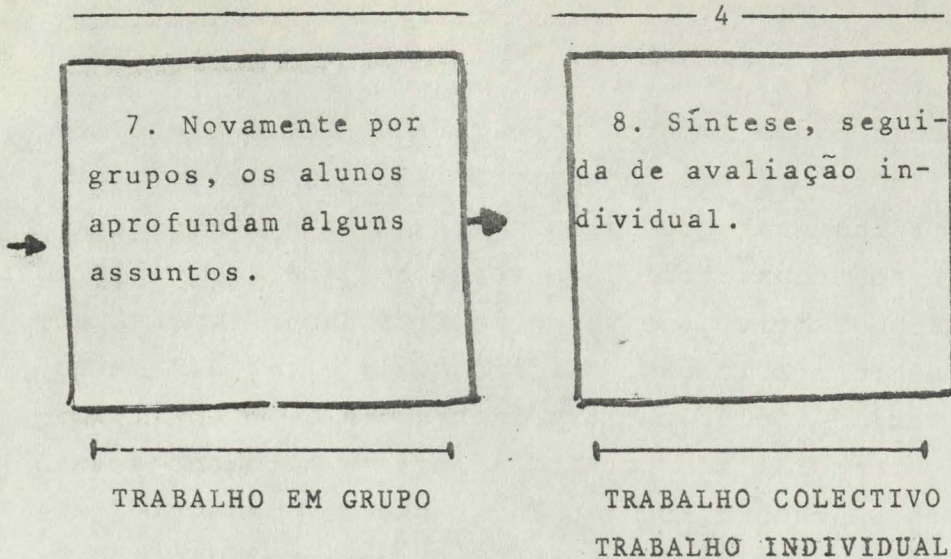
- relato oral: evidenciar centros de interesse
- estudo aprofundado de alguns problemas
- fabrico de pão (compreensão do processo pelo fabrico)
- relativização do assunto, opondo, por exemplo, uma padaria tradicional, artesanal, a uma padaria industrial.

4. Controles

- jogos cronológicos, classificações, relações de ordem, conjuntos
- possível preparação de nova investigação.

Esta organização metodológica modifica consideravelmente a organização da turma. Vimos que a relação professor aluno tinha mudado. Com este tipo de actividades, a própria condução da turma se transforma e se articula naturalmente numa sequência. Por exemplo, eis como se podia desenvolver a nossa visita:





Vimos pois os quatro tempos da sequência de trabalho decompostos numa sucessão de tempos colectivos / grupos / individuais que permitem o avanço progressivo em direcção a uma síntese definitiva. Cada tempo inclui fases de trabalho livre ou dirigido, momentos de tacto e de pontos da situação: este estilo pedagógico maleável faz com que o professor esteja permanentemente atento à sua turma e se apague perante o trabalho dos alunos, ficando embora vigilante.

No plano dos conteúdos do tema abordado, devem fazer-se duas observações importantes:

- A relativização do assunto estudado é uma necessidade pedagógica fundamental. A realidade abordada pelos alunos não deve ser única: se têm ocasião de visitar uma padaria tradicional, é necessário diversificar a sua forma de encarar o assunto não mostrando os diversos tipos de pão (o que não acrescentam grande coisa aos seus conhecimentos) mas mostrando-lhes uma realidade análoga ou diferente ao nível de empresa, de processo de fabrico, de tecnologia utilizada, de mão-de-obra e das condições de trabalho. Daqui, a ideia de opôr uma padaria tradicional e industrial. Este aspecto é fundamental para abordar mais tarde a conceptualização do fenómeno. A nível de curso preparatório, ficar-se-á na ideia de que a padaria que se conheceu não é o único tipo existente, enquanto mais tarde se terá uma noção do que é a padaria.

- O segundo ponto importante é o da dimensão histórica. O que levanta o problema do papel da história na escola elementar.

Parecemos insinuar que se pode encarar uma dimensão histórica desde o curso preparatório. Na realidade, não se trata aqui de um dado cronológico efectivo, de resto de introdução impossível, mas de um elemento de relativização. A ideia seria esta: a padaria pode ser, hoje, de vários tipos, outrora também era diferente. Portanto, esta dimensão temporal tem por fim aclarar a situação actual fazemos referência ao passado. Logo, o interesse de uma actividade deste género reside não no valor cronológico do período evocado, mas na função explicativa do documento a introduzir.

A sequência refere a possível introdução de dois exemplares sobre o fabrico do pão medieval o que parece excessivo para os nossos alunos. Depois vêm alguns comentários pertinentes sobre a abordagem da imagem a este nome etário.

GRACIA DOREL — Ferré

L' école et la vie, nº 7, avril 1978.

.../

4.5 PROPOSTA DE ACTIVIDADES DE EXPLORAÇÃO DO MEIO
(tendo em conta o programa de Estudos Sociais/História)

" O novo nome do ensino é pesquisa".

Lauro de Oliveira Lima, "Escola secundária
moderna"; Coleção Educação Prospectiva

Uma visita multidisciplinar

Os professores das três turmas do 1.º ano da minha escola, com as quais se experimentavam os novos programas do EP, faziam semanalmente reuniões de coordenação.

Uma das turmas, o 1.º 27, apresentava muitos problemas de aproveitamento e comportamento, causando grandes preocupações, tanto mais que cerca de 1/3 dos alunos já eram repetentes. Coordenavam-se as atitudes pedagógicas, estudavam-se novas estratégias, procurando criar situações mais férteis de interesse para os alunos.

Assim nasceu a ideia de uma visita de estudo. Informarmo-nos da verba disponível. Era possível alugar uma camioneta na qual cabiam 2 turmas e dispor dela até às 7 horas. Não poderíamos ir muito longe, portanto.

No programa de Estudos Históricos e Sociais o tema em estudo era Condições de Vida/Qualidade de Vida.

Sendo os nossos alunos de um meio urbano, pareceu-me útil levá-los a um meio rural, para aí conhecerem directamente as Condições de Vida e a Qualidade de Vida desse meio.

Conhecendo razoavelmente a região saloia, propus a visita a uma aldeia do concelho de Mafra - a Igreja Nova onde seria fácil o acolhimento e onde os alunos poderiam recolher os dados necessários para o estudo desse tema do programa.

Discutida e aceite a proposta pelos outros professores, tornou-se necessário conhecer bem o local e assim combinou-se deslocarmo-nos lá para fazer um trabalho de prospecção.

Numa tarde livre de aulas partiram os professores em «visita de reconhecimento».

A zona era rica de potencialidades: numa freguesia rural com uma grande igreja, junta de freguesia, escola primária, um moinho de vento em laboração, várias casas com ar rural, numa das quais havia um estábulo com 5 vacas leiteiras. A 3 km de Igreja Nova está a vila de Mafra com o Jardim do Cerco onde seria agradável fazer o piquenique. Perto de Mafra, uma empresa agrícola moderna, a Quinta da Mugueta, acedia amavelmente a receber os alunos e no Sobreiro, o oleiro Zé Franco poderia demonstrar como se vive de trabalhar o barro, além de possuir uma aldeia em miniatura com a representação dos costumes e actividades características da região.

Concluíamos que, não era possível às 2 turmas visitar tudo. Assim decidiu-se organizar a visita do seguinte modo que nos pareceu o único possível de obedecer a critérios pedagógicos: partíamos todos em direcção à Igreja Nova onde o 1.º 27 sairia com 2 professores - Estudos Históricos e Sociais e Moral para estudar a aldeia, suas condições de vida e qualidade de vida

na perspectiva das duas disciplinas, enquanto a outra turma iria até à Mugueta, 3 km mais longe, visitar a empresa agrícola moderna com a professora de Ciências. A camioneta viria recolher a 1.ª turma cerca das 12 e 30 horas para em conjunto fazermos o piquenique no Jardim do Cerco. Cerca das 14 e 30 horas partiríamos todos para o Sobreiro. Aí as observações das formas das cores e das técnicas de trabalho seriam orientadas pelos professores da Educação Visual e Trabalhos Manuais. Outros professores se integraram na visita para auxiliar, acompanhar e conviver.

Na escola, cada turma informaria a outra sobre o que tinham visto em separado, fornecer-lhe-ia os dados recolhidos e as conclusões a que chegara, fazendo-se depois trabalhos de comparação e síntese, na ideia de fazer um painel para toda a escola. Este último projecto não chegou a ser concretizado.

Para a turma que iria estudar as condições de vida na aldeia defini como objectivos:

- a nível de conhecimentos

- o que é um meio rural e o que o caracteriza

- actividades dos seus habitantes, nível de vida e qualidade de vida e suas relações com o meio

- formas de participação dos moradores no governo da freguesia

- a nível de técnicas

- observação

- recolha de dados

- entrevistas

- a nível de capacidades

- relacionar conhecimentos adquiridos com os dados observados

- elaborar conclusões

Pretendia que os alunos obtivessem resposta para duas questões:

1 - Como vivem as pessoas do meio rural?

2 - As informações que temos nos livros, nos jornais, na TV, etc., a que correspondem na realidade?

A visita à Igreja Nova permitia-lhes contactar com os habitantes de um lugar próximo de Lisboa, mas onde subsistem maneiras de viver e trabalhar bastante arcaicas.

A aldeia está situada na encosta de uma colina que tem no alto um moinho de vento ainda em laboração. Daí se avista toda a freguesia e a ocidente, ao longe, o mar da Ericeira. As terras estão divididas por muros de pedra e cultivadas de vinha, trigo, pastagens e floresta. Os lugarejos, às vezes não passando de uma ou duas casas, dispersam-se pela paisagem.

A maioria dos homens mais novos trabalha

fora da terra durante o dia e quase só as mulheres e os velhotes ficam a tratar dos animais e dos campos.

Na aldeia há uma pequena casa de lavoura a mais importante de todas que é do sr. Teodoro - com vinhas, um morangal e um estábulo com 5 vacas leiteiras.

A escola primária não tem água canalizada.

Um vogal da junta de freguesia estava disposto a servir-nos de cicerone. Também o moleiro, o senhor João, atenderia os alunos e estava pronto a explicar-lhes e mostrar-lhes como funcionava o moinho e se fazia a farinha.

Dada a localização e disposição da aldeia, pareceu-me oportuno verificar no terreno as aprendizagens feitas na aula sobre Orientação, utilização do mapa, das legendas, assim como o tipo de povoamento e de propriedade. Por isso incluí no material um pequeno mapa da freguesia que, no alto da colina, perto do moinho, os alunos individualmente tinham de orientar de acordo com a situação do mar (não foi nada fácil...) e uma ficha de trabalho para preencher à medida que observavam (Ficha de trabalho n.º 1).

Quando informei os alunos do passeio que iríamos dar para estudar aquele assunto, a alegria foi imensa e logo começaram a organizar o trabalho. Decidimos fazer entrevistadores que variavam conforme a pessoa a entrevistar para, disseram eles, não massar muito os habitantes e para que todos os alunos pudessem participar no trabalho. Combinaram preparar umas questões para fazer ao elemento da junta, ao senhor Teodoro e ao moleiro.

Acceitei as razões dos alunos e resolvi seguir o mesmo esquema para a recolha de informações, dividindo a turma em 5 grupos, ficando cada grupo encarregado do registo dos dados. Organizei 5 fichas respeitantes respectivamente a:

- Ficha n.º 1 - Localização da Igreja Nova
- Ficha n.º 2 - Os edifícios
- Ficha n.º 3 - Inquérito a um habitante
- Ficha n.º 4 - Inquérito a um aluno da escola
- Ficha n.º 5 - Inquérito na Junta de Freguesia

Para a casa rural o que iriam ver era tão sugestivo que me pareceu desnecessário prepa-

rar qualquer ficha de registo tanto mais que os alunos já tinham a sua entrevista preparada e não quis interferir.

Por uma questão de organização do tempo, distribuí-lhes um pequeno itinerário com os locais e a demora, visto que só tínhamos a manhã para visitar a aldeia

Itinerário	demora
9h e 30m Junta de freguesia ...	30m
10h Escola	20m
10h e 20m Centro da aldeia e Igreja	30m
10h e 50m subida para o moinho, observação e ficha de trabalho n.º 1	20m
11h e 10m Moinho	30m
11h e 40m casa da lavoura e vacaria	50m

Posso dizer que o interesse e o empenhamento dos alunos excedeu em muito as nossas perspectivas. Observaram, faziam perguntas, tomavam notas com uma atenção e cuidado de quem está a fazer um estudo a sério. Na escola primária conviveram com as crianças e lembraram-se até de levar alguns livros de histórias para oferecer à biblioteca da escola.

A visita ao moinho deixou-os encantados, visto o moleiro lhes explicar tudo quanto queriam saber e lhes falar da sua vida voluntariamente isolada no moinho que era também a sua residência.

Na casa de lavoura, o sr. Teodoro e a mulher explicaram todos os passos do tratamento do gado, do mugir do leite (que os alunos provaram) do fabrico do vinho (que provámos nós!), da apanha e venda dos morangos, dos problemas que tinham com o amanho da terra e a venda dos produtos; mostraram-lhes instrumentos agrícolas, alguns já fora de moda e explicaram o seu funcionamento. Enfim foi um nunca acabar de perguntar e respostas que terminou com a oferta de morangos e de um cesto cheio de cavaquinhas que eles devoraram num abrir e fechar de olhos, como aperitivo para o almoço que se seguiu no Jardim do Cerco de Mafra.

FICHA DE RECOLHA DE
INFORMAÇÕES
N.º 1

LOCALIZAÇÃO DA IGREJA NOVA

A povoação está junto à estrada? _____

Qual a vila mais próxima? _____

A que distância está? _____

Há carreiras de camioneta? _____

Qual a sua frequência? _____

Para onde vão as carreiras? _____

A que distância há comboio? _____

A que distância há hospital? _____

Há cabine de telefone público? _____

A povoação tem-se desenvolvido? _____

Que é que faz mais falta cá na terra? _____

FICHA N.º 35

INQUÉRITO À POPULAÇÃO

Pessoa contactada _____

Idade _____

Andou na escola? _____

Até que classe? _____

Em que é que trabalha? _____

A que horas começa a trabalhar? _____

A que horas acaba? _____

Quantos dias trabalha por semana? _____

Quanto tempo leva a chegar ao seu trabalho? _____

Vai a pé? _____

Que é que acha que falta na sua terra? _____

FICHA N.º 47
INQUÉRITO A UM ALUNO NA ESCOLA,

Nome _____

Idade _____

Classe _____

Onde moras? _____

A que distância moras da escola? _____

A que horas saís de casa? _____

A que horas chegas a casa? _____

Vens a pé para a Escola? _____

Quanto tempo gastas no caminho? _____

Costumas ajudar os teus pais no trabalho deles? _____

Em quê? _____

Que é que gostavas de ser quando fores grande? _____

FICHA DE RECOLHA DE INFORMAÇÕES N.º 2
OS EDIFÍCIOS DA IGREJA NOVA

As habitações

Aspecto _____

N.º de andares _____

Materiais _____

Lojas

Aspecto _____

Tipo _____

N.º de empregados _____

Cafés, restaurantes, hotel _____

Oficinas, fábricas _____

Estações

Correios _____

Camionetas _____

Comboio _____

Aspecto _____

Escolas

Grau _____

N.º de alunos _____

Aspecto _____

Salas de Reuniões

Finalidade _____

Aspecto _____

Igreja

Estilo _____

Obras em construção _____

FICHA N.º 37
INQUÉRITO NA JUNTA DE FREGUESIA

1 - Quantas pessoas formam a Junta de Freguesia?

2 - Porque é que o senhor faz parte da Junta?

3 - Quantas vezes se reúne a Junta?

4 - Além da Junta, que é que há mais na freguesia?

5 - Há Comissão de Moradores?

6 - Que problemas põem os moradores à Junta de Freguesia?

7 - Como é que os resolvem?

8 -

9 - Acha que a freguesia da Igreja Nova está a progredir?

ENTREVISTAS PREPARADAS PELOS ALUNOS

EM TRABALHO DE GRUPO

1 - O que é que faz a Junta?

2 - Os senhores têm muito trabalho?

3 - Há uma altura do ano em que têm mais trabalho ou é sempre a mesma coisa?

4 - Quantas aldeias tem a freguesia?

5 - Quantos habitantes?

6 - A freguesia tem uma casa para reuniões?

7 - Há cinema cá na terra?

8 - Há posto médico?

9 - Há biblioteca?

10 - Há transportes?

11 - A que distância está o hospital mais próximo?

12 - Há desemprego?

13 - Há algum lar para a 3.ª idade?

14 - Há alguma creche ou jardim de infância?

**PARA O MOLEIRO,
SR. JOÃO — II**

- 1 - Tem alguém para o ajudar?
- 2 - O seu trabalho rende bastante?
- 3 - O seu moinho trabalha todos os dias?
- 4 - Trabalha durante a noite?
- 5 - O moinho dá muita despesa para conservar?
- 6 - O seu trabalho dá muito lucro?
- 7 - É muitocansativo?
- 8 - O senhor tem sindicato?
- 9 - Tem algum seguro no caso de acidentes?
- 10 - Tem reforma?
- 11 - Quando é que o moinho foi feito?
- 12 - Há quantos anos é moleiro?
- 13 - Quantas horas trabalha por dia?
- 14 - Quais são as suas distrações?

**NA CASA DA LAVOURA,
AO SR. TEODORO — III**

- 1 - Qual é a produção de leite por dia em média?
- 2 - Que árvores de fruto tem no seu pomar?
- 3 - Onde é que vai vender a fruta?
- 4 - O seu trabalho é cansativo?
- 5 - Quantas horas trabalha por dia?
- 6 - Foi o senhor que plantou todas as árvores?
- 7 - O sr. emprega máquinas ou faz tudo à mão?
- 8 - Tem um ordenado fixo ao fim do mês?
- 9 - A sua quinta é alugada ou é mesmo sua?
- 10 - Acha que as pessoas dão valor ao seu trabalho?

**Contributo de religião e moral
para a visita de estudo multidisciplinar,
tendo como objectivo:
qualidade de vida no meio rural**

**I
INQUÉRITO A CRIANÇAS**

- 1 - Quantos anos tens?
- 2 - Andas na Escola? Em que classe ou ano?
- 3 - Fazes algum trabalho pesado para a tua idade? Qual?
- 4 - Como ocupas os teus tempos livres?
- 5 - O que achas que faz mais falta na tua Terra?

**II
INQUÉRITO A JOVENS**

- 1 - Quantos anos tens?
- 2 - Anda na Escola? Em que ano?
- 3 - Como ocupa os tempos livres?
- 4 - Como considera o modo de vida dos jovens na Igreja Nova?
- 5 - Qual é para si a necessidade mais urgente na Igreja Nova?

**III
INQUÉRITO A ADULTOS**

- 1 - Quantos anos tem?
- 2 - Que estudos tem?
- 3 - Porque é que não estudou mais?
- 4 - Qual é o seu trabalho?
- 5 - Em que condições trabalha? Quanto ganha?
- 6 - Como ocupa os tempos livres?
- 7 - Como acha o modo de vida das pessoas da Igreja Nova?

**IV
INQUÉRITO A IDOSOS?**

- 1 - Quantos anos tem?
- 2 - Que estudos tem?
- 3 - Como é o modo de vida dos idosos?
- 4 - Quais os principais problemas?
- 5 - Qual a necessidade que mais gostaria de ver realizada na Igreja Nova?

**V
INQUÉRITO AO PÁROCO**

- 1 - Senhor Padre, há quantos anos está na Igreja Nova?
- 2 - Na sua opinião quais eram os problemas quando chegou?
- 3 - Como considera a qualidade de vida das pessoas, actualmente.
- 4 - Houve grande melhoria?
- 5 - A Paróquia tem feito alguma coisa para melhorar a qualidade de vida na Freguesia?
- 6 - Quais são as actividades mais importantes, neste momento, da Paróquia?

**VI
INQUÉRITO À JUNTA DE
FREGUESIA**

- 1 - Como considera o modo de vida das pessoas?
- 2 - Quais são os principais problemas?
- 3 - Qual o melhoramento que a Junta considera mais urgente?
- 4 - Qual tem sido o papel da Junta na resolução desses problemas?

**VII
INQUÉRITO À PROFESSORA
PRIMÁRIA**

- 1 - A Escola tem condições de funcionamento?
- 2 - Quantos alunos tem?
- 3 - Os alunos moram todos perto da Escola?
- 4 - Para que Escola Preparatória vão estes alunos?
- 5 - Como considera a qualidade de vida das pessoas da Igreja Nova?

Os espaços verdes:

Através do estudo deste tema, está em causa o problema mais geral das condições de vida nas cidades, por vezes mesmo a própria justificação da cidade. Se o tema parece convir melhor às turmas de cada cidade, não há razão para que turmas de outros locais não estudem o tema.

Objectivos:

- Descobrir e dominar melhor a complexidade da noção de espaço verde (diversidade fisionômica, funcional, jurídica), ultrapassando uma visão muitas vezes demasiado estereotipada (o espaço verde, pulmão da cidade; o espaço verde como retorno às origens)
- Tomar consciência de que há ou pode haver uma "política" dos espaços verdes, concebida em relação com as opções a respeito de outros equipamentos colectivos, ou mesmo a respeito do arranjo global do espaço urbano.
- Interrogar-se sobre a pertinência desta política e dos pontos de vista de uns e outros (crianças, adultos, utentes, centros de decisão ...)

1. Expressão das representações das crianças

A melhor fórmula parece ser uma discussão provocada por algumas perguntas do professor: — Quais são os espaços verdes da cidade?

— Porque é que lhes chamam espaços verdes? — Para que servem?

As respostas são escritas no quadro em três colunas, cada uma respeitante a uma pergunta, e localizar-se numa planta, à medida que surgem, os espaços assinalados.

É nesta primeira fase que se verifica:

- O conhecimento que as crianças têm do seu meio, os pontos de referência mais familiares.
- A ideia que têm de espaço verde.
- A capacidade de localizar na planta.

Vão detectar-se os problemas. Por exemplo:

- Um espaço verde é igual a verdura? ou formulado de outra forma: Onde há verdura, pode dizer-se que há um espaço verde?

- Um espaço verde é útil à saúde?
 - Quem frequenta os espaços verdes? etc.
- Como responder a estes problemas?

2. Pesquisa num espaço verde

Escolher-se-ã, na medida do possível, um espaço que possa oferecer uma grande gama de informações (diversidade de aspectos, de funções, importância da frequência pelas pessoas ...).

A visita pode ser conduzida de várias formas:

a) Visita de descoberta: do espaço verde. Não há ordens expressas. Sõ a tentativa de principiar a encontrar respostas às perguntas que se fizeram problemas que se esboçaram.

b) No próprio terreno, um primeiro balanço das observações feitas e informações recolhidas. Vai fazer-se ressaltar alguns aspectos que mereçam o aprofundar da pesquisa. Por exemplo:

- inventário dos elementos da paisagem (vegetais, arruamentos, superfícies não plantadas, construções ...) observação da sua articulação no espaço (desenhos);
- zonas interditas, zonas acessíveis;
- as pessoas que frequentam o local: quem são? porque vão? (entrevistas).

c) Retomada da investigação, com o auxílio desta grelha.

3. Na sala de aula: estruturação

Confrontação dos resultados da pesquisa e das primeiras representações. Tem-se agora uma visão mais precisa do fenómeno, por exemplo ao nível das funções (estética, evasão, local de encontro para uns, de isolamento para outros ...) ou ao nível da definição jurídica (espaço público e espaço privado).

No entanto, continuam em suspenso vários problemas. Por exemplo:

- Uma avenida bordejada de árvores é um espaço verde?
- Avançou-se muito no estudo das funções biológicas?
- Quem se ocupa dos espaços verdes? do seu arranjo?

São necessários portanto novos estudos.

4. Prolongamentos

0 Alguns esclarecimentos só parcialmente poderão surgir de novas pesquisas ou de trabalho com documentos. É o caso dos que dizem respeito às funções biológicas.

Estatísticas poderão evidenciar o papel dos espaços verdes na depuração microbiana. No entanto terá de se recorrer à autoridade para afirmar o papel da vegetação na produção de oxigênio e absorção de gás carbônico (função clorofilina).

Mas será necessário não deixar as crianças acreditarem que bastam alguns espaços verdes numa cidade para superar o problema da poluição atmosférica. "Na realidade, é à escala planetária (graças sobretudo às florestas tropicais) que a atmosfera se regenera. Cientificamente, não é correcto esperar dos espaços verdes citadinos uma produção de oxigênio, embora esta seja uma opinião muito comum". (Comissão dos planos, programas e projectos sobre os espaços verdes na região de Paris: Outubro 1974).

A partir desta constatação, poderá perguntar-se se um certo tipo de espaço verde não teria um papel mais eficaz na produção de oxigênio (superfície coberta maior ou menor, natureza dos vegetais: árvores de folha caduca ou resinosas).

0 No que respeita a outras funções, a utilidade dos espaços verdes, a sua diversidade fisionómica, recorrer-se-á a documentos, não esquecendo que os alunos poderão ter um conhecimento preciso sobre um ou outro ponto, pela sua própria experiência.

Exemplos de trabalhos possíveis:

0 Com documentos fotográficos:

Escolher-se-á uma amostra bastante vasta (jardim público, parque, recreio com árvores, avenida, floresta peri-urbana ...); pela comparação chegar-se-á à ideia de que existem vários tipos de espaços verdes, mas também de que nem todas as zonas plantadas podem ser baptizadas de espaços verdes.

0 Com documentos escritos:

Escolher-se-ão textos a partir dos quais os alunos deduzirão que os pontos de vista podem ser muito variados, mesmo radicalmente opostos, e que, nestas condições, o estabelecimento de uma política de espaços

verdes não é fácil, se se tiver em conta a opinião das pessoas (aliás não é mais fácil no caso contrário, embora possa ser uma política de facilidade).

O Poderá pois, interessar-se os alunos na criação e manutenção de espaços verdes. Para isto, recorrer-se-ã aos inquéritos (por exemplo junto dos serviços municipais especializados), ã visita a um architect paisagista ou ao seu convite para ir ã sala de aula, estudar-se-ã em mapas a localização de espaços verdes.

in Journal des Instituteurs et des
Institutrices, n° 3, 1979.

I- ALGUNS ASPECTOS DO CONCELHO DO SEIXAL.

"O território do concelho do Seixal, por razões que as características físicas locais e os fenómenos político-sociais da época explicam, foi preferido, já na Idade Média (...) para a instalação de moinhos de maré-na altura complexos. Alguns são únicos na Europa e no Mundo. Nesta área desenvolvem-se igualmente variadíssimas actividades económicas, tais como a pesca, a agricultura, a exploração do sal e de ostras, a recolha e transporte de lenha para Lisboa, a construção naval...

A partir do século XIX, com a introdução da máquina a vapor (...) desenvolveu-se a industrialização e, ao mesmo tempo, o movimento associativo, com grande relevo para as filarmónicas e para as actividades culturais.

Embora a área do concelho, ao longo do tempo, tenha tido uma população (sempre decrescente) ligada à faina do rio e ao trabalho da terra, foi aumentando, por outro lado, o número de operários"

II- POR QUE FOI CRIADO O MUSEU?

"Para além da preservação do património cultural e sua animação para além do apoio à população estudantil, objectivos mais importantes, os operários e suas actividades merecem uma urgente atenção, que se deve traduzir na valorização das suas tarefas. Ao mesmo tempo pretende-se evitar o desaparecimento de profissões tradicionais, tais como, moleiros, carpinteiros de machado e calafates"

-Sublinha no texto II os objectivos que levaram à criação do Museu.

III- COMO APARECERAM OS MOINHOS DE MARÉ

O pão foi sempre o principal alimento do homem em todos os tempos. Para transformar o grão em farinha aproveitou-se, desde há muitos anos; a força do homem, a força do animal, a força da água (azenhas e moinhos de água), e a força do vento.

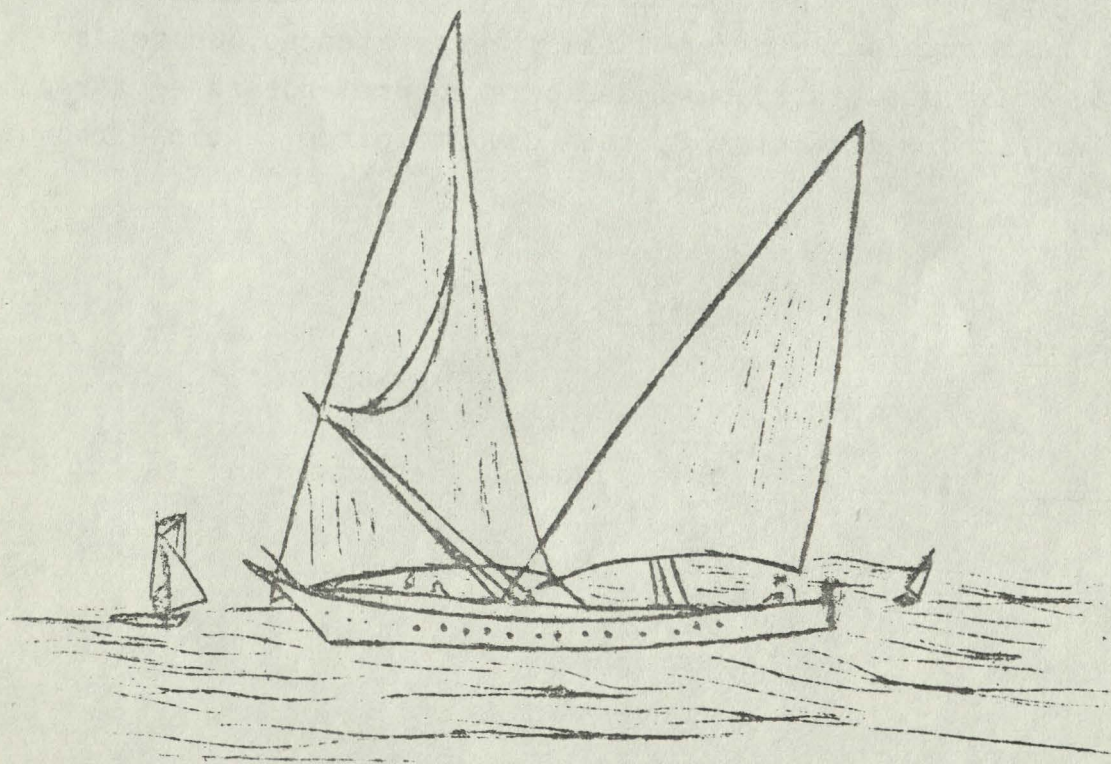
Para tornar mais fácil o fabrico da farinha, Nuno Álvares Pereira, Cavaleiro de D. João I, mandou construir o primeiro moinho de maré na região do Seixal (1403).

Depois, foram construídos mais, em toda a área, para fabricar farinha para Lisboa. Essa farinha era utilizada no fabrico do pão e do biscoito, que os marinheiros comiam durante as viagens dos Descobrimentos.

No século XIX, havia 79 pares de mós em todo o concelho.

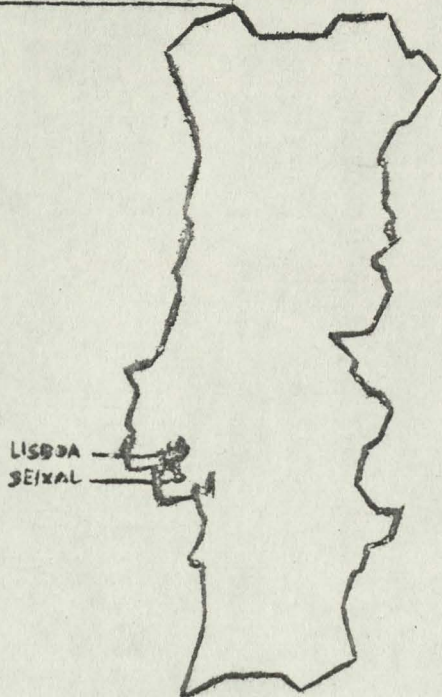
A farinha era transportada para Lisboa nos barcos dos "moinhos" ou dos "móis".

Nos últimos anos, a moagem mecânica industrializada substituiu, em grande parte, todas estas forças.

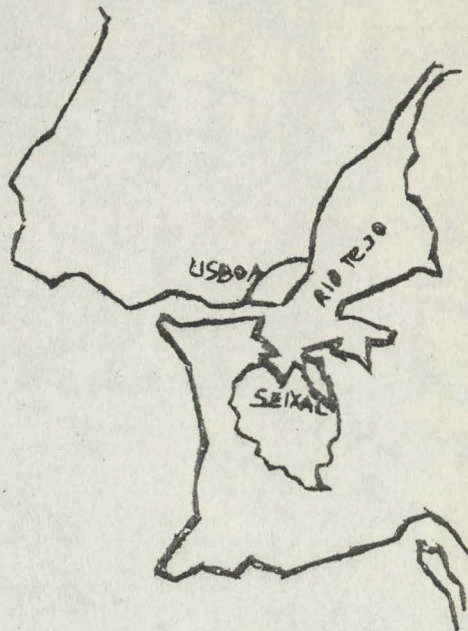


Observa com atenção os mapas. Assim poderás situar-te melhor.

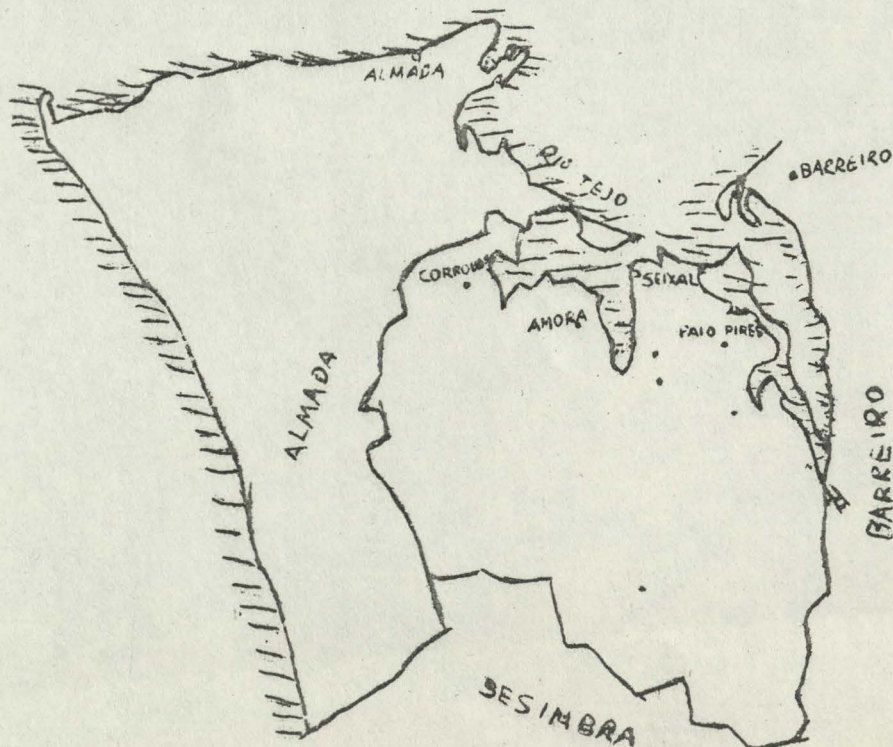
I-Localização do Seixal no território continental.



II O concelho do Seixal.



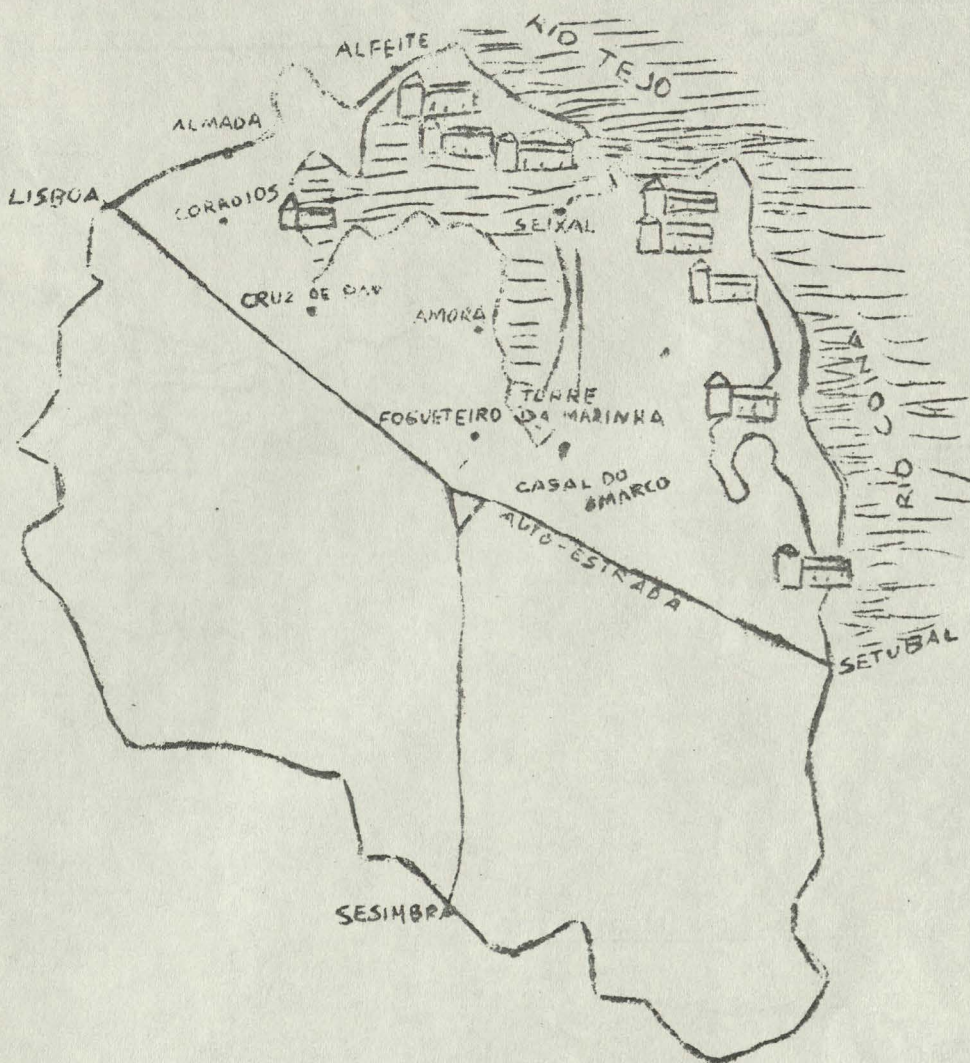
III- Os concelhos de Almada e Seixal.



NOTA: Até 1836 o Seixal pertenceu ao termo (área de um concelho) de Almada.

-Pinta com uma cor à tua escolha o concelho de Almada.

IV - MAPA DO CONCELHO DO SEIXAL



- Tracça no mapa o percurso de Almada ao Museu.

para preencheres esta ficha podes utilizar:

- Informações recolhidas por ti ao observares o Museu.
- Informações dadas pelos textos informativos que te foram fornecidos.
- Podes ainda, no caso de teres alguma dúvida ou de quereres satisfazer a tua curiosidade, pedir mais esclarecimentos às pessoas que trabalham no museu.

AS ACTIVIDADES ECONÓMICAS

1-AGRICULTURA: -SECÇÃO DE ETNOLOGIA

Indica a partir de que época passou a ser praticada esta actividade nesta zona. _____

-Identifica alguns produtos mais importantes. _____

-Explica para onde eram levados esses produtos. _____

2-PESCA:

-Identifica os instrumentos mais utilizados nesta tarefa. _____

-Regista o nome de alguns barcos utilizados pelos pescadores do Seixal _____

3-CONSTRUÇÃO NAVAL: -SECÇÃO DA ARQUEOLOGIA NAVAL.

-Regista neste espaço as impressões com que ficaste depois de observares o trabalho do carpinteiro de machado que se encontra nesta secção do museu. _____

4-INDÚSTRIA -SECÇÃO DA ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL

consulta -MOINHOS DE MARÉ:

a IV -Explica por palavras tuas a importância que os moinhos de maré tiveram para o abastecimento da cidade de Lisboa nomeadamente durante a época dos Descobrimentos. _____

-FÁBRICAS:

-Identifica (das mais antigas às mais recentes) as principais fábricas do coneelho. _____

Agora que recolheste informações relativas às actividades económicas do concelho do Seixal dá a tua opinião sobre:

-A semelhança ou diferença existente entre as actividades económicas praticadas neste concelho e as que são características do teu concelho-ALMADA.

ESCOLA PREPARATÓRIA DE ALMADA
Profissionalizandos do 1º grupo
1982/83

Uma exploração de tipo familiar

Esta visita teve como objectivo contrapor uma exploração de tipo industrial (já feito anteriormente, e em que os alunos viram o papel do patrão — que manda e organiza os trabalhos, o trabalho dos operários e a presença de um material moderno importante) a uma exploração agrícola de tipo familiar.

I - A visita à herdade:

Localização da herdade: está no meio da aldeia. Os campos situam-se à volta desta. Pode ver-se que as parcelas não eram muito grandes.

A população: os alunos foram acolhidos no pátio pelo lavrador, a sua mulher, os seus dois filhos. Não há trabalhadores.

As construções: vemos a disposição das construções, não muito grandes, em quadrado à volta do pátio. Vemos a garagem para as máquinas agrícolas, uma pequena oficina de reparação com uma forja e um banco de carpinteiro, um alpendre para o feno e palha, um estábulo, um alpendre para o material.

Vê-se ainda uma coelheira, uma capoeira, uma cave para conservar as forragens e a máquina de ordenhar ordenhar no estábulo.

O material: Há também muito, mas é menos importante e não parece novo.

II - Análise da economia da herdade através da visita e da entrevista no lavrador

Que animais se criam na herdade? Para quê?

O lavrador explica:

— Temos quinze vacas. Dão leite que se vende à leitaria mas também às pessoas da aldeia. O leite assegura-nos um rendimento todos os meses.

As vacas têm vitelos: vendemos alguns quando não estão ainda muito gordos. Guardamos as bezerras, para se tornarem em vacas leiteiras se forem bois são vendidos para o talho, após a engorda.

— Criamos galinhas para termos ovos para nós vendermos também alguns às pessoas da aldeia. Quanto aos coelhos, perús, patos, é a mesma coisa, criamos para os comer, mas vendemo-los também.

O que se cultiva?

Cultivamos beterrabas que vendemos à fábrica de açúcar, trigo que vendemos à cooperativa, mas também cevada para as aves de capoeira, forragens para o gado e batatas para nós e para a criação.

Como são alimentados os animais?

No Verão o gado está na pastagem. De Inverno damos-lhe feno, no Outono damos-lhe também folhas de beterraba.

Quando nascem os vitelos não os deixamos mamar nas mães porque necessitamos do leite para vender.

Damos-lhe leite em pó com farinha. Quando já estão bastante gordos comem como as vacas. Os coelhos comem feno e beterrabas forraginosas e erva fresca.

As aves comem cevada e trigo que guardamos quando da ceifa, batatas que cosemos e milho que tiramos das espigas.

O material: Têm muitas alfais agrícolas?

Temos material para cada tipo de trabalho, mas não é novo. Compramo-lo na ocasião.

III - O trabalho do lavrador e da sua mulher

Através das diferentes actividades que as crianças observaram no decurso do passeio e graças aos esclarecimentos que pediram ficaram com uma ideia precisa do trabalho nesta herdade.

Todos os dias, de manhã e à tarde, o lavrador e a mulher têm de ordenhar as vacas. De Inverno o lavrador deve ocupar-se do gado. Todos os dias, de manhã e à tarde, a mulher do lavrador dá de comer às aves e aos coelhos.

Durante o dia são os trabalhos do campo: a mulher do lavrador participa nas colheitas, no arranque das beterrabas, na sementeira e na apanha do feno.

IV - Procura de material antigo

Pesquisando no celeiro da herdade e nas construções as crianças descobriram antigos arreios de cavalos, velhas charruas, uma ceifeira

antiga, etc.

Apelâmos para as recordações do lavrador que lhes conta: "Quando era pequeno o meu pai tinha 3 cavalos, que serviam para puxar a charrua, a ceifeira para o feno, uma ceifeira enfardadeira para a colheita e o reboque para trazer a beterraba e os fardos de palha. Era preciso arrancar as beterrabas à mão."

De regresso à aula, as crianças irão comparar o que aprenderam com tudo o que tinham estudado sobre uma herdade de importância média e concluir que se as culturas são as mesmas, as condições de produção são diferentesw

L'école et la vie, nº 9, Junho 1978,
Françoise et Claude Picot

O PORTO DE PESCA

O primeiro objectivo é o de apreender o vocabulário geográfico.

O porto: noção de molhe, de farol, de boia (suas diferenças e utilidade) de encalhe, de doca.

A ideia essencial é a de fazer compreender a semelhança entre um porto e um abrigo, um porto de abrigo.

Observar a gravura de um porto pondo em evidência a utilidade do que protege o porto de mar.

Evidenciar ainda as sinalizações empregues para uma boa navegação.

O cais do porto: Para que serve um cais?

O papel da acostagem e da amarração (as abitas no navio: ver croquis num dicionário).

O papel da estrada pela qual os camiões, as viaturas, a via férrea podem chegar à proximidade mediata dos navios.

O comércio do peixe: A lota com o pregão, o transporte em frigoríficos, as fábricas de conserva (donde as indústrias anexas a um porto de pesca).

Preparação da lição

Esta depende essencialmente do material de que se dispõe: aqui, uma gravura representando um porto, acolá uma gravura de um barco de pesca em acção, uma reprodução de um quadro (marinha). Se faltarem documentos apropriados, propõe-se uma pequena investigação - sondagem:

- Consomem regularmente peixe fresco?
- Que peixe consomem sem ser peixe fresco, sob que forma é ele comercializado?
- Referências a publicidade televisiva sobre o peixe.

De onde provém este peixe? Responder-se-á a esta questão, na aula, após os resultados da sondagem. É necessário enriquecer esta investigação com uma visita à peixaria.

Deve fazer-se uma distinção rápida entre o peixe de água doce e

o de água salgada, entre os crustáceos, mariscos e os peixes.

A investigação recairá, naturalmente, sobre as diferentes pescas: não se fixará senão a pesca no alto mar e a pesca costeira.

Peixes pescados no alto mar: bacalhau, atum, arenque. Peixes costeiros: pescada, sardinha, etc.

Os textos ou uma simples exposição do professor provocarão a reflexão.

A conservação do peixe:

O peixe é um gênero alimentício que se deteriora facilmente. O modo mais corrente de conservá-lo é a congelação. Os pescadores, mesmo por um dia, levam gelo, do porto. No porto, existem instalações que, permitem fabricar gelo, distribuí-lo, que permitem mesmo, guardar no frio a pesca do dia.

O transporte do peixe fresco faz-se em vagons ou camiões frigoríficos.

Na pesca do alto mar o peixe é aberto e arranjado no navio (salgado ou congelado).

O essencial é mostrar todas as precauções tomadas para a conservação do peixe e para a sua distribuição rápida aos consumidores.

Como se pesca? Vamos fixar a nossa atenção em 3 processos de pesca:

— A pesca à linha

O navio vai colocar as linhas, de onde pendem os anzóis com iscas vivas. Flutuadores indicam o lugar onde as linhas estão imersas. Algumas horas depois o navio regressa e os marinheiros puxam as linhas (é, de qualquer modo, uma pesca à linha melhorada).

— A pesca de arrasto

Em que se deixa arrastar a rede gigantesca antes de a retirar, sob a forma de um grande saco. O navio deve ter um equipamento especial de elevação da rede de arrasto (mastros, treils). O arrastão. (o professor encontrará uns croquis ou uns desenhos em qualquer dicionário ou livro de geografia). Desenho no quadro e explicação.

— A pesca ao candeio é sobretudo praticada no mediterrâneo e no golfo da Gasconha. A luz atrai o peixe.

RENÉ FERNAND

Marcel Jacquelet

in L'école et la vie, nº 7

(Março 1973)

VISITA DE ESTUDO À FÁBRICA DE MASSAS ALIMENTÍCIAS
(Ficha de sistematização de conhecimentos)

A última aula de ESTUDOS SOCIAIS desenrolou-se fora da escola.

Foi uma aula de visita de estudo a uma unidade fabril da tua cidade.

Para aproveitares da melhor maneira a visita que efectuaste, vais reflectir sobre o que observaste, consultar os apontamentos que recolheste e preencher cuidadosamente esta ficha.

Saíste da escola. Seguiu-te ao longo da _____ e chegaste à fábrica.

- 1 - Diz como se chama ela. _____
- 2 - Indica a zona da cidade onde se localiza. _____
- 3 - _____
- 3 - Diz quantos trabalhadores emprega { Nas secções _____
No escritório _____
- 4 - Esta empresa pertence a _____
- 5 - Explica a sua situação junto da linha férrea _____

Entraste na fábrica e dirigiste-te à secção da _____

Aí chega um produto agrícola característico da tua região. Nomeia-o _____

Esse produto entra em _____, que são

movidas por _____ e vigiadas por _____

Quer dizer, a matéria-prima é _____ em _____

Esta última entra para outra secção, a das _____. Aqui,

verifica-se um novo processo de _____, do qual resulta o produto final: _____

Nesta secção há um compartimento altamente aquecido, a estufa, cuja

utilidade é a de _____

Seguiu-te depois para a última secção onde o produto final é _____:

Este trabalho é efectuado, umas vezes somente por _____ e

outras por _____

Esta secção é a do _____

Composição: semente de trigo e água
FÁBRICA DOS LEÕES
Sociedade Alentejana de Moagem, Lda.

ÉVORA



PORTUGAL

Na estufa por um lado, e em tado a fábrica por outro, sentiste que os trabalhadores podem ser perturbados pelo _____ e pelo _____ das máquinas .

Emite a tua opinião sobre as condições de trabalho que observaste _____



Agora, estás certamente preparado para iniciar uma nova unidade de ensino onde estudarás a actividade _____.

ESCOLA PREPARATÓRIA ANDRÉ DE RESENDE - ÉVORA

Nasci em.....

O Bilhete de Identidade que todos os portugueses têm de possuir, indica o nosso nome, com os apelidos que nos diferenciam dos outros membros da nossa família; a filiação; indica igualmente a data e local de nascimento; o local de residência; o estado civil e ainda características físicas; a altura e sobretudo a impressão do indicador direito.

O Bilhete tem ainda a fotografia do possuidor e a sua assinatura e é identificado por um número e a data de emissão.

Preenche aqui o teu Bilhete de Identidade

REGISTO CIVIL

O registo civil, sob a responsabilidade do Conservador do registo civil, pertence à respectiva conservadoria, funciona geralmente no edifício do Tribunal.

Os actos de estado civil: nascimento, casamento, morte, inscrevem-se em registos ou livros diferentes.

1. CERTIDÃO DE NASCIMENTO

Perante uma fotocópia de certidão de nascimento, reproduz a tua, tal como foi registada na conservatória do registo civil (os nomes do conservador e das duas testemunhas poderão ser fictícios ou representados por uma letra.

Quando há necessidade de se apresentar prova do estado civil, obtem-se na conservatória uma certidão que é a reprodução exacta, ou em extrato que contém as indicações essenciais e suficientes.

A quem devo escrever para pedir um extracto da minha certidão de nascimento? Que indicações devo fornecer? Quanto devo pagar?

Escreve a carta: _____

O CASAMENTO TAMBÉM OBRIGA A UM ACTO DE REGISTO CIVIL

-cola aqui uma fotografia de casamento:

2. REGISTO DE CASAMENTO

A assinatura do registo é uma cerimônia durante a qual o conservador do registo civil oficia, em condições estritamente prescritas pela lei: leitura de textos de código civil, pedido do consentimento dos noivos, etc..

Numa certidão de casamento procura:

- a data do casamento _____
- o nome dos noivos _____
- a sua profissão _____
- o seu domicilio _____
- o nome das testemunhas _____
- o nome do conservador do registo civil _____

REGISTO DE ÓBITO

Quando alguém morre, deve fazer-se dentro de 24 h uma declaração no registo civil. Esta contém várias informações: (completa utilizando dados fictícios)

Dia, hora e local da morte _____

Nome, apelidos, data e local de nascimento _____

Profissão e domicílio do defunto _____

Nomes e apelidos do conjugue, se o morto era casado, viúvo, ou divorciado _____

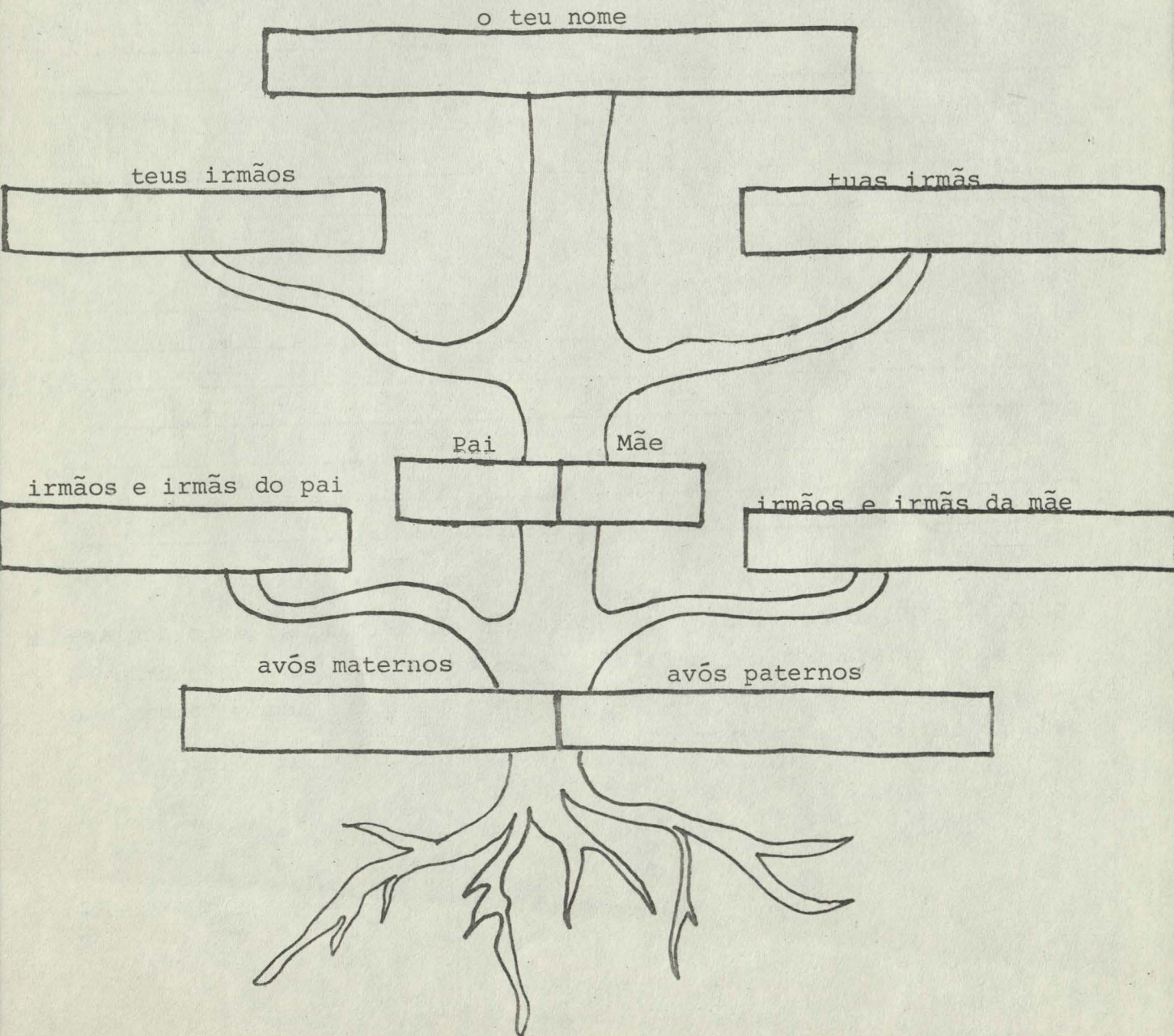
Nomes, apelidos, idade, profissão e domicílio do declarante e o parentesco deste com o defunto, se o tiver. _____

DECLARAÇÃO DE BENS - feita na Repartição das Finanças. Esta declaração, acompanhada por uma certidão de óbito do médico, escreve-se num terceiro registo que contém o registo de óbito sendo também averbado no registo de casamento.

A TUA FAMILIA

A árvore genealógica de uma família é um quadro que dá a filiação regular dos membros dessa família e das suas alianças.

Constrói a árvore genealógica da tua família, segundo este esquema.



EU TRABALHO - SOU ALUNO NA ESCOLA

PREPARATÓRIA DE _____

- . Começa por situar a tua Escola no mapa concelhio.
- . Faz a planta da tua Escola, medindo directamente no terreno.
- . Descreve todos os edificios e salas existentes.
- . Quando foi construida a tua Escola?
- . Qual o número de turmas existentes? E o de alunos? E o de Professores?
- . Faz o recenseamento dos estabelecimentos escolares da tua área (localidade, vila ou cidade) e situa-os na planta adoptando os seguintes sinais convencionais:

○ - jardins - escola ou escolas maternais

● - colégios

△ - escolas preparatórias

▲ - escolas secundárias

UTILIZO OS SERVIÇOS DE UTILIDADE PÚBLICA

. Serviços Privados

O esboço ao lado e as fotografias, mostram-nos o que se entende por serviços privados : trata-se de serviços que , embora à disposição do público, não são em cargos de câmara do Conselho mas dependem só de entidades particulares.

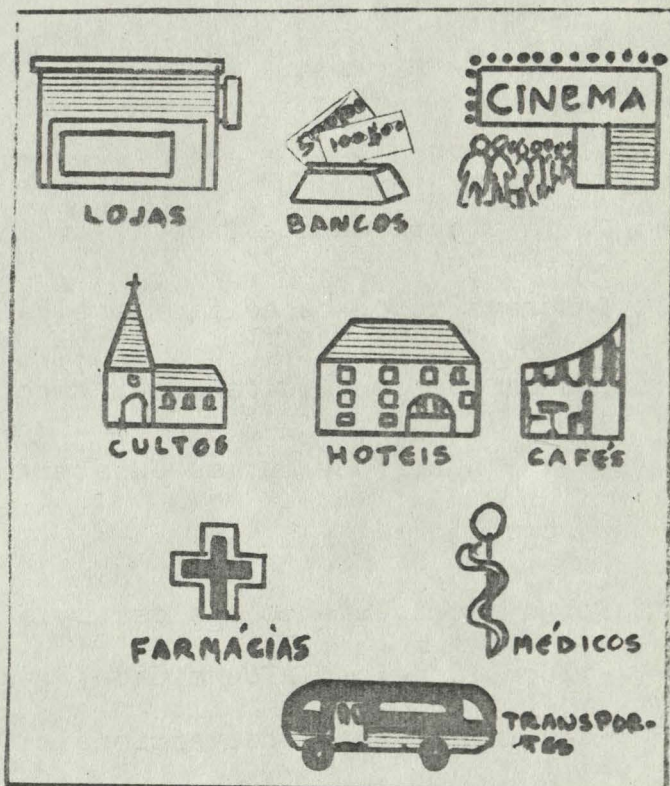
- As actividades comerciais constituem o sector mais importante destes serviços, serão portanto estudados à parte.

- Os Médicos podem ser funcionários públicos que é o caso dos delegados e subdelegados de saúde distritais e concelhios (responsáveis pelas vacinações obrigatórias e pelo estado sanitário)

Enquanto que os médicos se estabelecem à sua vontade no concelho o mesmo não acontece com as farmácias cuja instalação é regulamentada.

- O culto, após a separação das Igrejas do Estado (concordata 1947) é um assunto privado das autoridades eclesiásticas e dos fiéis.

Desenha aqui:



INQUÉRITO SOBRE OS SERVIÇOS PRIVADOS DE UTILIDADE PÚBLICA

O estudo das funções comerciais, um dos serviços privados mais importante do conselho ou do bairro, pode realizar-se por meio de um inquérito-individual ou colectivo.

Material a reunir:

A planta da localidade ou do bairro

Lápis de cor ou pontas de feltro

Estratégia:

No próprio local, nas ruas que percorres, situa na planta, os diferentes serviços utilizando sinais convencionais:

- - ALIMENTAÇÃO: padarias, pastelarias e cafés, leitarias, mercearias, frutarias, talhos, peixarias, etc.
- - EQUIPAMENTO INDIVIDUAL: retrosarias, vestuário, alfaites, lojas de tecidos, sapatarias, tinturarias, lavandarias, cabeleireiros, ourivesarias, etc.
- - EQUIPAMENTO DOMÉSTICO: mobiliário, antiquário, electricidade, rádio, marcenarias e carpintarias, etc.
- † - SAÚDE: farmácias, médicos, dentistas, parteiras, dispensários, hospitais, clínicas, etc.
- △ - TRANSPORTES: lojas de bicicletas, garagens, auto-serviços, agências de viagens, etc.
- ▲ - CULTURA, RECREIO E DESPORTOS: livrarias, bibliotecas, impressoras, teatros, cinemas, hotéis, cafés, restaurantes, fotógrafos, piscinas, estádios, parques, etc.

Circuitos comerciais - 2ª pesquisa

Limita-te ao sector alimentar, dividindo-o em 4 rubricas:

- Padarias/Pastelarias
- Mercarias
- Talhos
- Peixarias

. Pede aos comerciantes o favor de responder às seguintes perguntas:

(no padeiro)

- de onde vem a farinha que utiliza?

(ao merceiro)

- de onde recebe o vinho?

(ao talhante)

- onde vai comprar a carne que vende?

(ao peixeiro)

- de onde recebe o peixe?

. Compara as tuas respostas com as dos teus colegas.

MAPA DE CIRCUITOS COMERCIAIS

. Se os locais de origem dos produtos forem próximos utilizarás um mapa que abranja uma pequena área (de escala reduzida). Se pelo contrário os locais de origem dos produtos forem distantes utilizarás um mapa que abranja na grande área. (escala maior que a anterior):

- ~~Primeiro~~ situa o teu conselho
- Depois localiza as regiões onde se produzem os produtos alimentares das lojas onde se fez o inquérito
- Desenha por meio de setas o caminho desses produtos desde a origem até ao teu conselho (utiliza para cada produto uma cor diferente).

A EVOLUÇÃO DA VIDA QUOTIDIANA DESDE O COMEÇO DO SÉCULO

Alguns alunos trazem para a escola postais e fotografias do começo do século XX. Examinam-nos em grupo. Única indicação: identificar as áreas fotografadas. Vários dos alunos fazem referência aos edifícios públicos. A professora pede que indiquem todos os pormenores que justifiquem as respostas. Após trabalho individual, faz-se a síntese na turma. Elaboram-se colectivamente um itinerário que percorra os vários locais fotografados. No local, os alunos devem encontrar o ângulo de onde a fotografia foi tirada, fazer outra fotografia e anotar todas as modificações desde o começo do século. Grupos de quatro alunos responsabilizam-se particularmente por cada zona. As observações anotadas logo após o regresso à aula, são depois completadas com a comparação entre as fotografias antigas e recentes. Por meio de perguntas bem colocadas, o professor intervém sempre que necessário para facilitar a tomada de consciência das mudanças entre as duas épocas (aspecto da rua, das habitações, actividades económicas, infraestruturas colectivas, transportes, trajes...). Estas comparações contribuem para substituir progressivamente uma visão sincrética inicial uma percepção menos confusa do passado próximo, articulada em volta de alguns grandes períodos: antes e após o automóvel, a electricidade... Individualmente e depois por pequenos grupos, os alunos elaboram um texto de síntese reagrupando as suas observações na área de que eram responsáveis. A partir destes textos e das fotografias, realizou-se um album colectivo.

LUC, Jean Noel - L' Histoire par l' étude
du milieu

DA ALDEIA À CIDADE

A presença de quintas nos limites dos bairros modernos espanta os alunos. Uma entrevista não preparada junto dos pais e avós mostra à turma que "outrora" havia muitas mais, e que os habitantes tinham por hábito ir lá comprar leite. Para completar esta informação, os alunos propuseram visitar uma destas quintas e interrogar o proprietário. Elaboraram colectivamente um questionário: havia mais quintas? O que se fazia nelas? Porque desapareceram? Em resposta, o cultivador evoca o tempo em que o actual arrebalde não era mais que uma aldeiazinha perto da cidade. A urbanização transformou esta aldeia em centro histórico, no meio dos grandes conjuntos modernos, e suprimiu a quase totalidade das quintas. Alguns alunos vão ao arquivo municipal, onde o professor seleccionou previamente vários documentos. Fotocopiados na câmara alguns deles são trazidos para a escola. O recenseamento das produções agrícolas durante as duas guerras mundiais mostra aos alunos a importância das actividades rurais na sua zona.

Contam o número de explorações agrícolas em 1918, 1941 e 1975. O exame do caderno eleitoral de 1902 confirma a existência de numerosos cultivadores no início do século. Vários alunos surpreendem-se ao saber que a sua cidade nem sempre o foi. O professor aproveita a reacção para sensibilizar a turma à noção de urbanização como factor de evolução do quadro e modo de vida. Um texto de síntese e um friso parcial do século XX resumem as descobertas e impressões dos alunos.

LUC, Jean Noel - L'Histoire par l'étude du milieu

AS ANTIGAS FEIRAS DE UMA ALDEIA

Vários vestígios no meio suscitam a curiosidade dos alunos: grandes praças com anéis selados nas paredes ou em grandes marcos de pedra, um velho mercado fechado, uma casa antiga com torre, grandes chaminés ou velhos utensílios de cozinha. Alguns alunos evocam as antigas feiras da aldeia. Para saber mais sobre o assunto, a turma decide interrogar as pessoas de idade. Elabora-se um questionário, primeiro individualmente, depois colectivo. Organiza-se um trabalho de grupo ao redor de cinco temas: as feiras no tempo, as suas causas, o seu objecto, a ocupação do espaço por estas feiras, a sua atmosfera. A descoberta do passado não se limita a uma observação passiva. Após o exame dos vestígios presentes no seu meio, os alunos fazem perguntas e propõem respostas. Vão procurar noutras fontes a confirmação das suas suposições. Realizam diversas entrevistas. Estudam igualmente postais que trouxeram de casa e representam cenas de antigas feiras de gado. Comparando a planta actual da aldeia com a de 1833 que se conserva na câmara, apercebem-se de que as praças não ocupam senão uma pequena parte dos antigos campos de feira. As informações descobertas permitem-lhes identificar os traços deixados pelo passado no seu meio. Favorecem igualmente a tomada de consciência da mudança e da evolução. As feiras realizaram-se do século XVIII a 1939, oito vezes por ano. A sua desapareição reduziu o papel económico da aldeia. O espaço foi reordenado: recuo dos campos de feira em favor das construções, demolição da maior parte dos mercados, desaparecimento das hospedarias. A raridade de mulas e cavalos constatada pelos alunos nas quintas que conhecem é relacionada com a desapareição das feiras de gado. Como resultado do trabalho, organizam um album com as fotografias, textos e desenhos que realizaram. Graças a pesquisas documentais, ultrapassam o exemplo local e informam-se sobre a modernização das condições de vida e de trabalho no campo em relação com o desenvolvimento da máquina e dos meios de transporte no século XX.

LUC, Jean Noel - L' Histoire par l' étude du milieu

PROPOSTAS DE ESTRATÉGIA:

A fim de que este módulo possa contribuir para um adequado aproveitamento do meio, atingindo-se assim os objectivos nele definidos propomos, que antes de se iniciar qualquer abordagem sobre os trabalhos práticos propostos, se reflita, em conselho de disciplina, sobre:

- o valor pedagógico-didático do estudo do meio, tendo em conta o programa de Estudos Sociais/História;
- a escolha criteriosa das propostas e metodologias de trabalho, possíveis de adoptar, tendo em conta a realidade escola-meio e o programa de Estudos Sociais/História.

Como suporte deste debate aconselhamos a consulta dos textos inseridos em 4.1, 4.2 e 4.4 além do texto em anexo.

Ao apresentarmos toda esta diversidade de propostas concretas de actuação, umas visando especificamente uma rubrica programática, outras perspectivando globalmente o programa, resultantes ou não de experiências realizadas nas nossas escolas, pretendemos dar ao professor a possibilidade de fazer uma escolha adequada, tendo em conta a realidade aluno-escola-meio.

O ESTUDO DO MEIO

FINALIDADES - FINS - OBJECTIVOS

Finalidade da educação

Levar o indivíduo a situar-se de um modo crítico no seu meio

Fins da formação

Situar cada ciclo de formação numa perspectiva de educação permanente

Inserir o estudo do meio num projecto pedagógico definido

Clarificar e justificar o estudo permanente de um meio ambiente, instituindo uma série ordenada de estágios de curta duração fora da instituição escolar.

Objectivos dos estágios

Revelar e desenvolver as qualidades e capacidades do indivíduo aplicando os seus conhecimentos e a sua personalidade à realidade.

Provocar a disponibilidade física, intelectual e afectiva para com a acção educativa.

Tornar apto a tomar decisões num grupo criado a partir de experiências vividas e auxiliar cada um a encontrar o seu lugar próprio numa equipa.

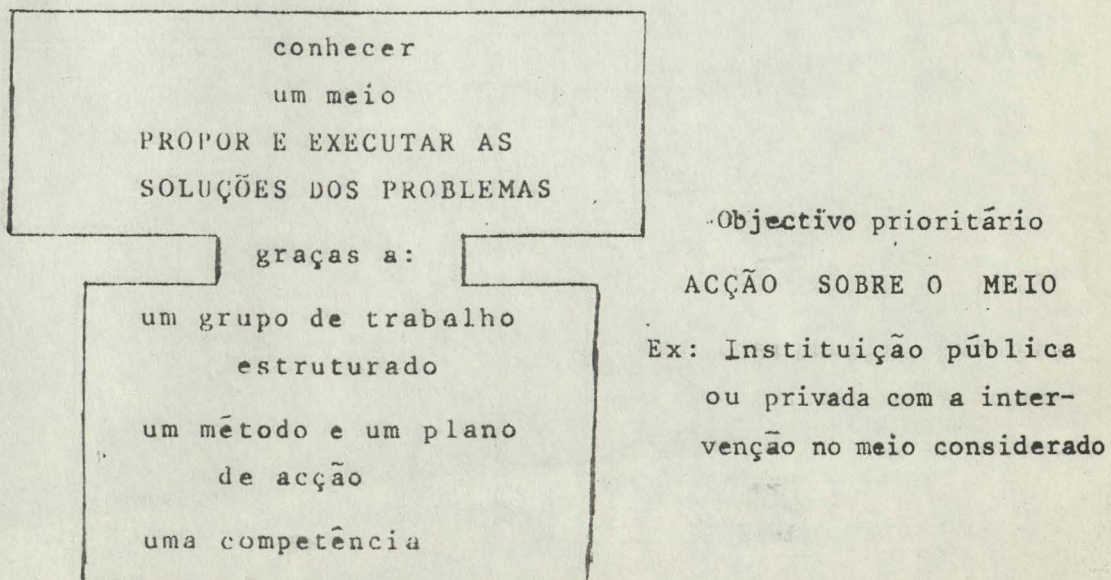
Adquirir elementos metodológicos de pensamento e acção.

Ser capaz de abordar e aprofundar o conhecimento de um meio dado.

Confrontar com as realidades as aquisições de diferentes disciplinas e avaliar a partir disto as carências. Tornar patentes as relações entre as diversas disciplinas.

Treinar os formadores na acção educativa pluri e inter-disciplinar.

FORMAÇÃO OU ACÇÃO



Suportes da progressão (emprego à medida das necessidades)	Desenvolvimento do trabalho	Locais	Grupos												
<ul style="list-style-type: none"> . Mapas . Todo o tipo de documentos . O programa de estudos em vigor 	<p>ANTES DO ESTUDO</p> <p style="text-align: center;"><u>ELABORAÇÃO DO PROJECTO</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ● Elaboração de uma posição comum de grupo sobre a finalidade, objectivos e métodos ● Ao mesmo tempo, início da constituição de um grupo real (objectivos - discussão - decisões) e não formal (uma eleição, por exemplo) ● Estudo e responsabilização das obrigações. Divisão das tarefas ● Pesquisa e delimitação de um sector de estudo rigoroso. 	<p>No estabelecimento (local de trabalho)</p> <p>(várias semanas antes)</p>	<p>G. G.</p>												
<ul style="list-style-type: none"> . Projectos de percurso (itinerários) 	<p>PRIMEIRA FASE</p> <p style="text-align: center;"><u>O PERCURSO</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ● Encontro com a realidade - o vivido ● Trata-se de: <table style="margin-left: 20px; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="padding-right: 10px;">percorrer</td> <td style="border-left: 1px solid black; border-right: 1px solid black; padding: 0 5px;">o meio</td> <td style="padding: 0 5px;">1^{as}</td> <td style="padding-left: 10px;">perguntas</td> </tr> <tr> <td style="padding-right: 10px;">aperceber-se</td> <td style="border-left: 1px solid black; border-right: 1px solid black; padding: 0 5px;">donde</td> <td style="padding: 0 5px;">1^{as}</td> <td style="padding-left: 10px;">sensações</td> </tr> <tr> <td style="padding-right: 10px;">exprimir</td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </table>	percorrer	o meio	1 ^{as}	perguntas	aperceber-se	donde	1 ^{as}	sensações	exprimir					
percorrer	o meio	1 ^{as}	perguntas												
aperceber-se	donde	1 ^{as}	sensações												
exprimir															

. Meios físicos de acesso à região

. Mapas: topográficos, geológicos, históricos, ecológicos

. Fotos aéreas

● Por:

- uma acção de observações
- um esboço de estruturação do espaço da população... (delimitação de zona)
- uma comparação dos vários aspectos do espaço

● Para:

Obter as primeiras representações individuais (r.1, r.2, r.3, ...)

Limites: a personalidade e experiência de cada participante fornecem os meios de percepção mas constituem parcialmente limites a essa percepção.

No começo, o meio funciona como espelho e remete para o observador a sua própria imagem

● O tratamento do assunto faz-se por meio de:

- trabalho em pesquisas pequenas por:
 - sector topográfico
 - tema
 - meio de abordagem
- comprometimento físico
- relação directa com o meio

● A referência aos conhecimentos por meio de:

- A comparação e a avaliação dos meios utilizados - o levantamento de carências
- A abertura de estúdios de

No terreno

P. G.

Na sala

G. G.

Georg-Eckert-Institut für internationale Schulbuchforschung Braunschweig Schulbuchbibliothek

apresentação e aprendizagem de novos meios:

de percepção: balanço dos métodos e materiais
revisão rápida das lacunas que entraram nos grupos

de expressão: verbal
não verbal (desenhos, montagens, etc)

Na sala

P. G.

A primeira fase conclui com:
- Uma apresentação do meio por cada equipe, para transmissão às outras equipes.

Na sala

P. G.

A SEGUNDA FASE
CONFRONTAÇÃO DE RESULTADOS

Tentativa de elaboração de uma apresentação comum aos grupos, segundo a qual o trabalho prosseguirá

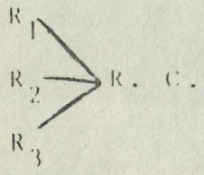
Surge uma alternativa:
Ou é fácil obter uma apresentação admitida por todos que resiste à tomada de consciência do valor dos meios utilizados e às verificações globais restantes

Na sala

G. G.

Limites: - estagiários / habituados a TG (solução de facilidade)
- domínio exercido por um grupo sobre os outros

A alternativa de partida
A "troca"



- Ou, após discussão, torna-se claro que é necessário:
 - melhorar os meios de percepção e expressão
 - retornar ao meio para verificar os argumentos e procurar novas informações de conjunto
 - report em comum os resultados obtidos para atingir a apresentação comum

Meio
Sala

O RELANÇAR DO TRABALHO

Determinação de um programa de trabalho em face da apresentação obtida

. O relançar do trabalho

- Classificar: os argumentos, perguntas, pontos fracos e anomalias, detectados ao elaborar a apresentação

. A contribuição de outras disciplinas

- Investigar : os sistemas que possam trazer respostas explícitas (mecanismo científico) as informações que faltam (ex: história, socio-economia)

Na sala

G. G.

. A tomada de decisão

- Assegurar-se: da fidelidade aos objectivos que presidem ao estudo
- Decidir:
 - 1 - das prioridades na colheita de novos dados
 - 2 - da composição das equipas que se encarregarão de o fazer
 - 3 - dos meios mais adequados

Novos
Grupos



TERCEIRA FASE

O TRABALHO

Realização pelos grupos dos trabalhos decididos em G. G.

. Emprego de todos os meios

Os itinerários

. As sessões de balanço

• ponto chave

• sensibilização a disciplina

. Recursos às referências

• humanas: testemunhas peritos

• documentais

. Sessões de comunicação

a organização dos locais

• Estudos realizados por cada disciplina

• Consideração dos caracteres específicos: habitat, recursos botânicos etc

• Utilização de meios interdisciplinares

• Emissão de hipótese e sua verificação para tentar responder às perguntas

intentar explicar

procurar informações:

pela interrogação do meio escolhido

- para interrogação das diversas fontes de informação ligadas à população

- Pela utilização de documentação.

• Tratamento da informação em cada sequência

• Comunicação permanente das informações do trabalho por cada equipe

No terreno

P. G.

Na sala

QUARTA FASE

AVALIAÇÃO

Reconstrução do conjunto do meio pela conjugação das conclusões das equipes.

. O trabalho de síntese

<p>. Os meios de expressão e de comunicação (montagens, exposições, etc)</p> <p>. A avaliação</p> <p>. A tomada de decisão</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Para fazer ressaltar: <ul style="list-style-type: none"> - a coerência: do meio, da abordagem - as contradições: do meio, abordagem com o fim de: <ul style="list-style-type: none"> - elaboração das respostas aos problemas - uma nova representação global do meio ● Para elaborar projectos possíveis: <ul style="list-style-type: none"> - de programa de desenvolvimento do meio - de formação: individuais, colectivos <ul style="list-style-type: none"> - retomada de conceitos reconhecidos como insuficientemente assimilados pelos pesquisadores - de recomeço do estudo iniciado anteriormente - relançamento do trabalho 	<p>Na sala</p>	<p>G. G.</p>
<p>Montagens diversas, exposições, memórias, etc.</p>	<p>APÓS O ESTUDO</p> <p>Restituição eventual das conclusões</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> à população interessada <input type="checkbox"/> a um público exterior. 	<p>Terreno</p>	<p>G. G. ou P. G.</p>

AVALIAÇÃO DO MÓDULO

I

Comente este módulo quanto a:

1. Utilidade
 - a) actualização científica
 - b) abertura de perspectivas diferentes de trabalho.
2. Oportunidade.
3. Outros aspectos.

II

Tendo em vista o futuro enriquecimento do módulo, envie:

1. Sugestões de textos ou documentos.
2. Sugestões bibliográficas.
3. Relatos de experiências.
4. Resultados de investigação referentes ao meio local.